

# O NOVO MUNDO

SOCIEDADE, VIVÊNCIAS, ATMOSFERAS

Projeto Final de Arquitetura

Ana Catarina de Ascensão Oliveira

**Orientadores:**

**Vertente Projetual**

José Luís Saldanha – Prof. Auxiliar do ISCTE-IUL

**Vertente Teórica**

Ana Vaz Milheiro – Prof. Auxiliar do ISCTE-IUL

Mestrado Integrado em Arquitetura

2012 - 2013



## FICHA TÉCNICA

### **PARTE VERTENTE PROJETUAL**

EXERCÍCIOS ELABORADOS EM GRUPO

WORKSHOP MARCA  
WORKSHOP BAFATÁ

TEMA II

TEMA III

GRUPO

CATARINA OLIVEIRA

JOÃO BAGORRO

JOÃO QUINAS

JOSÉ FERRÃO

PATRÍCIA OLIVEIRA

EXERCÍCIOS INDIVIDUAIS

TEMA I

TEMA IV

INDIVIDUAL

ANA CATARINA OLIVEIRA

### **PARTE VERTENTE TEÓRICA**

INDIVIDUAL

ANA CATARINA OLIVEIRA

# ÍNDICE GERAL

## AGRADECIMENTOS

### 1. PARTE - VERTENTE PROJECTUAL

<b>PREÂMBULO</b>	6
1.1. <i>WORKSHOP – A MARCA</i>	10
1.2. <i>WORKSHOP – GUINÉ-BISSAU</i>	26
1.3.	
<b>TEMA II - RECONHECIMENTO DO TERRITÓRIO E ESTRATÉGIA PROPOSTA</b>	38
1.4.	
<b>TEMA I - 4 CASAS NAS AMOREIRAS</b>	62
1.5.	
<b>TEMA III - ESPAÇO PÚBLICO NAS AMOREIRAS</b>	110
1.6.	
<b>TEMA IV</b>	150

### 2. PARTE - VERTENTE TEÓRICA

<i>O ESPÍRITO DO LUGAR:</i>	156
<b>TRANSFORMAÇÕES URBANAS GERADORAS DE NOVOS PÓLOS CÊNTRICOS</b>	



## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais o apoio e paciência incondicionais, sem os quais nada disto seria possível. Obrigada por estarem sempre presentes e nunca duvidarem de mim ou das minhas capacidades, encorajando-me sempre a seguir em frente e nunca desistir.

Às minhas irmãs, Patrícia e Mafalda, pelo carinho, companhia e auxílio constantes a que me habituaram. Sem vocês a vida não seria a mesma coisa.

Ao meu grupo de trabalho, João Bagorro, João Quinas e José Ferrão pelas incansáveis discussões e temas debatidos ao longo do ano, que me permitiram chegar mais longe e possibilitaram um ambiente de debate de ideias mas também de descontração.

Aos meus colegas e amigos João Sousa, Pedro Abalada, Filipe Ameixa, Rita Patinha e Nádía Sousa por todo o empenho e amizade demonstrados durante os últimos anos, e por integrarem não só o meu percurso académico mas também pessoal.

Ao professor Paulo Tormenta Pinto pelo acompanhamento e debate dos trabalhos desenvolvidos ao longo do ano, bem como a disponibilidade sempre demonstrada.

Ao professor José Luís Saldanha, também pelo acompanhamento e discussão dos trabalhos desenvolvidos não só neste último ano mas em todos os anteriores, bem como as críticas, debates e conselhos que me ajudaram e permitiram evoluir.

À professora Ana Vaz Milheiro pela orientação e incentivo demonstrados nos últimos dois anos.

A todos os docentes e colegas que fizeram parte do meu percurso pelo ISCTE-IUL.

Muito Obrigada!



# **PARTE I**

VERTENTE PROJETUAL



**BRAVE NEW WORLD**  
The Future is Here

# PREÂMBULO

O presente ano letivo tem início num exercício introdutório, que teria como objetivo enquadrar os alunos dentro dos pressupostos gerais da cadeira, através de um *workshop* de carácter abstrato intitulado “Marca, Texto e Espaço”. Este exercício seria produzido em grupo, que viria a ser transposto para todos os outros exercícios. Esta equipa de trabalho figurou ao longo de todo o ano como alicerce de suporte para todos os projetos que viriam a ser elaborados por cada um, pelo que se tornou uma presença muito forte tanto em trabalhos coletivos como individuais.

Nesta primeira fase de trabalho previa-se a exploração das potencialidades de uma marca, criada com um objeto banal do cotidiano, posteriormente embebido em tinta-da-china, que funcionaria como carimbo de forma a produzir uma marca em papel. De seguida, através da apropriação de um excerto literário que complementasse a marca, o grupo estabeleceria a ligação destes componentes com a formulação de um lugar arquitetónico. Esse espaço, que parte conceptualmente da marca e do excerto, teria de ser representado através de um processo de adição, subtração ou de planos, estabelecendo conceptualmente 3 grandes campos de pesquisa para o início do ano. Com isto, colocou-se, simultaneamente, os alunos dentro de um pensamento arquitetónico abstrato com várias ligações de nível teórico e conceptual.

“O futuro não pode interessar-nos, a não ser que as suas profecias tenham a aparência de coisas cuja realização se pode conceber. “

HUXLEY, Aldus (1946), *Admirável Mundo Novo*, p.4

De seguida foi introduzido o conceito principal de ano, “O Admirável Mundo Novo”, com uma base de pensamento conceptual e social apoiada na obra literária *Brave New World*, bem como em projeções cinematográficas com um conceito utópico, expostas no decorrer do ano letivo. Neste contexto é lançado o exercício do Tema I, quatro casas nas Amoreiras, exercício individual onde cada um dos elementos do grupo escolheria uma zona, dentro do terreno de intervenção proposto. Dentro da

proposta de intervenção, estava a formulação de uma questão – as habitações terão de ser pensadas dentro de um conceito de mundo novo, projetando essas habitações para daqui a 20 anos.

Primariamente e de modo a conhecer o território proposto, formulando uma melhor inserção do tema habitacional, é introduzido o Tema II, que pressupunha um reconhecimento do território. Neste tema, propõe-se um exercício que permitisse a relação entre a macro escala e a micro escala, entre a análise estratégica do território e a intervenção arquitetónica detalhada. Assim, dentro da elaboração de um conceito de mundo novo em paralelo com o projeto de arquitetura, previa-se a definição de um perfil social que contemplasse a baliza temporal definida anteriormente, sendo que as habitações deveriam respeitar o mesmo ideologicamente. O objetivo deste exercício seria a criação de uma lógica global na intervenção de todos os elementos do grupo, estabelecendo um percurso urbano, dentro do território selecionado, de forma a estabelecer uma coerência quer a nível conceptual, como a nível da intervenção no território. Deste modo cada habitação não respeitaria apenas uma lógica referente ao espaço interno, como seria também inserida dentro de uma lógica urbana, permitindo a elaboração de um discurso, não só mais abrangente e contextualizado na cidade, como mais detalhado, numa relação de escalas constantes que só traria benefícios ao conjunto de trabalho.

Em paralelo com esta investigação, é proposto um *workshop* para a cidade de Bafatá, enquadrado também dentro do contexto de equipa proposto para este ano. Este é efetivado a propósito da comemoração do 90º aniversário do nascimento de Amílcar Cabral, personagem que também preconiza uma reflexão social, tal como proposto no exercício de projeto. Aqui era pretendida a elaboração de uma estrutura efémera que compreendesse um centro de estudos, documentação e investigação, tendo como base os estudos pós-coloniais, e as obras literárias deste revolucionário guineense. Apesar do carácter efémero pretendido, era pressuposto que o objeto marcasse fisicamente o local, mesmo quando este não se encontrasse em funcionamento, reforçando o conceito de marca no contexto do ano letivo, presente desde o exercício de arranque. Desta forma, alargava-se a reflexão social a outras culturas e a outras ideologias, apoiando-se na ideia subentendida de «marca», de modo a alcançar os objetivos propostos para o *workshop*.

Voltando ao já referido Tema I, e com as reflexões sociais com maior grau de abrangência, as habitações sofrem um maior enfoque, sendo o trabalho apoiado em todos os temas referidos ao longo dos exercícios. Em continuidade com o trabalho individual das habitações, propõe-se um novo exercício de intervenção que, complementando o exercício de nível urbano do tema II, pressuponha a elaboração de uma intervenção ao nível do espaço público. Tratando, assim, os espaços de mediação entre os projetos individuais, de modo a que num projeto só se compreendesse toda a zona de intervenção. Agora já com o projeto das habitações em processo de desenvolvimento avançado, a intervenção no espaço público poderia chegar a um maior nível de detalhe, assumindo-se quase como um plano de pormenor para a zona. Procurou-se então fundamentar todo o trabalho produzido, concluindo as pretensões das intervenções individuais, surgindo como um exercício que robusteceria todas as propostas exercidas.

Como conclusão do ano letivo é realizado um trabalho individual, Tema IV, que estabelecesse uma relação entre todos os exercícios anteriores, funcionando como síntese dos mesmos. Este último tema pressuponha a realização de um trabalho de tema livre que enquadrasse o percurso de cada estudante, podendo ganhar um carácter imaterial. Entre os possíveis temas foram lançadas algumas pistas de trabalhos possíveis, como a aplicação direta de um ensaio a partir do trabalho desenvolvido nos laboratórios, ou então um exercício de representação, performativo ou até mesmo literário que sintetizasse o projeto das habitações. Com isto, haveria um trabalho realizado no final do ano que ajudaria os estudantes a sintetizar todos os exercícios, servindo elemento reavivador de todo o percurso realizado.



# OBJECTO DO QUOTIDIANO Tendo como pressuposto encontrar uma marca/símbolo produzida por um objeto do quotidiano embebido em tinta-da-china, a nossa escolha foi a garrafa de plástico. Na tentativa de conseguir uma impressão mais orgânica e fluida optámos por achatar a garrafa depois de a envolver em papel de jornal, uma vez que o plástico não adere a elementos líquidos como a tinta.

# WORKSHOP

# A MARCA

MARCA, TEXTO E ESPAÇO

LISBOA, PORTUGAL  
2012

## *Exercício I*

Ao fim de um processo de síntese das varias marcas produzidas optou-se pela marca resultante de uma experiencia regida mais pelo estímulo que pelo intento. Tentando evitar um constrangimento à forma da garrafa, que poderia ser limitativa e demasiado literal, procurámos uma marca que suscitasse uma interpretação mais ampla e dinâmica. Pretendia-se uma imagem de desenho «descontrolado» que ao mesmo tempo denunciasses um domínio entre a mancha e a linha, o cheio e o vazio. De seguida passou-se à fase de conceção espacial que o carimbo poderia indiciar. Esta passagem do desenho para o espaço arquitetónico foi testada no modelo de maquete, transpondo a marca para um rasgo que atravessa uma massa sólida de 30cm<sup>3</sup>. Assim, é abordado o tema do negativo/positivo, bem como todo o processo conceptual que começa numa folha branca, dá lugar a um ponto, uma linha, uma ideia, um projeto, referido por Fernando Távora em “Da Organização Do Espaço”.



## *DIMENSÕES, RELAÇÕES E CARACTERÍSTICAS DO ESPAÇO ORGANIZADO*

“Quando sobre uma folha de papel branco marcamos um ponto, poderemos dizer, embora convencionalmente, que este ponto organiza tal folha, tal superfície, tal espaço, a duas dimensões, sabido como é que a sua posição pode ser definida por dois valores  $(x, y)$  em relação a um determinado sistema de coordenadas. Se, porém, concebemos tal ponto levantado, afastado da mesma folha de papel, poderemos dizer, embora também convencionalmente, que ele organiza o espaço a três dimensões, dado que a sua posição pode igualmente ser definida, agora por três valores  $(x, y, z)$ , em relação a um determinado sistema de coordenadas. Mas existe uma terceira hipótese – a de o mesmo ponto se encontrar não parado, não estático, mas em movimento e, nesse caso, aos três valores ou dimensões  $(x, y, z)$  que o definem haverá que acrescentar uma quarta dimensão  $t$  (tempo), dispondo-se assim de um conjunto de dimensões que permite localizar o mesmo ponto em cada posição da sua trajetória e em relação a um determinado sistema de coordenadas.

Ao referirmos acima a organização do espaço a duas e três dimensões, utilizamos o termo «convencionalmente», visto ser sabido que a quarta dimensão, tempo, não pode pôr-se à margem em qualquer dos casos, verdade hoje corrente mercê da teoria da relatividade com a sua noção de «espaço - tempo». Falar portanto em espaço organizado a duas e três dimensões significa tomar uma atitude convencional, útil para determinadas classificações, mas não correspondendo à realidade.

Mas, porque os volumes são envolvidos por superfícies, estas são geradas por linhas e estas ainda por pontos pode concluir-se, generalizando o que foi dito, que os volumes, as superfícies e as linhas constituem, tanto como os pontos, acontecimentos de organização do espaço, aos quais se dá o nome geral de formas.”

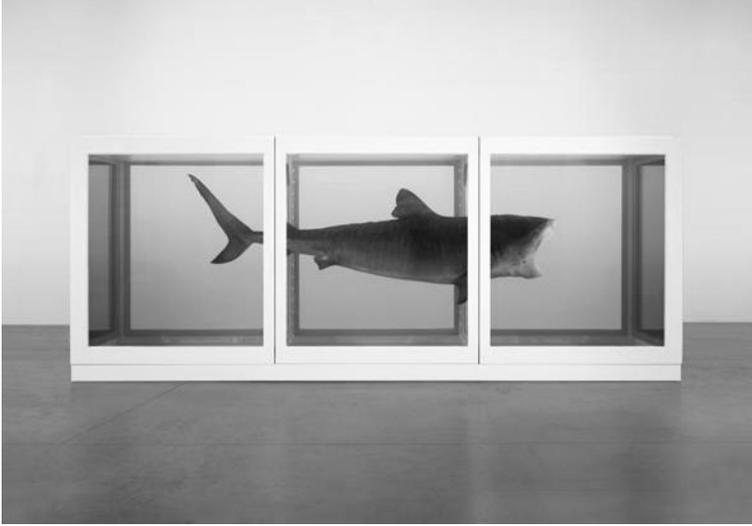
As formas organizam assim o espaço, mas tal como a folha de papel que inicialmente referimos e onde marcámos um ponto é um espaço que constitui também forma, que é como que um negativo do mesmo ponto, poderemos, generalizando igualmente, afirmar que aquilo a que chamamos espaço é também forma, negativo ou molde das formas que os nossos olhos apreendem, dado que num sentido visual, que é aquele que para o caso importa considerar, o espaço é aquilo que os nossos olhos não conseguem apreender por processos naturais. Visualmente, portanto, poderemos considerar que as formas animam o espaço e dele vivem, mas não deverá nunca esquecer-se que, num conceito mais real, o mesmo espaço constitui igualmente forma, até porque aquilo a que chamamos espaço é constituído por matéria e não apenas as formas que nele existem e o ocupam, como os nossos olhos deixam supor.

Esta noção, tantas vezes esquecida, de que o espaço que separa – e liga – as formas é também forma, é noção fundamental, pois é ela que nos permite ganhar consciência plena de que não há formas isoladas e de que uma relação existe sempre, quer entre as formas isoladas e de que uma relação existe sempre, quer entre as formas que vemos ocuparem o espaço, quer entre elas e o espaço que, embora não vejamos, sabemos constituir forma – negativo ou molde – das formas aparentes.”



A maneira como no texto é abordada a temática do espaço, a perspectiva de como o homem pode interagir para o organizar, permitiu traçar um paralelo com o processo de conceção espacial. Os princípios trabalhados são equivalentes aos apresentados no excerto, desde o ponto colocado na folha, numa procura de uma composição harmoniosa entre o cheio da mancha e o vazio do papel, até ao encontro de uma forma final, que tanto pode ser o molde como o seu negativo. Trabalhar estes conceitos tornou-se fundamental e a consciência dos mesmos, veio ajudar à construção do espaço proposto.

Momentos como os que se observam no The Siq em Petra, na Jordânia, representam uma incrível e magnífica interpretação do espaço idealizado para o exercício em questão. Além dessa espacialidade também o efeito lumíneo é muito semelhante, no entanto, ao procurar diferentes estímulos de representação tridimensional da mancha surge a ideia de repetir a marca selecionada em diferentes *layers*. Pelo que, ao invés da massa, procurou-se trabalhar por planos (figura 5 e 6). Estes, no seu conjunto, recriam o efeito de gruta e do espaço rasgado de um desfiladeiro, mas ao mesmo tempo permitem várias entradas de luz que por sua vez dão lugar a novos efeitos e a uma ambiguidade entre os conceitos explorados durante o processo: massa / planos, positivo/negativo.



2. The Siq at Petra

Fonte: <http://patriciacardoso-turismo.blogspot.pt/2010/05/petra-jordania-cidade-de-pedra-cor-de.html>

3. The Siq at Petra

Fonte: <http://blog.longnow.org/01999/02/10/visiting-petra/>

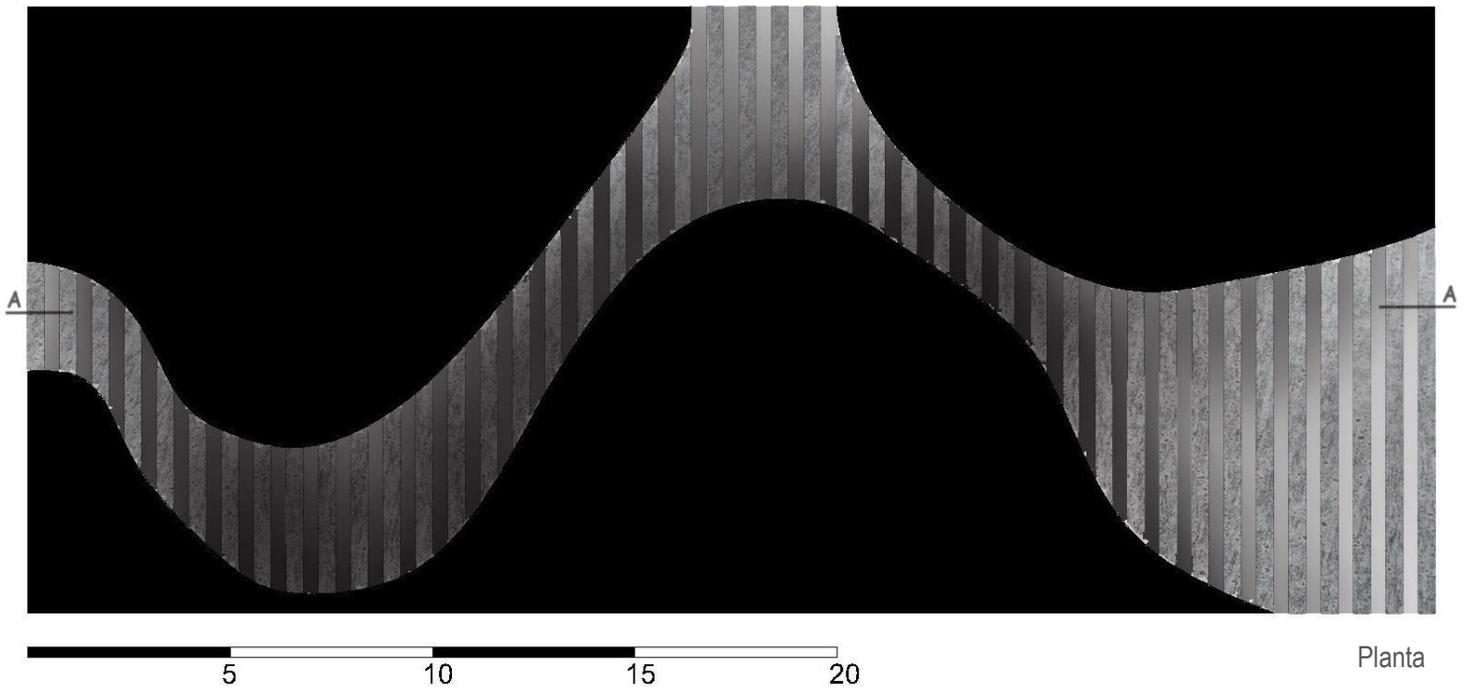
4. Gand Canyon in Arizona

Fonte: <http://www.wallpapersbuzz.com/arizona/shaws-of-light.html>

5. 'The Physical Impossibility of Death in the Mind of Someone Living'

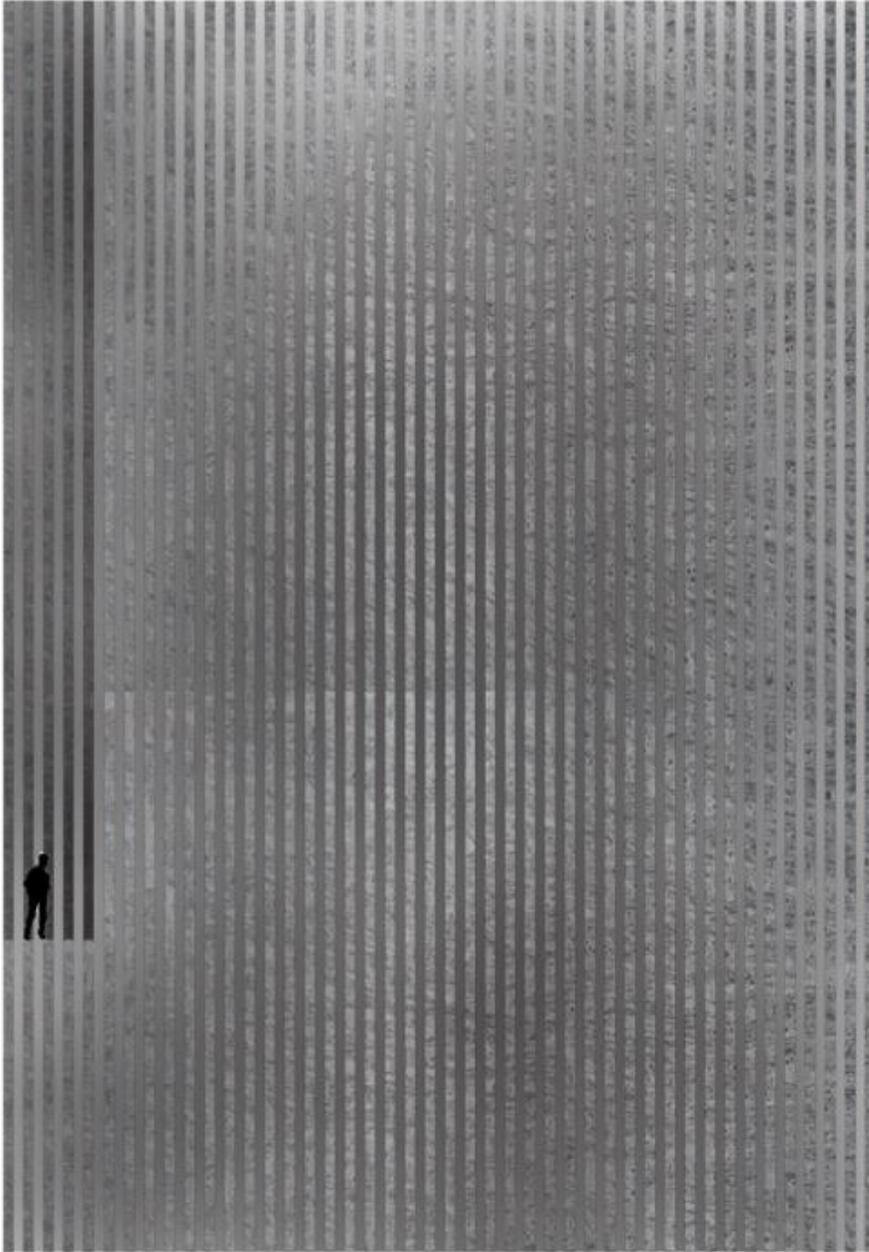
6. Mother and Child Divided '93

Fonte: <http://www.damienhirst.com>

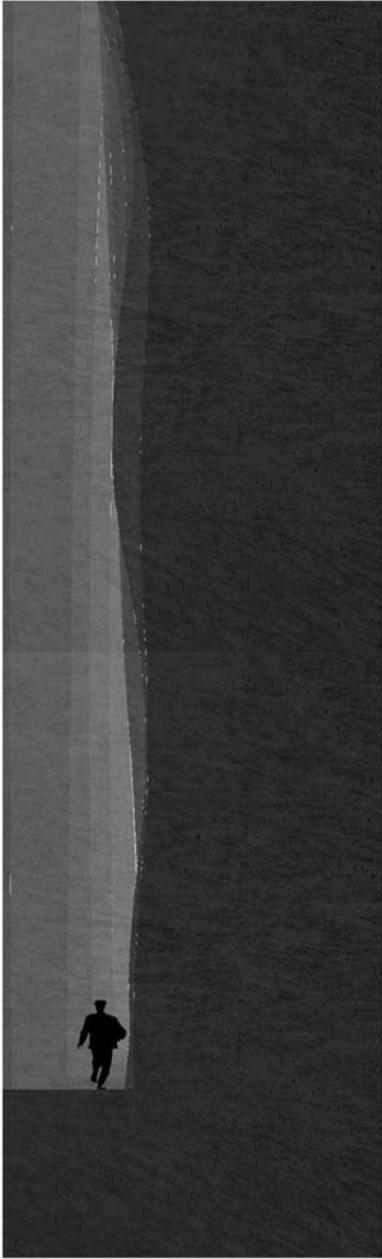




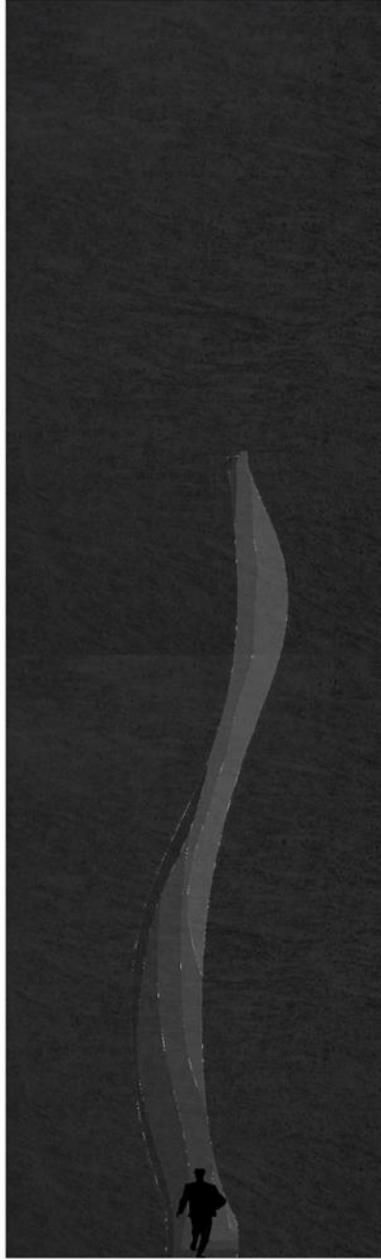
Corte A



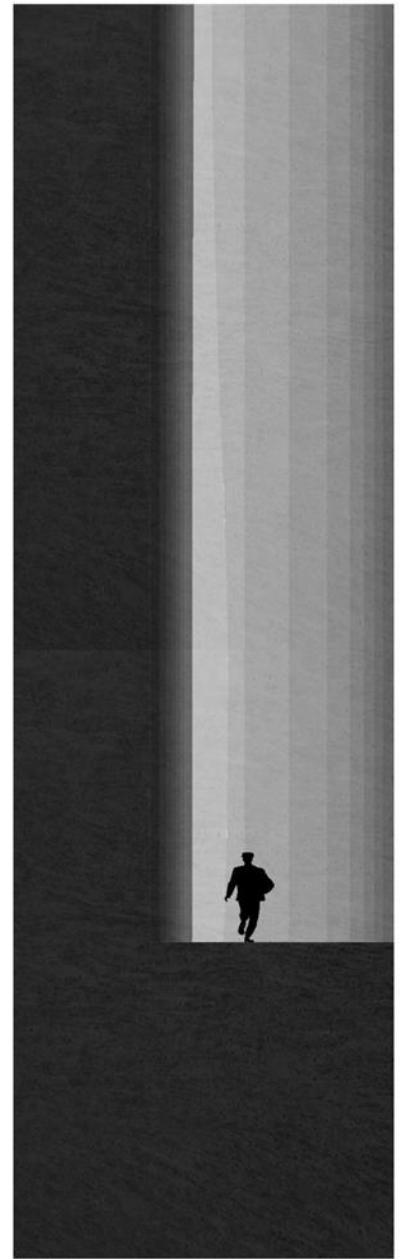
Alçado Poente



Corte B



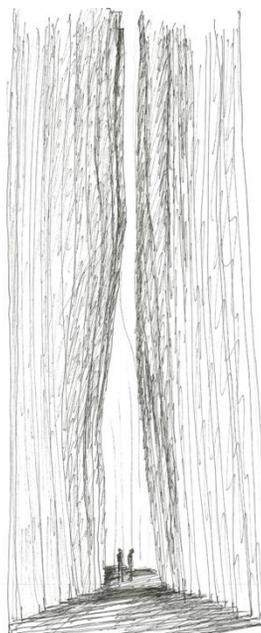
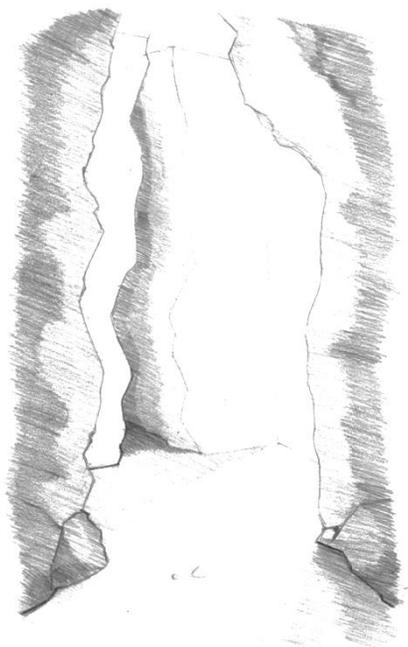
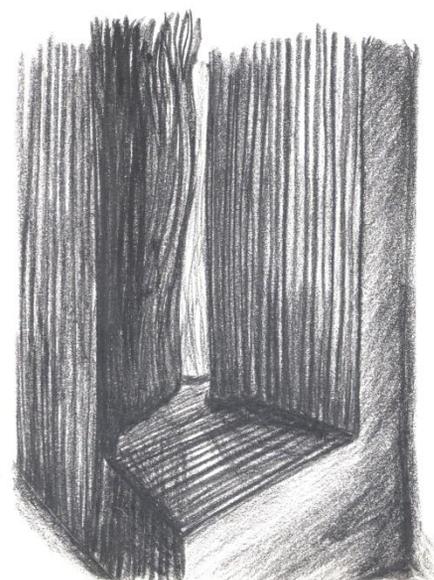
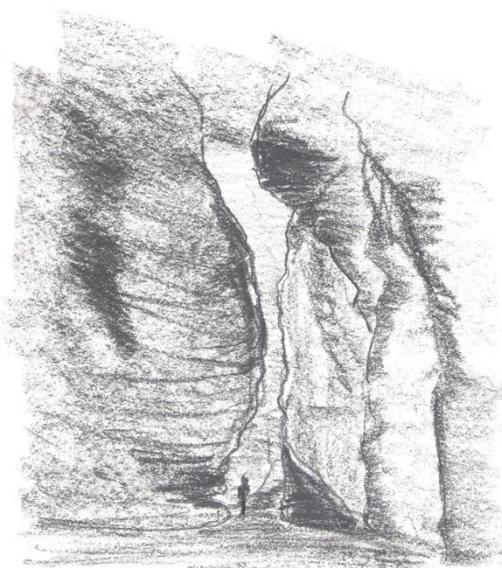
Alçado Sul



Alçado Norte

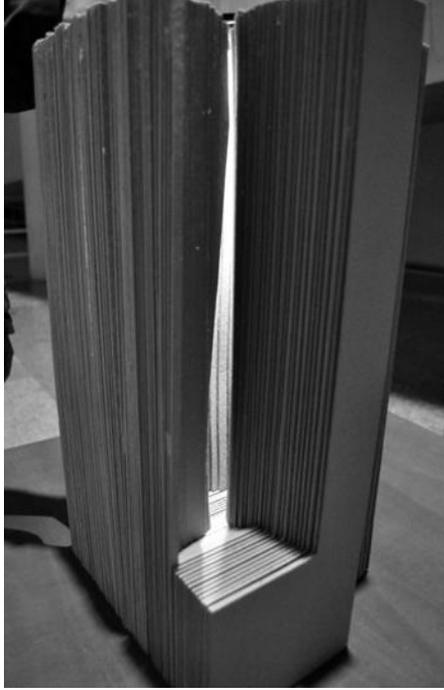






grupo  
Catarina Oliveira  
João Bagorro  
João Quinas  
José Ferrão  
Patrícia Oliveira











# WORKSHOP

# GUINÉ-BISSAU

## BAFÁTA, GUINÉ-BISSAU

### 2012

#### *Exercício II*

A cidade de Bafatá situa-se no coração do território da Guiné-Bissau e é banhada pelo Rio Geba. O centro da cidade é fortemente marcado pela presença colonial portuguesa, visível tanto no traçado urbano, como também nos diversos estratos arquitetónicos que a qualificam.

É em torno de um *boulevard* que articula, no sentido Nordeste/Sudoeste, a principal *entrada* na cidade com o Geba, que o traçado de quarteirões urbanos se organiza. Este grande eixo, estruturante, conecta também os edifícios públicos mais marcantes da cidade. Ao fundo deste, já na proximidade da Rio Geba, localiza-se um largo, onde foi implantado o busto de Amílcar Cabral. Para este largo convergem edifícios como o mercado municipal delineado sob um tematismo moçárabe, bem como um núcleo de piscinas, possivelmente projetado na década de 60 e que atualmente se encontra em elevado estado de degradação. É nas proximidades deste núcleo habitacional que se situa a casa onde terá nascido Amílcar Cabral. A cidade de Bafatá encontra-se, de modo geral, num estado depressivo, com pouca atividade, situação que contrasta fortemente com a sua periferia, de grande dimensão e agregadora de uma forte atividade comercial, adquirindo maior protagonismo.



# AMÍLCAR CABRAL Nasce em Bafatá, Guiné-Bissau, no dia 12 de Setembro de 1924. Foi um dos mais carismáticos líderes africanos, um grande pensador do seu tempo, não se limitando apenas ao plano político, tendo contribuído de maneira importante para a cultura, nomeadamente em Cabo Verde e na Guiné-Bissau. Sendo o líder do PAIGC, e levando o conflito contra os colonialistas portugueses, Cabral tinha o objetivo de alcançar a independência da Guiné e Cabo Verde.

Em 1963 dá-se o início da luta armada contra Portugal colonial com o ataque ao quartel de Tite. Em 1973, no dia 20 de Janeiro, Amílcar é assassinado em Conacri por dois membros do seu próprio partido, passando Aristides Pereira a ser o seu substituto na chefia do PAIGC.

7. Bafatá, Guiné-Bissau

Fonte: <http://blogueforanadaevaotres.blogspot.pt/2011/05/guine-6374-p8236-notas-fotocaligraficas.html>

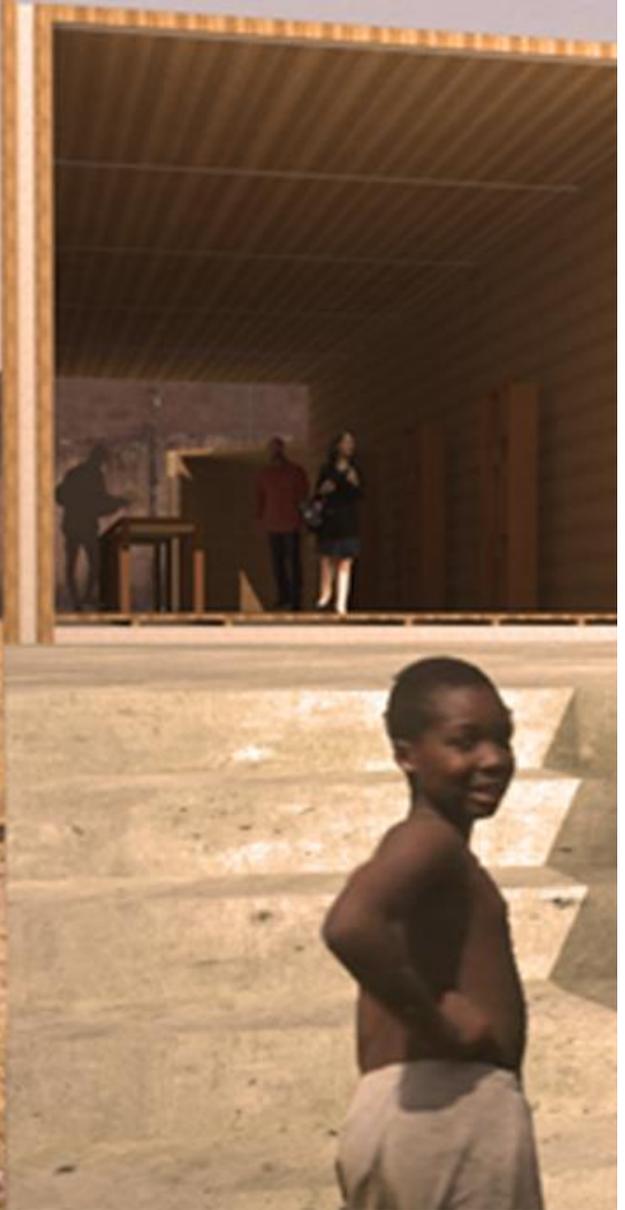
8. Amílcar Cabral

Fonte: <http://www.mindennapiafrika.info/wp-content/uploads/2010/02/amilcar1.jpg>

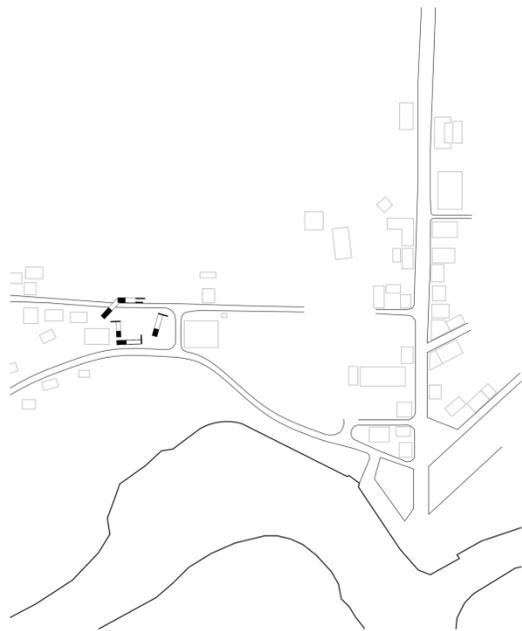
## O PENSAMENTO PROJETUAL

O pensamento arquitetónico parte de uma vontade de ligar o edifício, tanto formal como conceptualmente, aos valores defendidos pelo político e pensador guineense Amílcar Cabral, dos quais sobressaem o respeito pela diferença e a perceção de pluralidade. Tendo em conta esta resguardada visão de igualdade o projeto divide-se em vários blocos, idênticos na sua globalidade, mas com pequenas variações que os diferenciam. O Centro Interpretativo localiza-se entre a cidade formal, construída pelos colonizadores portugueses, e a cidade informal, a cidade vernacular construída pelos guineenses. Assim, o projeto poderá surgir como elemento de ligação destas “duas cidades” existentes na malha de Bafatá, bem como aproximar os dois centros urbanos, já que a população reside na sua maioria na cidade informal e para visitar o edifício precisa de se deslocar até ao centro construído pelos portugueses. Não obstante a esta visão de pluralidade, a unidade do projeto é também um fator muito importante, e dentro dessa linha de pensamento demonstrou-se necessária a criação de um recinto. Este encontra-se composto pela disposição dos vários blocos no território, criando relações quer pela proximidade, quer pelo afastamento controlado, formando uma espécie de praça aberta. Esta forma um auditório ao ar livre que, aquando do encerramento do Centro Interpretativo, poderá funcionar como local para mercados, projeção de filmes e palestras, abrindo-se a atividades de interesse comunitário. Um ponto fulcral do projeto é a não atribuição de uma função específica a cada bloco.

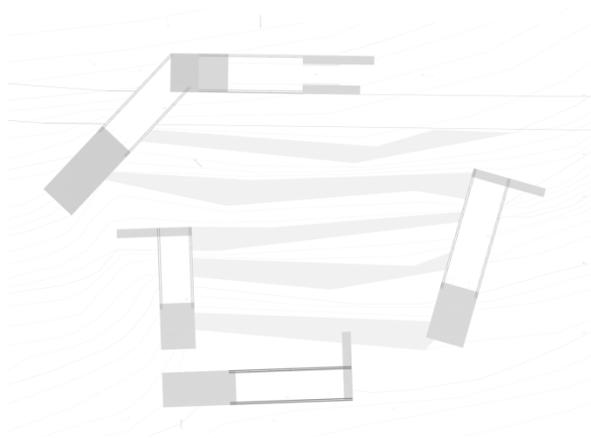
Esta renúncia é afirmada pela consciência de uma forte tendência de apropriação por parte da população local dos edifícios construídos. Os blocos são constituídos por dois elementos – blocos de betão, que funcionam como sapatas de grande escala, onde assentam estruturas de madeira efémeras. Estas são compostas por lâminas, sustentadas por uma estrutura metálica, permitindo a ventilação dos blocos e uma favorável salubridade, sem entrada direta de sol. O contacto com o exterior é valorizado, já que em certos momentos as estruturas de madeira apenas definem o espaço sem o encerrar. Por fim, é dado grande ênfase aos elementos arbóreos, que oferecem sombreamento ao auditório e estabelecem uma ligação entre os vários blocos. O edifício vive, assim, de dois momentos – a exposição, onde os elementos de madeira assumem maior presença, e a pós-exposição, onde os blocos de betão permanecerão no local, como memória e marca do projeto.



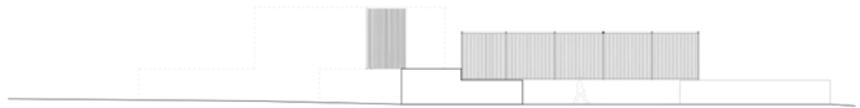
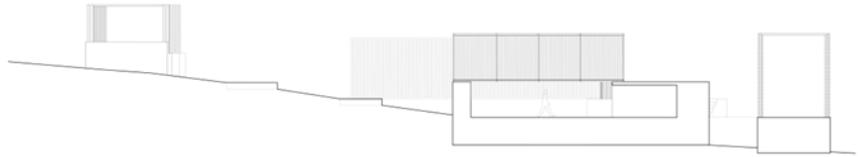




planta implantação

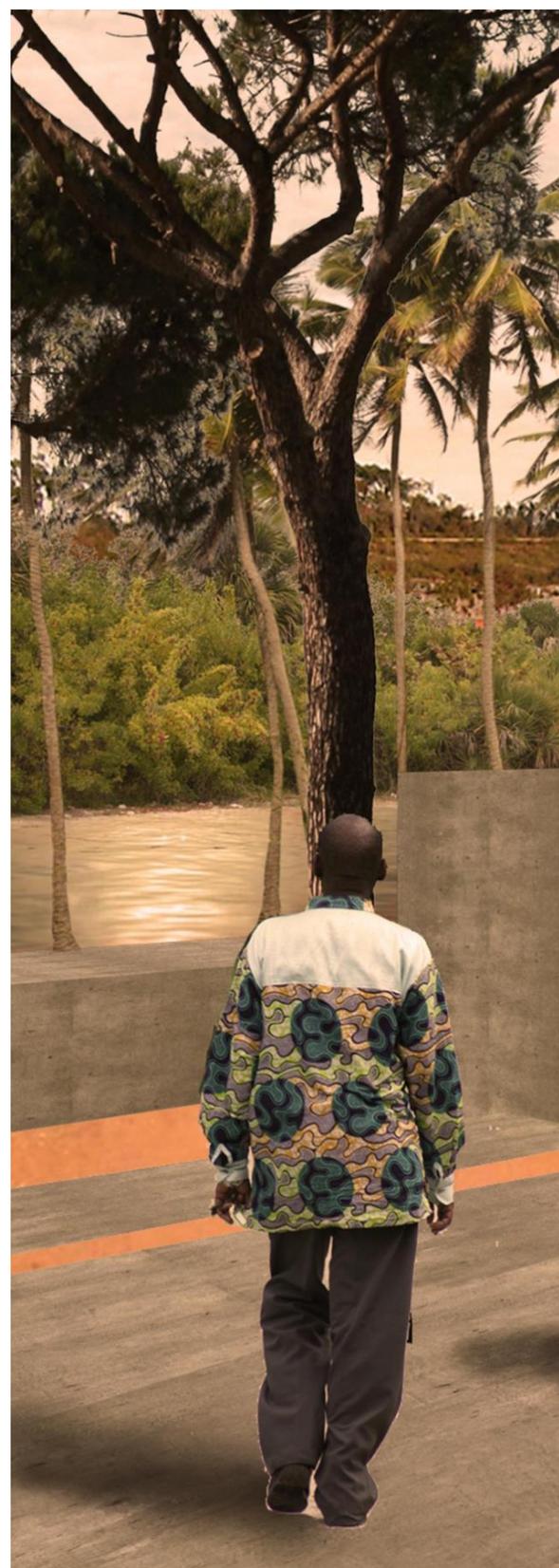


planta de conjunto













# RECONHECIMENTO DO TERRITÓRIO E ESTRATÉGIA PROPOSTA

## TEMA I

AMOREIRAS, LISBOA, PORTUGAL  
2012

### *Exercício III*

Situada no cruzamento de velhos caminhos que ligavam a capital e seus arredores, a zona das Amoreiras e do Rato constitui a fronteira entre a cidade antiga e as novas áreas de expansão do século XX. Começa por ganhar dimensão urbana com a construção da Real Fábrica das Sedas, fundada pelo rei D. João V, numa época de incremento da indústria em Portugal, e da autoria de Carlos Mardel, estando concluída em 1741 e ocupando todo um quarteirão no topo do Largo do Rato. Junto à fábrica foi aberta uma praça, a Praça das Amoreiras, em volta da qual foram rasgadas diversas ruas, e nestas foram edificados prédios de estrutura pombalina, semelhantes aos da Baixa, destinados a residências dos fabricantes que trabalhavam na fiação, conferindo a esta zona um carácter de indústria e habitação operária.

Com a edificação do Aqueduto das Águas Livres, mandado construir também no reinado de D. João V e concluído em 1748, conquista-se um complexo sistema de captação, adução e distribuição de água à cidade de Lisboa, com origem na nascente das Águas Livres, em Belas, Sintra. É tido como uma das obras mais emblemáticas da cidade de Lisboa, cuja grandiosa arcaria em cantaria atravessa todo o vale de Alcântara, rasgando toda a malha urbana que cruza e condicionando as construções futuras. Seguiram-se-lhe várias obras nos séculos XVIII e XIX, como o grande Reservatório da Mãe d'Água, onde termina, projetado em 1745 e finalmente edificado em 1834 no Jardim das Amoreiras, o Chafariz do Largo do Rato, e vários outros palacetes. Assim, a partir do século XX, a zona ganha uma maior área de malha consolidada, já que este conjunto de edificações contribuiu para o desenvolvimento de novos conjuntos habitacionais.

Nos anos 80, com o projeto do arquiteto Tomás Taveira, o Complexo das Amoreiras, esta área ganha protagonismo urbano e um maior destaque na cidade, uma vez que se pretendia, através deste, a implementação de um novo centro de negócios. Como resultado, a zona das Amoreiras adquire um carácter principal no sector económico da capital.

Este novo conceito urbanístico potencializou o desenvolvimento de novas redes e meios de transporte, contribuindo para um maior crescimento populacional nesta área, e para a aquisição de novos equipamentos de comércio e hotéis. No entanto, o crescimento exponencial desta porção do território fez com que houvesse uma perda no controlo da massa edificada, como se verifica na falta de consistência urbanística em quarteirões com grande complexidade, onde edifícios de escritórios recentes estão lado a lado com terrenos baldios ou prédios devolutos. Além disso, o local começou a perder protagonismo com a implementação de um novo polo urbano numa nova zona de crescimento, num modelo aplicado de raiz – a Expo 98' – que veio competir com o Complexo das Amoreiras em termos de importância económica na cidade, e apresentar novas melhorias a nível de espaço e tecnologia.

Com isto, as Amoreiras perderam o grande propósito que lhes tinha sido atribuído com expectativa, na ótica de criação de uma nova malha de cidade capaz de reunir e gerar um novo centro urbano. Com a decadência desta ideia de progresso do seu modelo urbano o próprio tecido ficou comprometido, sendo agora necessária a redefinição de uma nova identidade para o futuro.

Imagem da página anterior

9. Amoreiras e largo do Rato, anos 90  
Fonte: JORGE, Filipe; MENDES, Maria Clara; CALADO, Maria. "Lisboa  
Vista do Céu", Argumentum Edições, Lisboa, 1994

**Legenda:** Evolução Histórica, processo de formação do tecido do edificado

	Filipe Folque	1856
	Goullard	1878
	Silva Pinto	1911
	Actual	2012



**Legenda:** Caracterização da mobilidade, potencialidades e estrangulamentos

-  Rede Viária
-  Percursos Pedonais



**Legenda:** Caracterização dos Transportes

-  Autocarros
-  Metro
-  Existente
-  Previsto



Campolide

Amoreiras

Rato

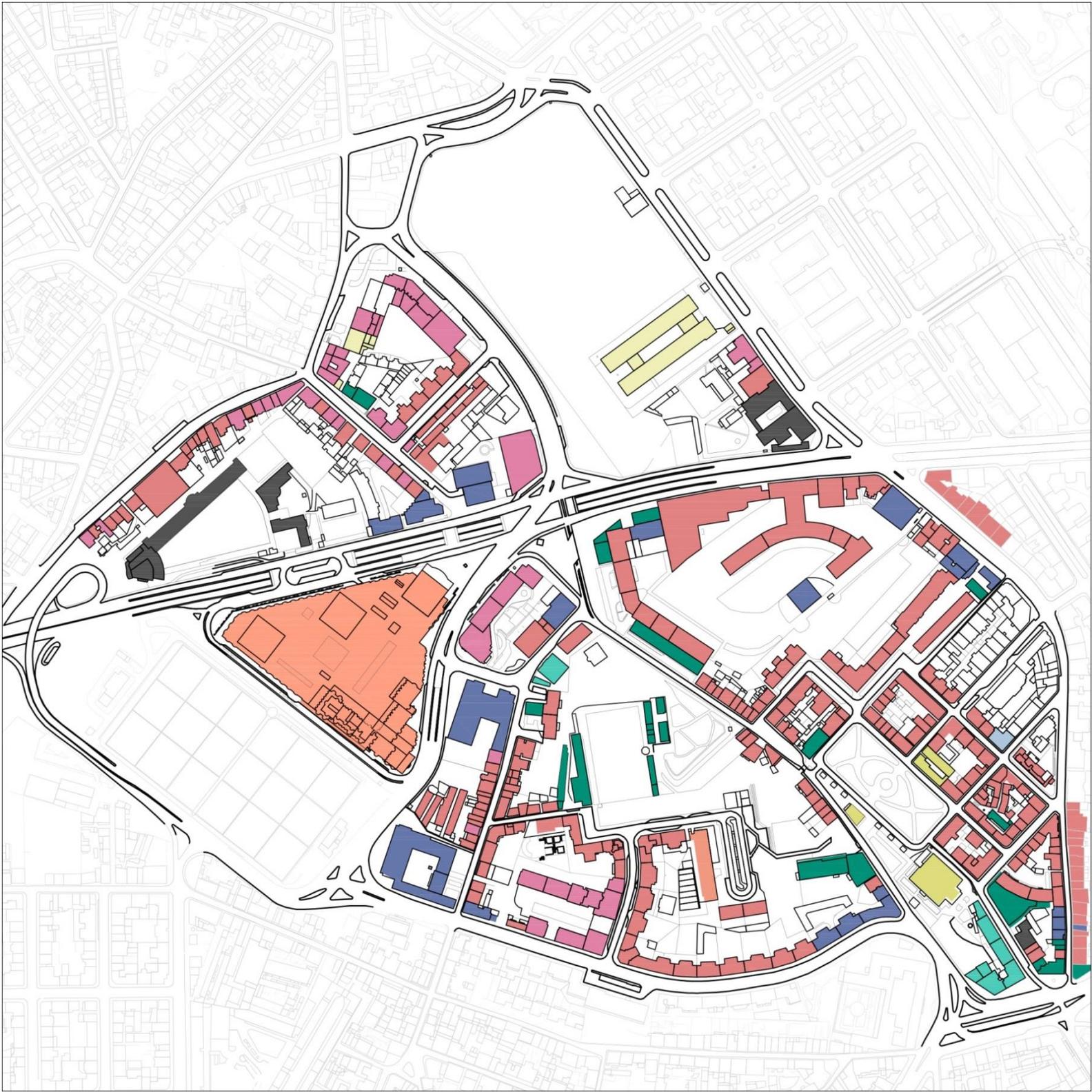
**Legenda:** Caracterização da estrutura edificada, da distribuição de funções e dos espaços públicos:

- Ocupação
-  Ocupados
  -  Devolutos
  -  Em Obras



**Legenda:** Caracterização da estrutura edificada, da distribuição de funções e dos espaços públicos:

- Estruturas urbanas existentes
-  Habitação
  -  Comércio
  -  Habitação/Escritório
  -  Habitação/Comércio
  -  Habitação/Comércio/ Escritorios
  -  Escritorios
  -  Escolas
  -  Saúde
  -  Património
  -  Político
  -  Servicos



**Legenda: Património Histórico**

-  Conjunto de Interesse Público
-  Imóveis de Interesse Público
-  Monumento de Interesse Público
-  Monumento Nacional



**Legenda:** Divisão do território

- Zona 1
- Zona 2
- Zona 3
- Zona 4
- Zona 5
- Zona 6
- Zona 7
- Zona 8



# ESTRATÉGIA

Tendo como objetivo de trabalho o traçar de um perfil de como poderá ser a sociedade contemporânea daqui a 20 anos, aplicada a um contexto programático de funcionamento da cidade, resolvemos proceder a uma análise física e cronológica do troço onde operar. Pretende-se, desta forma, perceber a evolução da malha urbana até aos dias de hoje e traçar, assim, uma nova base de raciocínio.

Devido às grandes discrepâncias visíveis entre as várias classes sociais, sempre foi possível diferenciar as tipologias de habitação conforme as condições económicas de cada família. Com a sucessiva modernização de que a sociedade tem sido alvo, principalmente durante a segunda metade do século XX, no pós 25 de Abril, estas diferenças foram-se atenuando, passando a estrutura familiar a constituir o fator principal de diferenciação e caracterização da tipologia habitacional.

Nos dias de hoje é notório que o conceito de “família tradicional” já não se aplica, existindo mais e diferentes modos de vida baseados em diversas tradições e formas de observar o mundo. Estamos, assim, perante resquícios de famílias tradicionais e algumas famílias compostas, surgindo cada vez mais famílias monoparentais, famílias de uma só pessoa, famílias compostas por um casal de idosos, ou famílias compostas por pessoas do mesmo sexo. Consoante o modo de vida, o modelo e modo de habitar de cada indivíduo altera-se. Identificou-se, então, um padrão de evolução e de novas categorias do ‘habitar’, que decidimos utilizar como base do pensamento e abordagem projetual.

Para melhor fundamentar as nossas intenções seguimos, ainda, uma outra teoria apoiada num fenómeno cada vez mais notável desde a década de 1980: a Nobilitação Urbana, mais conhecida por “Gentrificação”. Esta consiste numa reurbanização dos centros históricos, onde os antigos moradores vão sendo substituídos por novas classes que procuram novos conceitos culturais. Estas novas gerações, que nutrem um certo gosto pela reabilitação e pelos antigos costumes, procuram um tipo de ambiente e uma vivência diferentes daqueles sentidos nas monótonas periferias da cidade.

São estas novas procuras sociais que espelham novos fatores económicos e alteram o antigo modo de habitar. A sociedade dos dias de hoje deixou de ser uma sociedade de produção/industrialização, uma vez que o homem deixou de ter um papel essencial na fábrica ao ser substituído pela máquina, tratando-se antes de uma sociedade do consumo. Parece-nos, no entanto, que esta poderá deixar de estar associada a estruturas como o centro comercial no perfil futuro em discussão, já que se poderá cultivar um crescente gosto e preferência pela distribuição das atividades comerciais pela cidade. Aplicamos este conceito no sentido de formação de uma ideia de local, onde

não existe uma concentração de recursos num só edifício, mas antes uma malha urbana fluida e permeável que permite promover o comércio por toda a sua extensão.

Partindo desta interpretação conjectural, apoiámos o nosso perfil social nos vários modos de habitar da sociedade, idealizando uma tipologia capaz de se moldar e adaptar às necessidades de diversos utilizadores. Em vez de procurarmos um utilizador-tipo ou um grupo específico de população que vá ocupar o espaço, optámos por um ponto de vista centrado na heterogeneidade, representado pelas diversas soluções que uma habitação mutável pode anunciar. Desde estudantes, a trabalhadores de ocupação reduzida, a famílias de grande escala, ou até mesmo a grupos de várias famílias, as habitações sugeridas poderão oferecer diversas disposições morfológicas adequadas às diferentes situações e capazes de responder às necessidades de cada ocupante. Propõe-se, portanto, uma casa adaptável, capaz de responder a dois modos de habitar divergentes: uma habitação coletiva, onde vários residentes partilham do mesmo espaço e vivem em comunidade; uma habitação singular onde vive apenas um indivíduo que visa possuir uma habitação temporária.

Começámos por apoiar este pensamento nos vários edifícios devolutos existentes na zona, e a partir destes implementar um perfil de pequena escala capaz de se espalhar com o tempo para os vários conjuntos habitacionais evolventes. Assim, acredita-se ser possível criar uma intervenção diferente, com uma ideologia social flexível, e que se apoia no conceito da casa mutável.



Pretende-se que este se adapte tantos aos edifícios existentes, tendo em vista uma reestruturação, como aos edifícios futuros, promovendo uma nova forma de pensar os edifícios habitacionais.

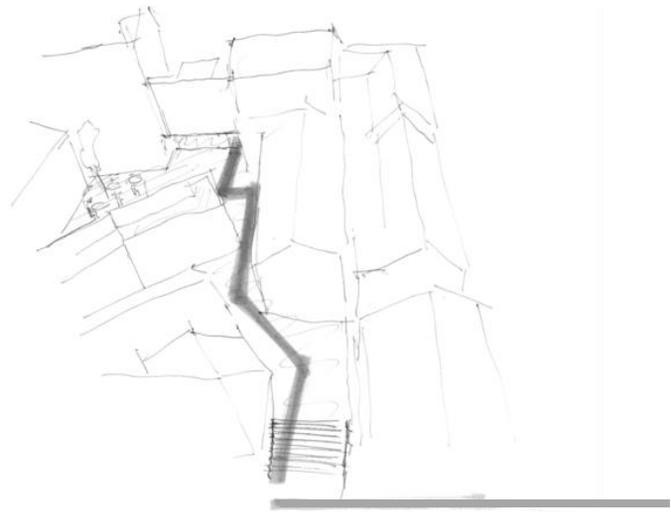
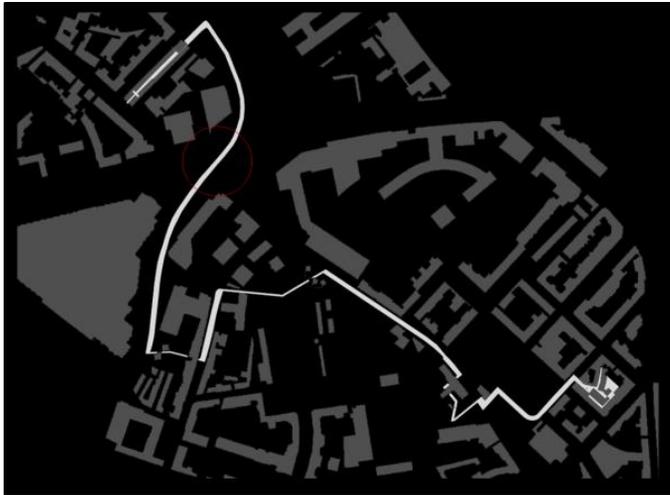
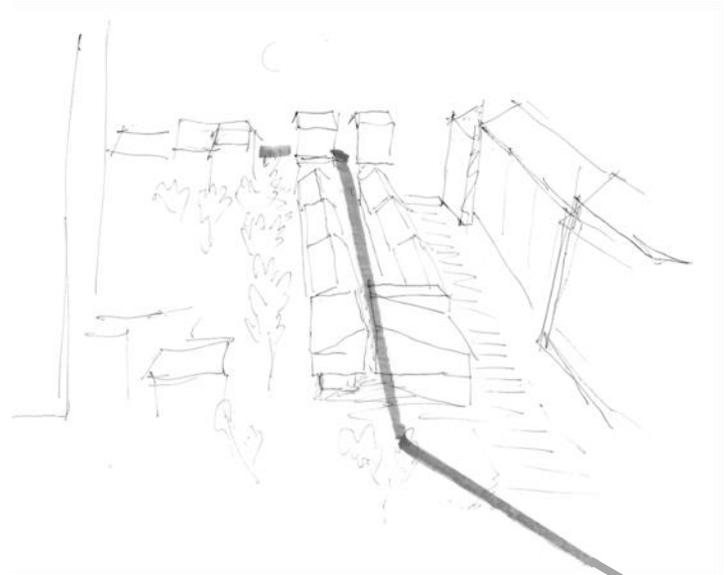
Deste modo, os referidos edifícios devolutos irão disseminar o conceito da casa mutável, não através da requalificação mas antes de uma intervenção fixa no espaço público. Esta consiste num desbloqueio dos percursos pedonais da cidade através da abertura dos quarteirões em pontos estratégicos, permitindo o seu atravessamento. Procede-se, então, a uma espécie de intervenção cirúrgica nos quarteirões, abrindo percursos para as pessoas pelo seu interior e conferindo-lhes permeabilidade, contribuindo ainda para um melhor entendimento do espaço público.

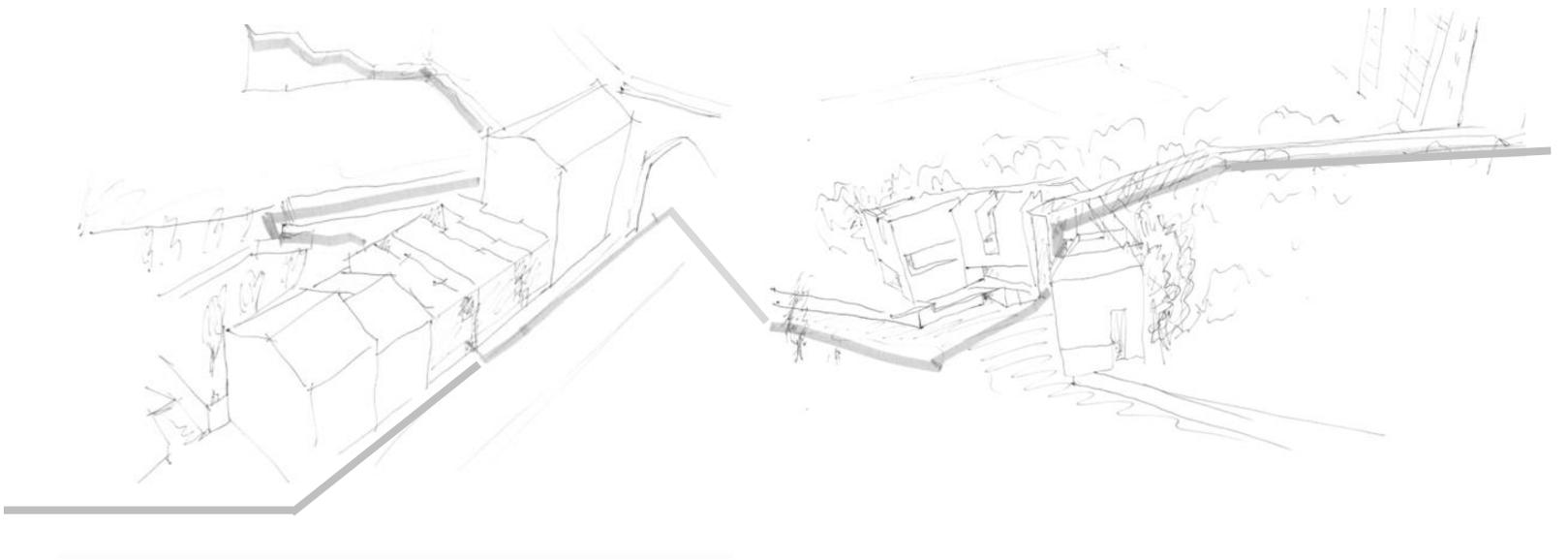
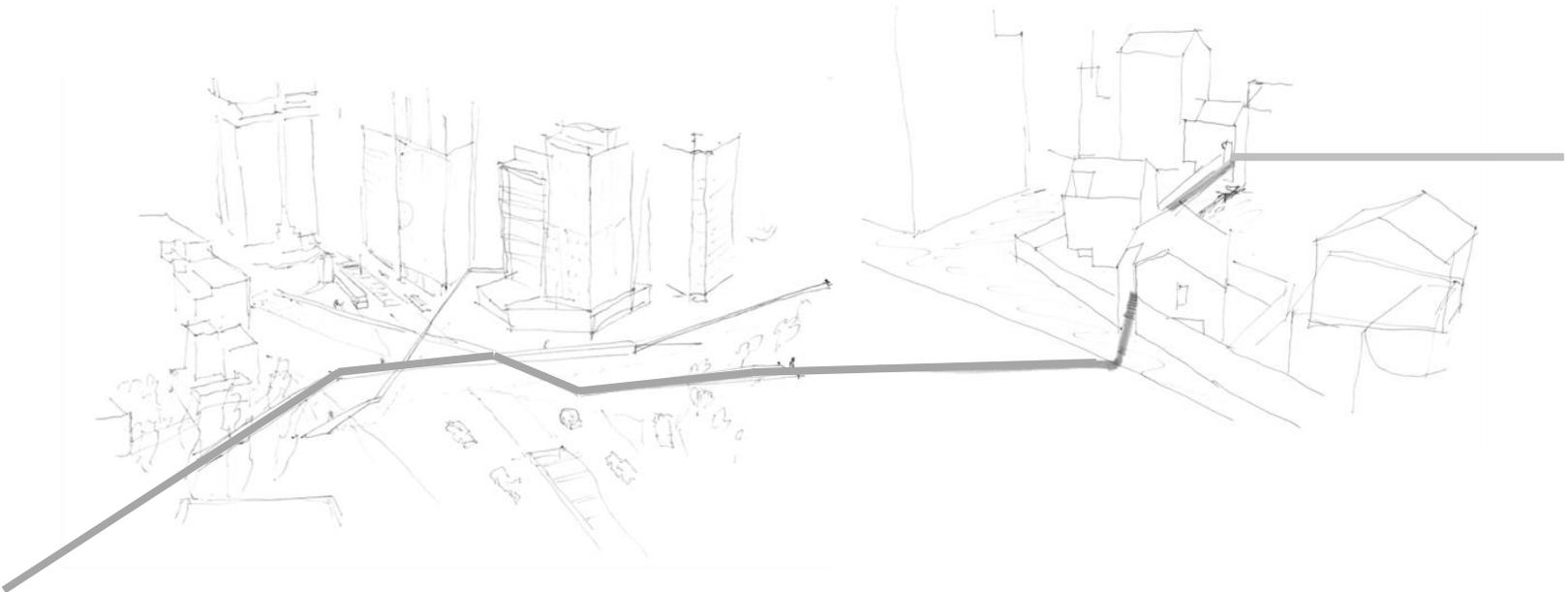
Estas intervenções procuram reconhecer o valor histórico do local e poderão resultar em novos espaços verdes e locais de permanência ao ar livre. A presença narrativa e volumétrica do aqueduto faz deste um ponto diretor e orientador da ideia. A possível ramificação simbólica do seu volume em pedra possibilita a delimitação de um percurso para os referidos atravessamentos, assim como a criação de uma nova dinâmica de circulação por esta zona da cidade de Lisboa.

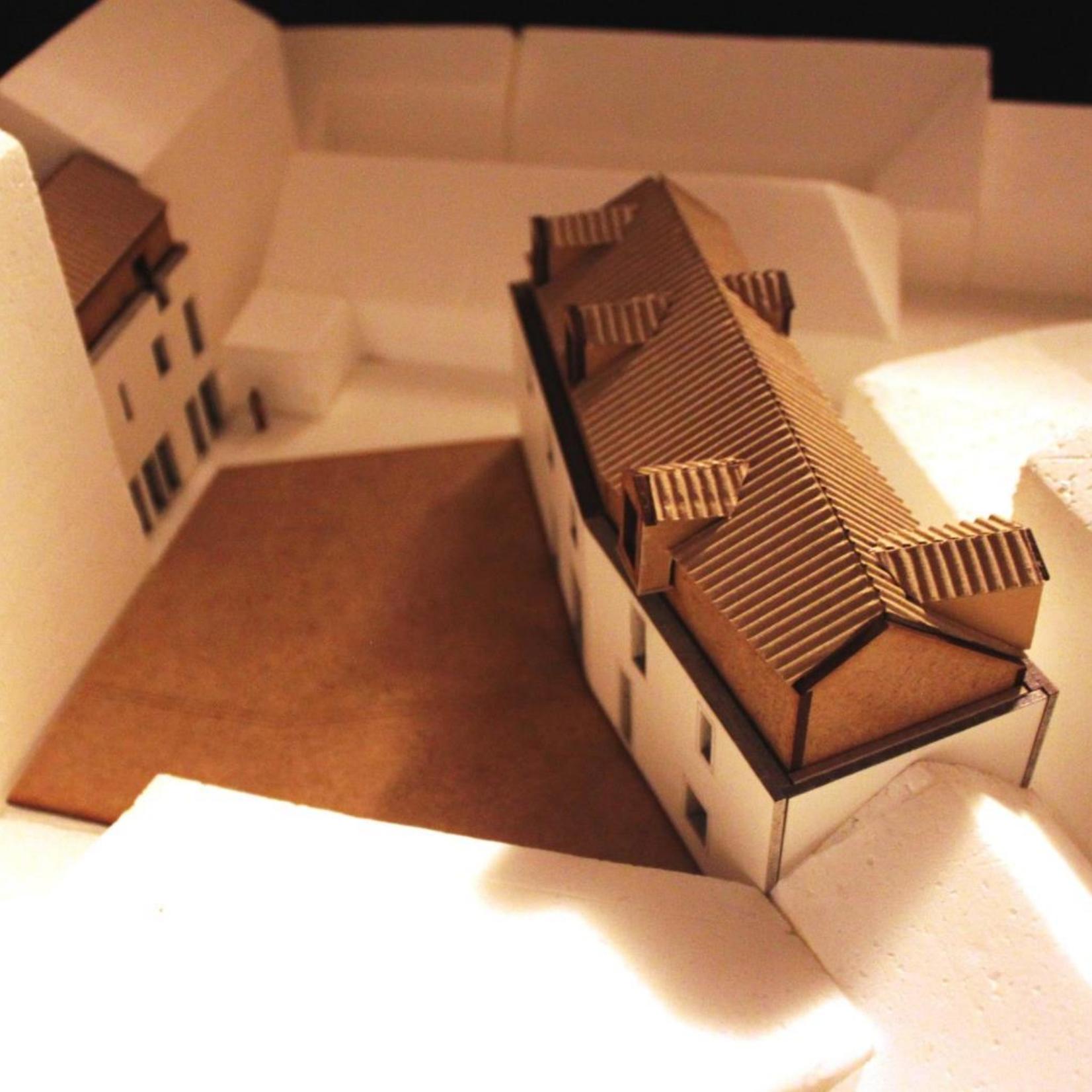
Verificou-se, ainda, a forte presença de vilas operárias cujo modelo evidencia esta ideia de permeabilidade no interior do edificado, não cingindo o espaço público às redes viárias, praças e jardins. Além disso, segundo o PDM de Lisboa e a informação obtida através dos IGT - Instrumentos de Gestão Urbana -, todos os planos previstos para a zona preveem a aplicação deste mesmo conceito de atravessamento dos quarteirões, no sentido de lhes dar um uso mais qualificado.











# 4 CASAS NAS AMOREIRAS TEMA I

LISBOA, PORTUGAL  
2032

## *Exercício IIII*

No âmbito do trabalho realizado em grupo, sobre a zona das Amoreiras, e depois de efetuada a análise da malha urbana e delineada a estratégia geral baseada na identificação das fraquezas e potencialidades da zona, tendo em conta os próximos vinte anos, procedeu-se ao trabalho individual, de tratamento de uma área específica da grande massa das Amoreiras. Neste caso, o local de intervenção compreende o espaço do jardim das Amoreiras, com a forte presença do aqueduto e Mãe d'Água, e os quarteirões adjacentes a este, cuja origem, na maioria dos casos se prende com a indústria da Fábrica das Sedas. Trata-se, portanto, de uma antiga zona de habitação operária, com a presença de algumas 'vilas operárias' introduzidas nos quarteirões adjacentes à Travessa da Fábrica das Sedas.

É precisamente numa destas áreas que se desenvolve a intervenção urbana de inserção de quatro habitações pensadas para a sociedade de 2032.





Seguindo a lógica definida em grupo de trabalhar os atravessamentos de espaços mais refundidos da cidade e abri-los á presença e usufruto do cidadão, permitindo-lhe uma viagem pela cidade menos imediata e usual, prestou-se especial atenção a um dos quarteirões paralelos ao reservatório da Mãe d'Água, localizado numa das esquinas do jardim. Este apresenta uma escadaria de entrada evidenciada para o seu interior, que ao contrário do que se assiste nas imediações, não se reduz a logradouros das construções que o compõem. Observa-se, por sua vez, a um conjunto de pequenas ruas que ramificam a entrada para diversas habitações, constituintes de uma comunidade reservada mas de vizinhança.

Com a presença de um pequeno café-concerto, bastante pacato e de ambiente calmo, surgiu de imediato um fascínio pelo ambiente reunido neste quarteirão, usualmente associado a uma área com pouca vivência urbana e reservado a práticas mais privadas. No entanto, esta pequena antiga vila operária transcende tal conceito e introduz um tipo de vivência diferente de um dos referidos espaços reservados da cidade.

A distribuição das construções neste conjunto instigou a consideração de um possível rasgo pelo interior deste, permitindo a ligação entre o Jardim das Amoreiras e uma das ruas adjacentes ao quarteirão.

Numa primeira fase considerou-se a possibilidade de continuar o caminho da estreita rua que sugere uma continuidade da rota tomada, e aqui interrompida. Esta permitiria o acesso entre o jardim e a Travessa da Fábrica das Sedas. No entanto, depois de um estudo exaustivo das construções que seriam alvo de reestruturação para tal operação poder ser efetuada, concluiu-se que tal não se justificava, devido às recentes reformulações de que estas foram alvo. Duma outra perspetiva, seria possível recuperar um edifício devoluto localizado na frente da Rua São Francisco de Sales, e através deste proporcionar o acesso às habitações localizadas no interior tanto pelo lado mais a Norte como também pela zona do Rato, mais a Sul, hipótese que antes não se colocava.



13. 14. Rua do interior de quarteirão  
[Fonte: Fotografia da autora, 2013]

15. 16. 17. Ambiência do quarteirão  
[Fonte: Fotografia da autora, 2013]





18. Edifício devoluto, objeto de intervenção  
[Fonte: Fotografia da autora, 2013]

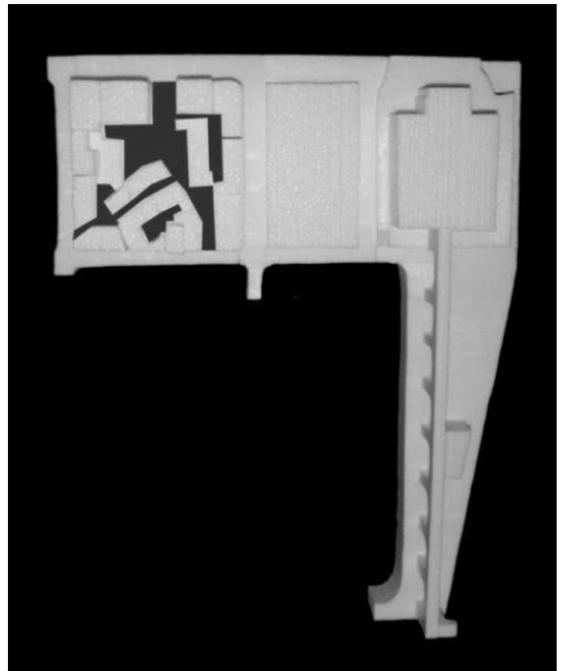
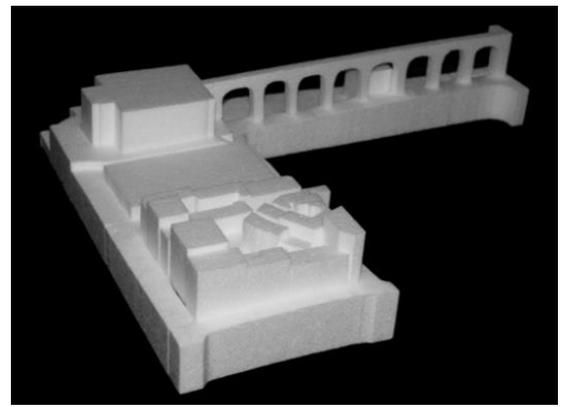
19. 20. Perspectiva da Rua São Francisco de Sales  
[Fonte: Fotografia da autora, 2013]



Tratando-se de um edifício com relativo cariz emblemático e uma arquitetura apelativa, que sobressai no conjunto da frente de rua, decidiu-se preservar a fachada principal, e desta forma não comprometer a relação entre edifício e envolvente, já que a zona se encontra bastante consolidada no que diz respeito à imagem dos edifícios, que se encontram bastante interrelacionados. Identifica-se uma certa harmonia no conjunto, tanto a nível de vãos, como varandas e até trapeiras, elementos pontuais mas idênticos na extensão de todo o quarteirão, e pretendeu-se manter essa relação, trabalhando com as possibilidades que os vãos existentes permitiam.

Decidiu-se, entretanto, num ato deliberado, procurar uma maior liberdade na frente oposta do edifício, que comunica com o interior do quarteirão, e consecutivamente no interior do próprio edifício. Tanto a nível de decisões arquitetónicas como da própria ambiência do espaço público que se pretende qualificar, pensa-se, assim, conseguir introduzir um certo grau de novidade num local muito marcado pela memória do passado, nunca descuidando esta mesma. Além disso, ficam já consideradas e equacionadas as alterações que a cidade sofrerá durante os próximos vinte anos, altura em que o território supostamente receberá os projetos em causa.

Importante referir, ainda, que embora se proponha uma abertura do quarteirão ao resto da cidade e não apenas aos seus moradores, pretende-se que as decisões tomadas contribuam para a criação de um espaço pacato e recolhido, pouco extravagante e chamativo. Procura-se, em conjunto com as quatro habitações pressupostas, a inserção de alguns elementos de carácter social e coletivo que impulse as relações de vizinhança dos moradores e ofereça espaços de lazer e serviços a estes mesmos, como um contributo à vivência e ambiente de comunidade.



21. 22. 23. Maquetes conceptuais de estudo da zona de intervenção  
[Fonte: Fotografia da autora, 2013]

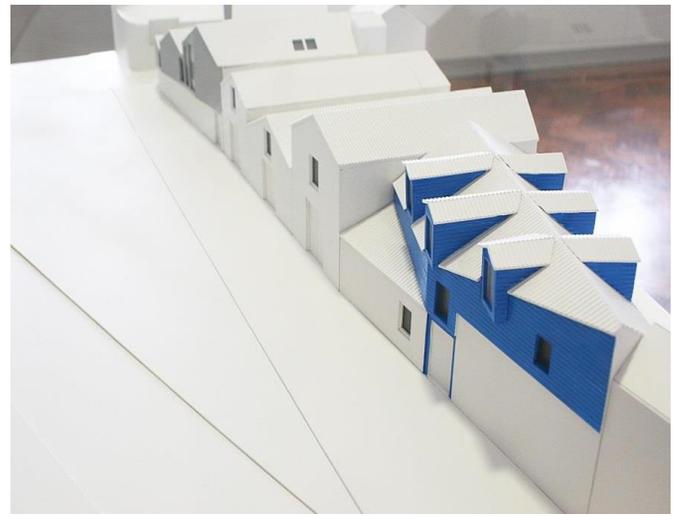
24. 25. Elementos a intervir

26. 27. Representação da ideia de atravessamento do quarteirão.

28. Representação em maquete dos elementos a intervir

[Fonte: Fotografia da autora, 2013]





Seguindo essas premissas pretende-se ir de encontro a algumas soluções que já se começam a observar pelo território e cujas transformações requalificaram toda a extensão intervencionada, criando novos espaços de interesse na cidade, antes desconhecidos, ou escondidos.

Um dos exemplos mais emblemáticos e marcantes da malha das Amoreiras é o Pátio do Bagatela, uma antiga vila transformada num espaço habitacional e comercial que usa da antiga galeria de distribuição para permitir a ligação de um lado do quarteirão ao outro. Neste caso específico, as vivências sentidas em ambos os lados do atravessamento têm características bastantes distintas, funcionando como charneira entre uma zona mais recatada, também na envolvente do Jardim das Amoreiras, e uma área de forte fluxo viário e populacional. Ao descer a rua sente-se, ao olhar para o interior do Pátio que se está nas imediações de uma nova dimensão, ao estilo de Alice no País das Maravilhas, descobrindo um novo mundo ao virar da esquina.

29. 30. 31. Pátio do Bagatela – exemplo de abertura e atravessamento de um quarteirão.

[Fonte: Fotografia da autora, 2013]

32. Museu dos Baleiros, Paulo Gouveia, Açores 2005-08

[Fonte: Fotografia de Rita Rodrigues, 2013]



São precisamente estas mesmas características encontradas no quarteirão em estudo que despoletaram o interesse em recriar o espaço compreendido, captando o espírito imerso no lugar e dando-lhe protagonismo.

Além de um tipo de construção vernacular, com traços claros da época em que surgem, as linhas das habitações deste quarteirão encontram várias similaridades entre si mesmas, conferindo-lhes uma linguagem própria e de rápida identificação. Tendo de trabalhar sobre tais moldes e características específicas que se repetem pelos diversos elementos habitacionais, foi imprescindível uma pesquisa sobre modelos de recuperação que fazem uso de elementos vernaculares, como as obras do arquiteto Paulo Gouveia. Pequenos pormenores fazem a diferença, e descuidar os ditos traços característicos do quarteirão não passaria despercebido, pelo que se decidiu evidenciá-los nos objetos a intervir.

Sendo que um deles já comporta a trapeira de maiores dimensões de todo o quarteirão e até de alguns dos mais próximos, decidiu-se criar também uma linguagem continua na intervenção a realizar, que compreende um outro edifício, situado no coração do conjunto, através da apropriação desta estrutura. Tal gesto baseia-se também numa necessidade de captar maior incidência solar para o interior das casas, criando diversos focos de luz cuja incidência se pode manipular conforme os objetivos projetuais.

Conjugada a estas ideologias inserem-se também, no pensamento arquitetónico, os referidos espaços sociais de apoio ao café concerto, que surgem interligados por uma pequena praça liberta no interior do quarteirão. Com a demolição de um armazém devoluto que liga ambos os edifícios objeto da intervenção é, então, possibilitada a permanência dentro do conjunto, num espaço ao ar livre que apoia os serviços desenvolvidos nos pisos térreos dos dois edifícios, e lhes confere uma nova dinâmica. Dinâmica esta que se procura encorajar nos anos vindouros, onde a mutação de elementos, espaços, áreas ou funções podem tornar o quotidiano do cidadão mais prático, onde várias possibilidades são acessíveis no mesmo local.

33. Museu do Vinho, Paulo Gouveia, Açores 1988-2002

[Fonte: Fotografia de Rita Rodrigues, 2013]

34. Casa em Extremadura, Ábaton Architects, Espanha 2013

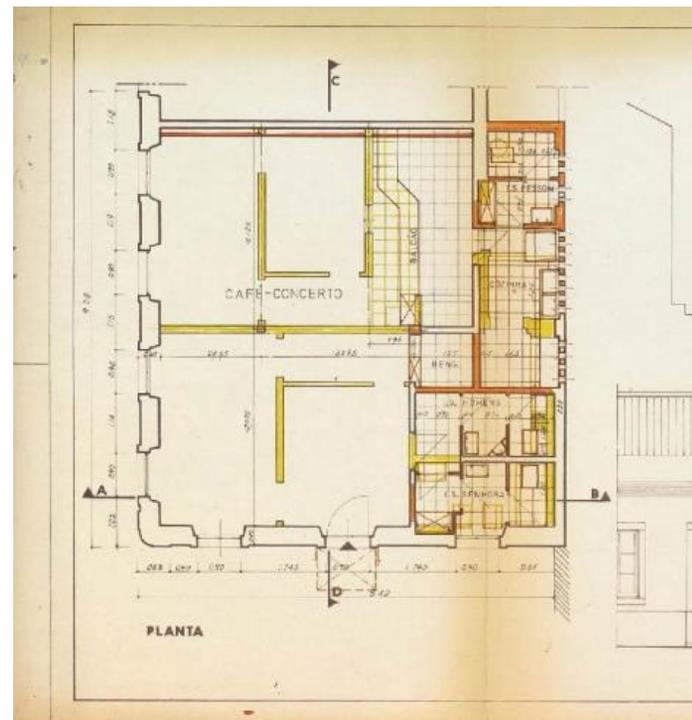
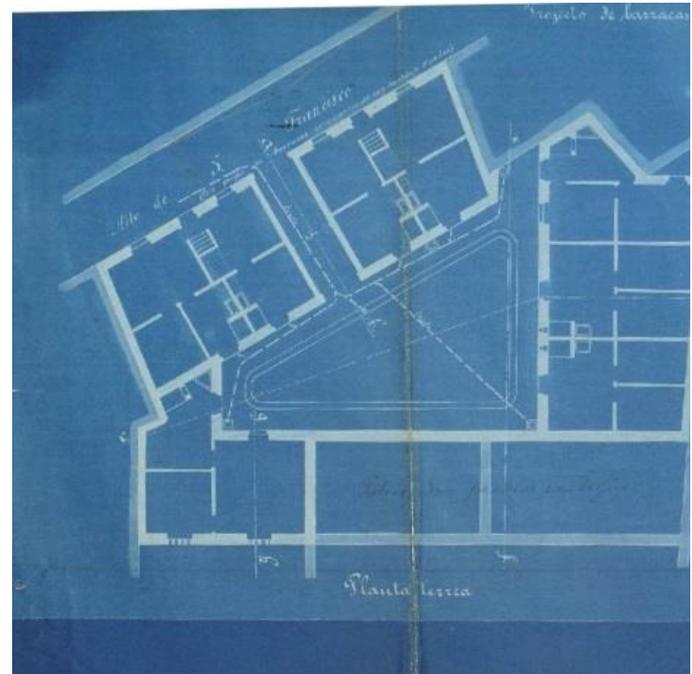
[Fonte: <http://europaconcorsi.com/projects/230153-Off-Grid-Home-in-Extremadura/images/3852062>]

Em último lugar, é importante referir que, considerando que as estruturas operárias de apoio á indústria fabril das Sedas foram construídas em estrutura pombalina, como referido anteriormente, e que algumas destas ainda hoje perduram na envolvente do Jardim das Amoreiras, ao tratar-se de uma operação sobre edifícios antigos sentiu-se a necessidade de introduzir uma estrutura do mesmo tipo para reforçar a pré-existente. Fazendo uso, mais uma vez, das marcas e memórias do lugar e da importância que estas podem ter em gestos de reabilitação, decidiu-se construir uma estrutura em barrotes de madeira que apoia as paredes-mestras das construções onde se intervém, na expectativa de que esta ofereça estabilidade em caso de sismo ou trepidação.

Esta estrutura em madeira é depois preenchida com alvenaria, ao estilo pombalino, conferindo maior estabilidade aos edifícios, tanto durante como após as obras que a intervenção comporta.

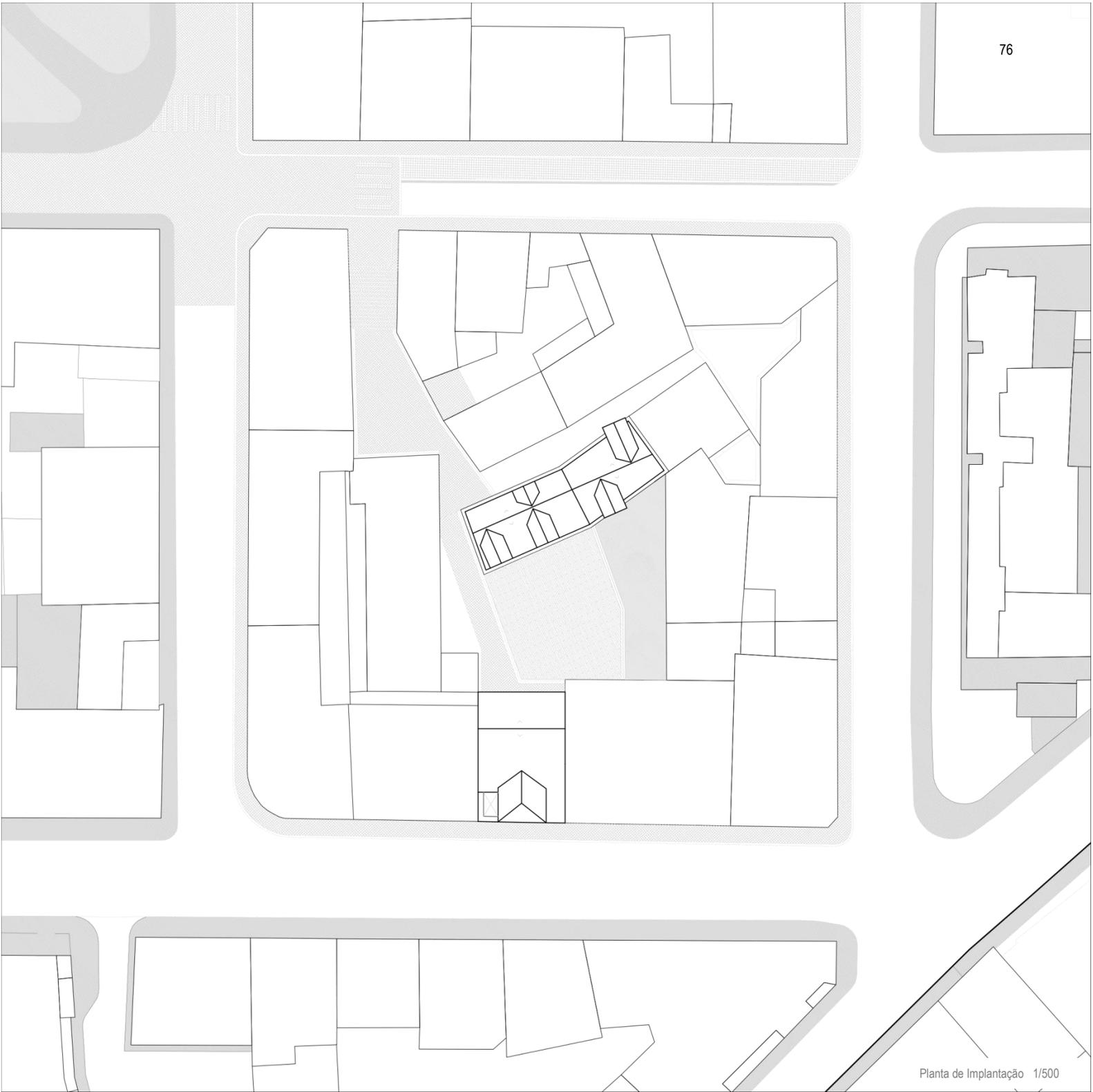
Tal gesto permite, ainda, uma maior liberdade no tratamento do espaço interior, bem como na distribuição de pisos e tratamento das coberturas, já que com o uso da trapeira o aproveitamento dos pisos em mansarda é mais amplo e oferece uma maior diversidade de espaços no interior.

De maneira a compreender efetivamente a estrutura existente realizou-se, ainda, uma pesquisa e levantamento de informação relativa às construções a reabilitar, encontrando apenas informação oficial (processo camarário) sobre o edifício localizado no interior do quarteirão.

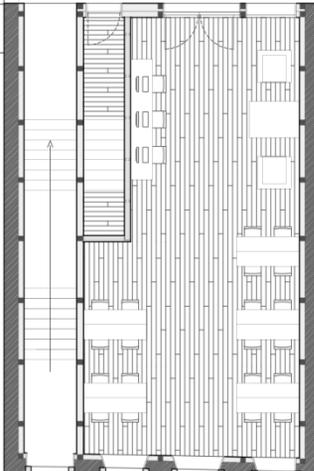
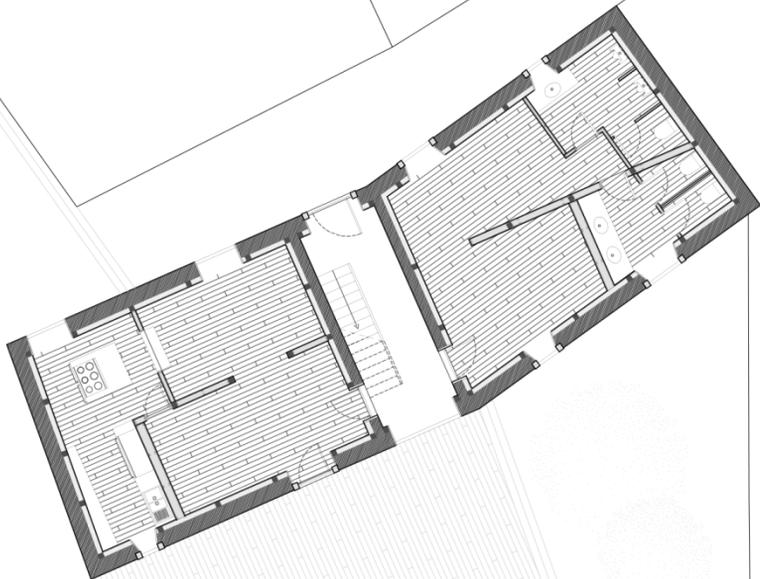


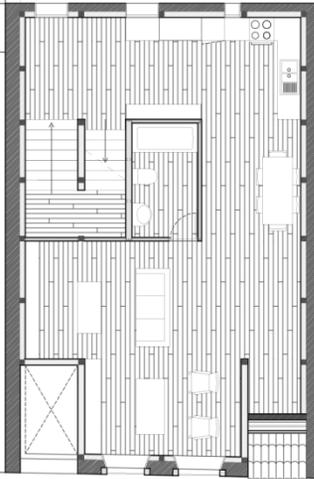
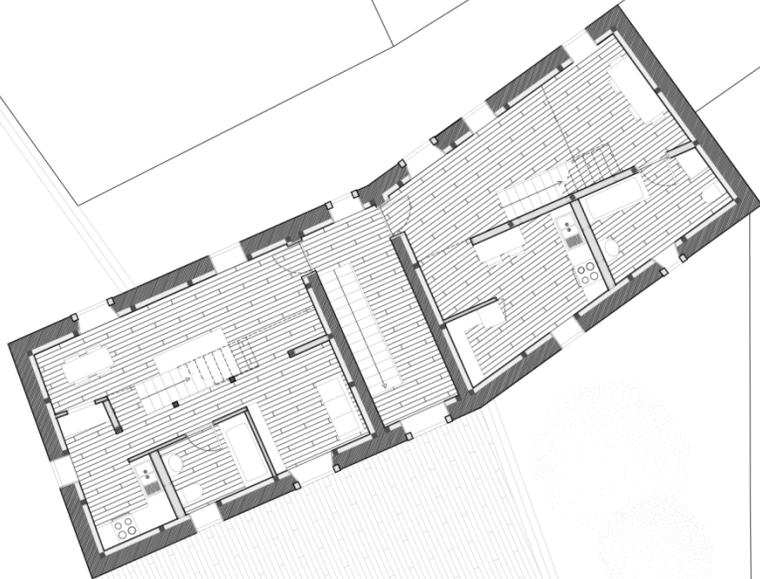


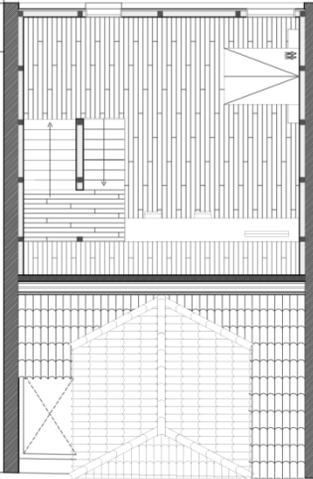
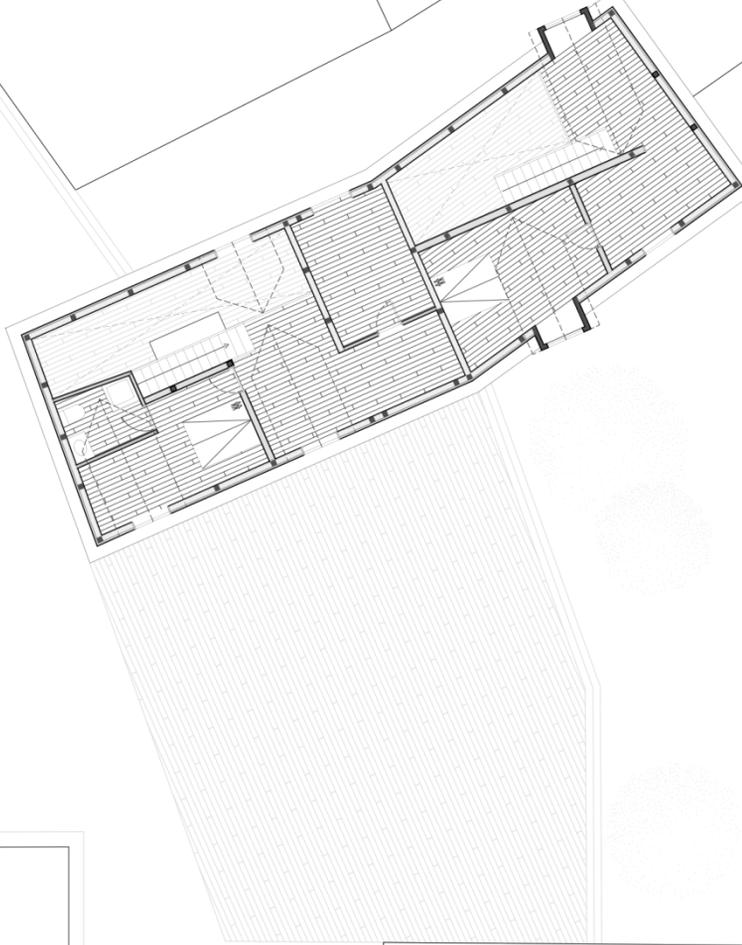


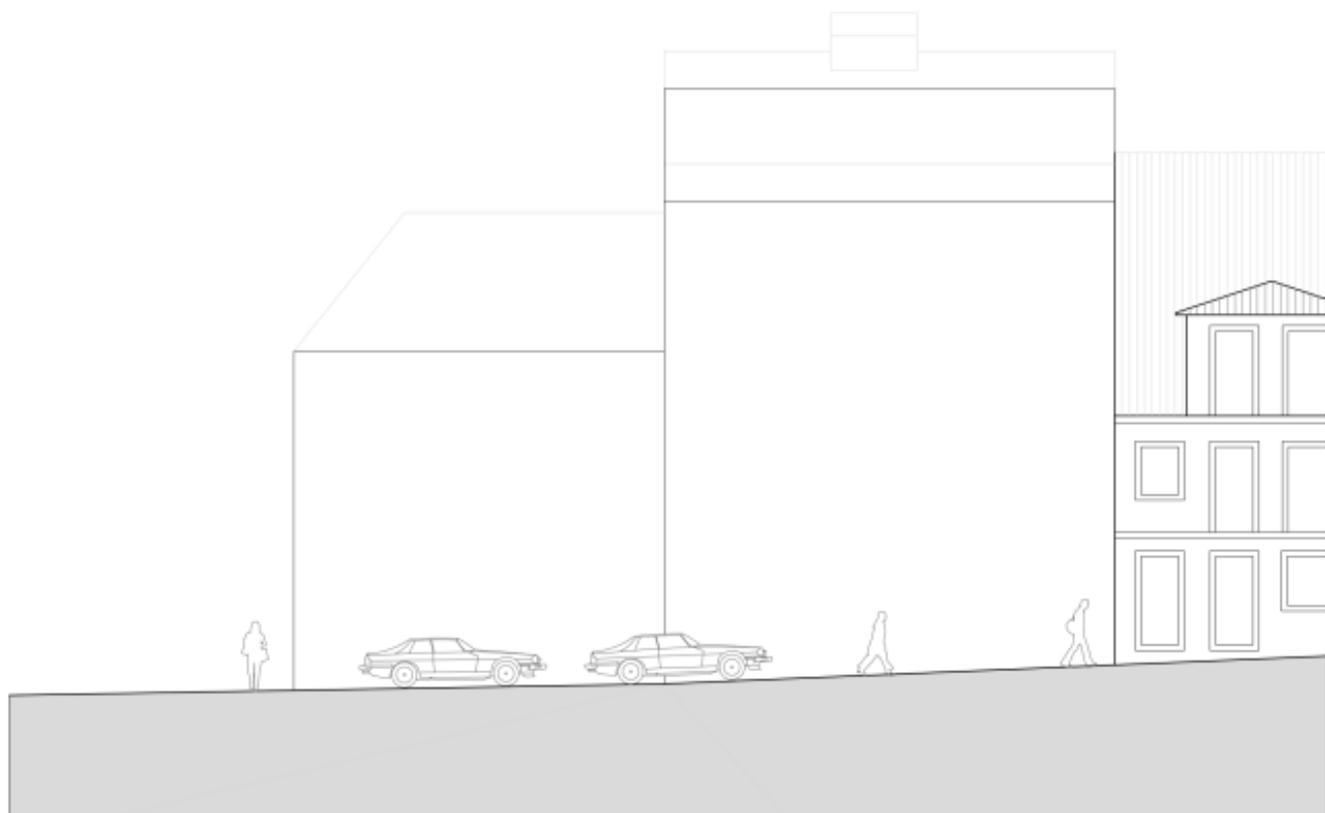


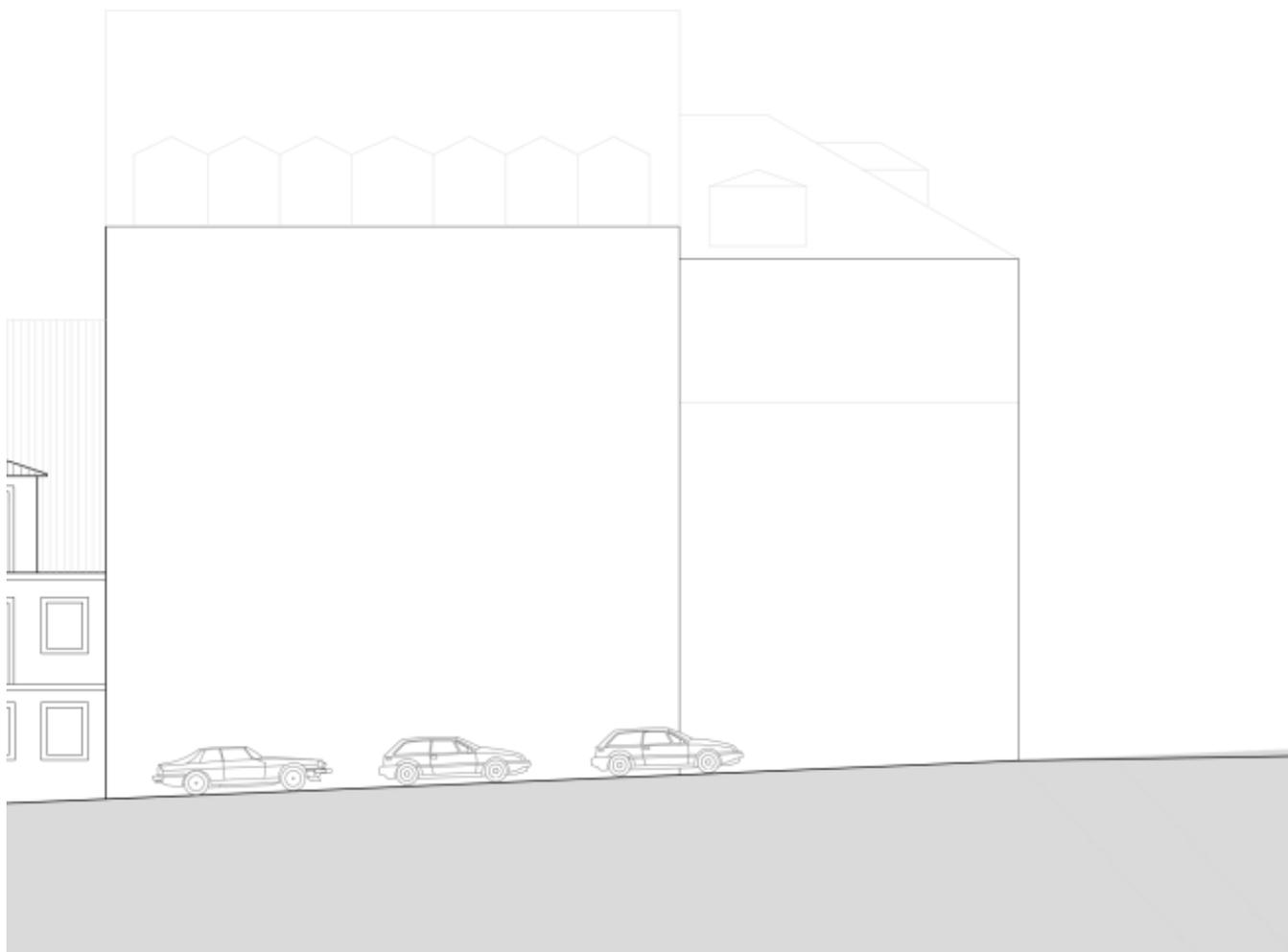


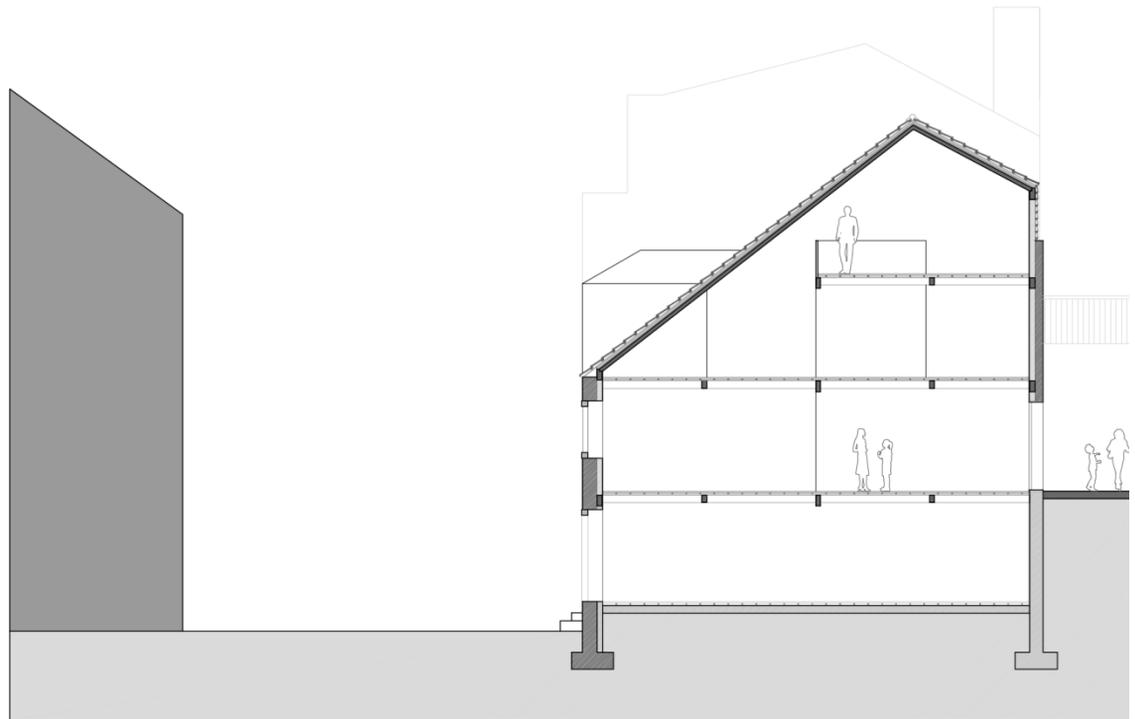
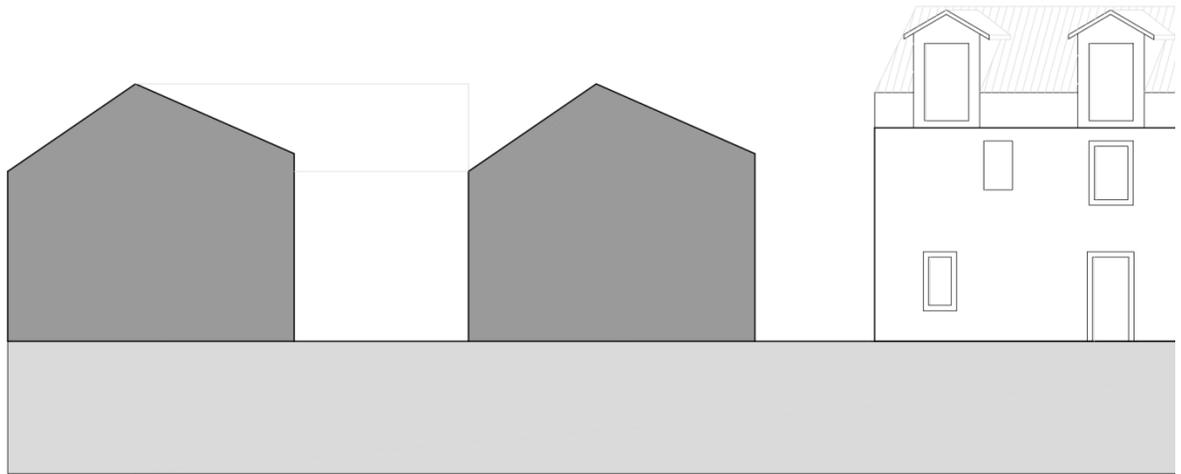


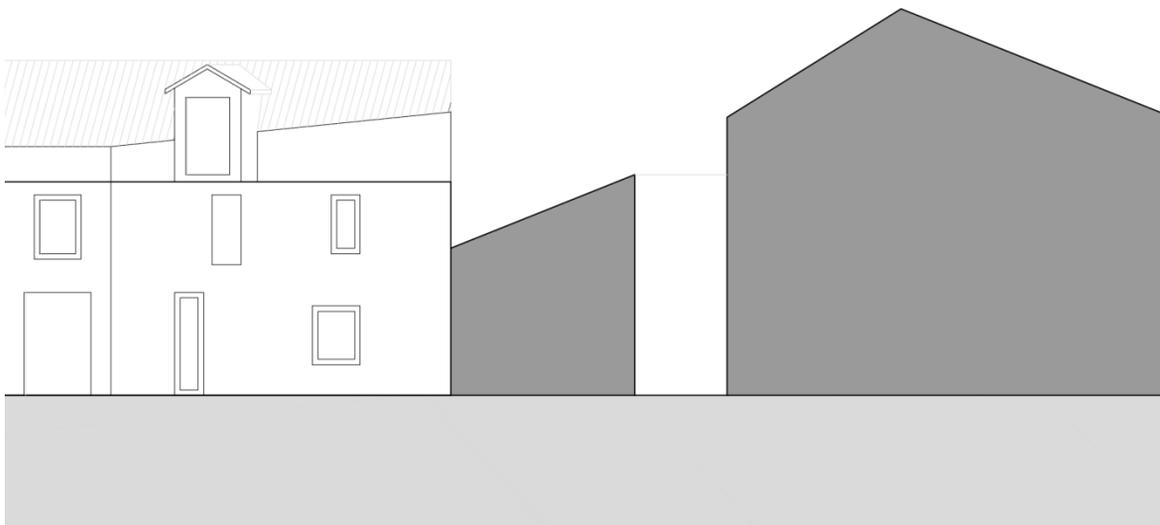




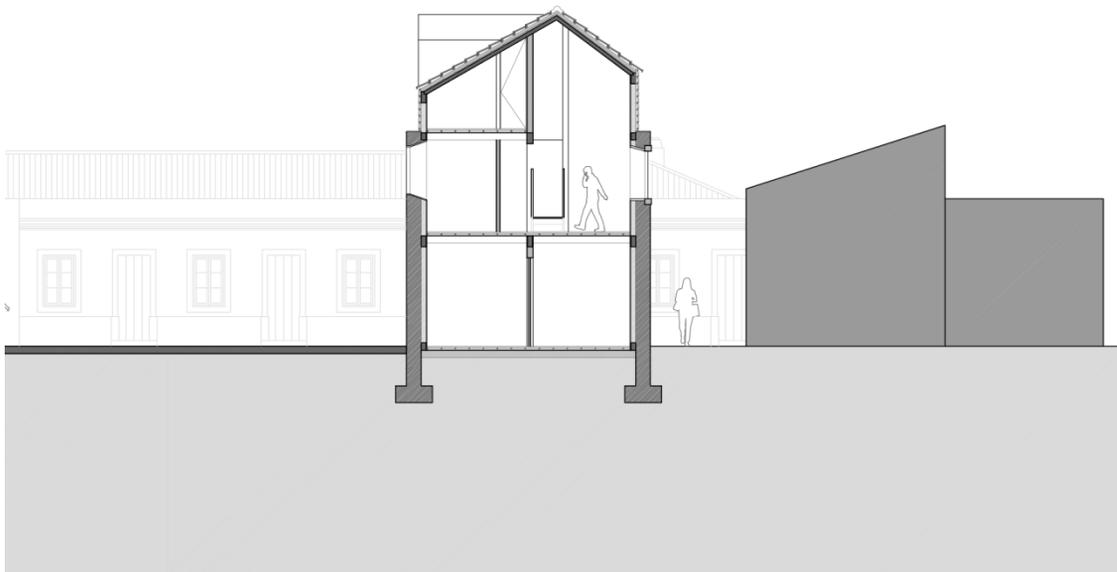




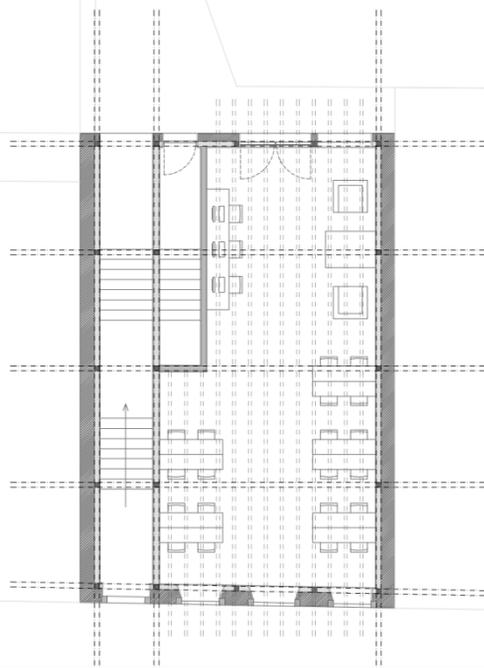


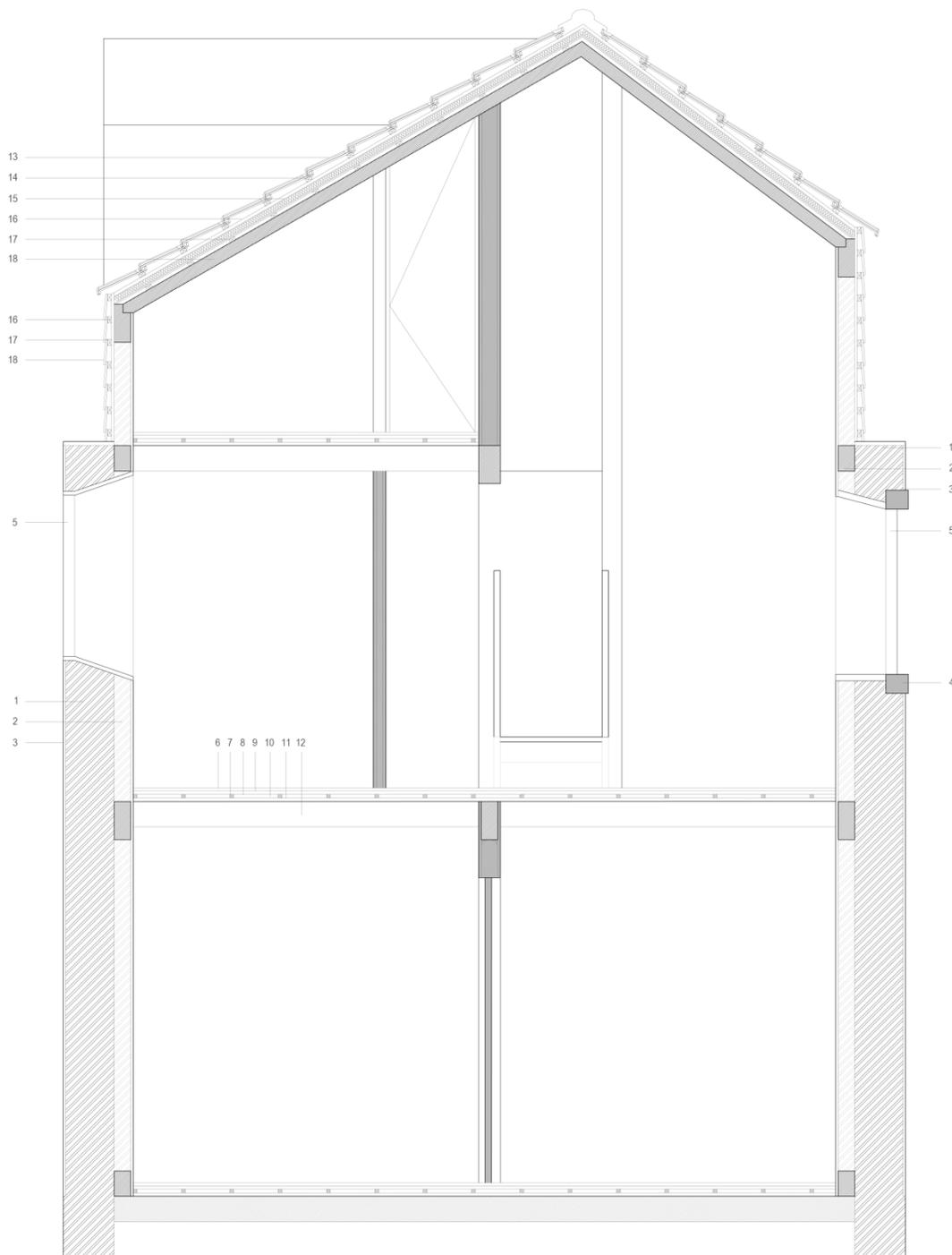


Alçado Sul do edifício do interior do quarteirão 1/200



Corte do conjunto 1/200





### FACHADAS

- 01 parede existente em alvenaria de tijolo, 380mm
- 02 estrutura de suporte galeira, 150mm
- 03 reboco com acabamento em estuque
- 04 cantaria de pedra existente
- 05 caixilharia de madeira, lacada, com vidro duplo

### PISOS

- 06 soalho de madeira de Riga, 24mm
- 07 sarrafos de madeira
- 08 lâ de rocha, 30mm esp.
- 09 tela acústica (impacto)
- 10 tela acústica (isolamento)
- 11 forro de madeira Tricapa, 27mm
- 12 vigas de contraplacado de madeira, Kerto, 200x75mm

### COBERTURA

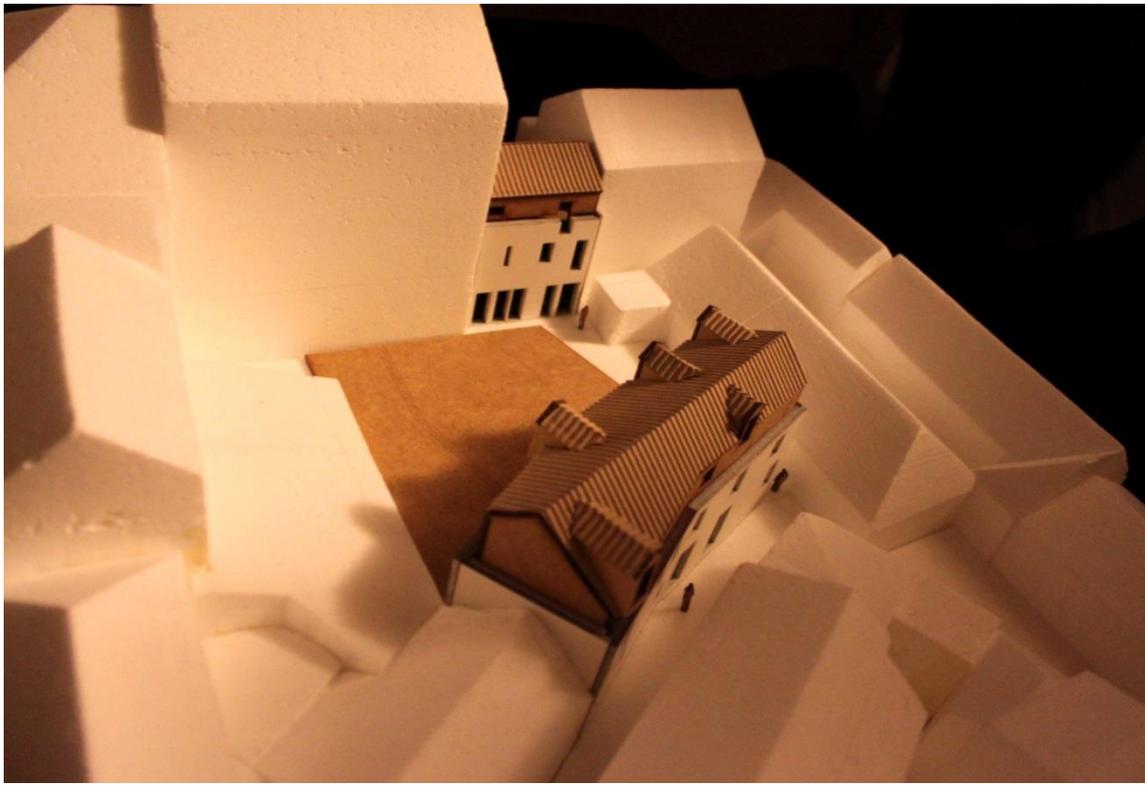
- 13 telha cerâmica
- 14 ripado madeira
- 15 isolamento térmico
- 16 tela asfáltica
- 17 forro de madeira Tricapa 21mm
- 18 estrutura de vigas de contraplacado de madeira

### FACHADA MADEIRA

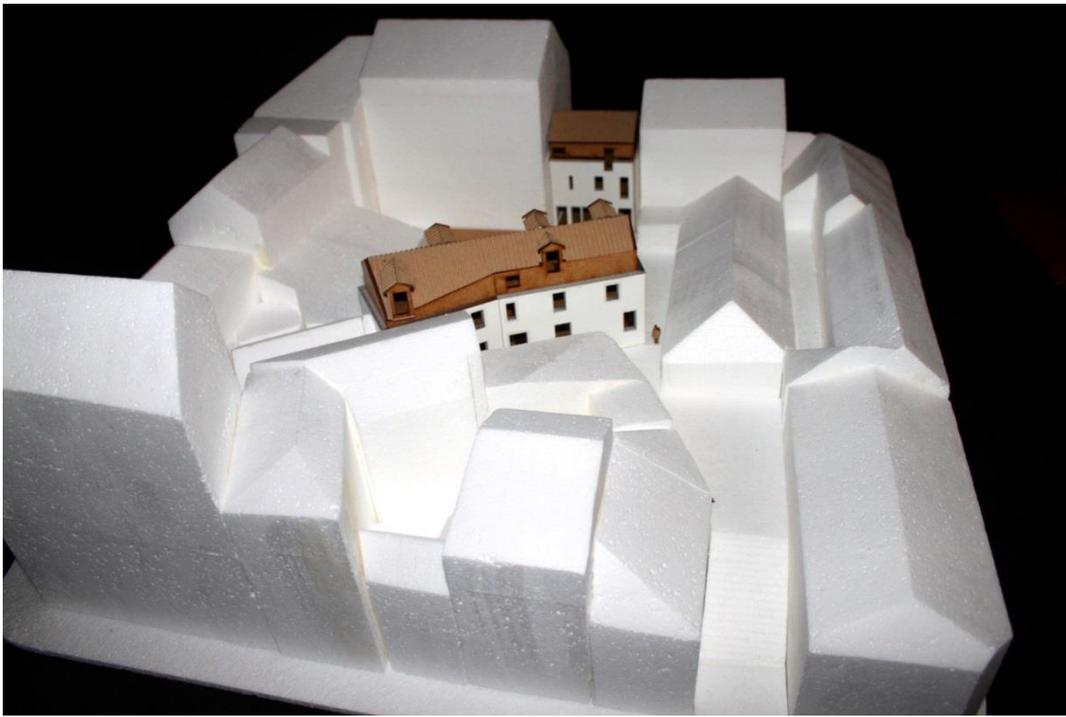
- 19 ripado madeira
- 20 isolante em OSB
- 21 revestimento em lamelado envernizado



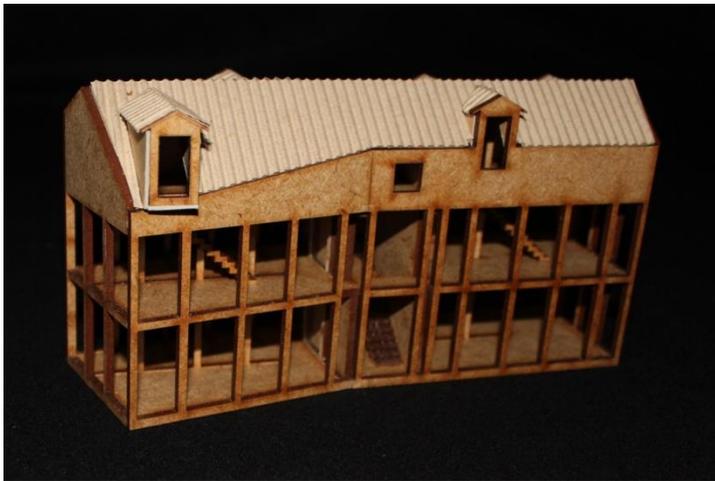
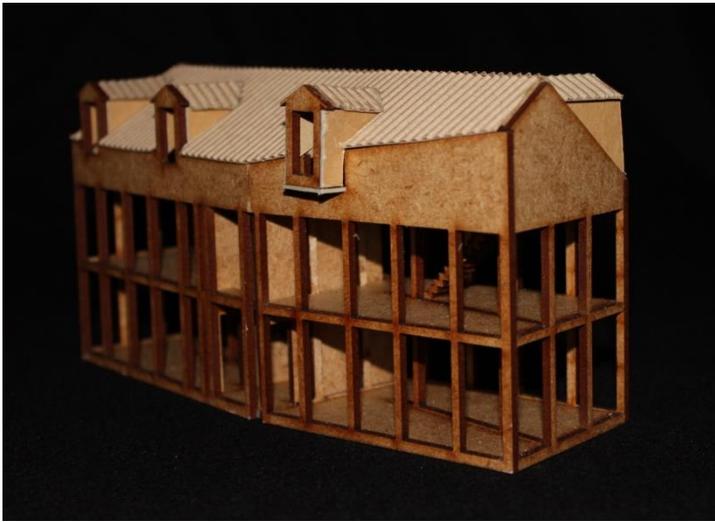














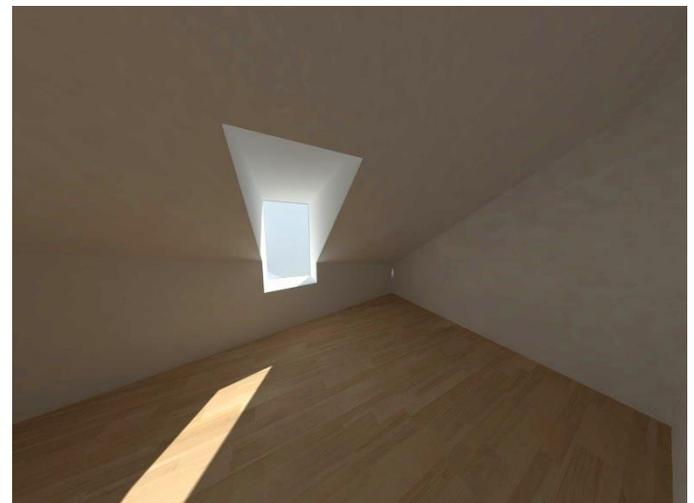
Fotografias da maquete – Casa interior do quarteirão:  
Estrutura de apoio em barrotes de madeira ao estilo gaiola pombalina  
[Fonte: Fotografias da autora]

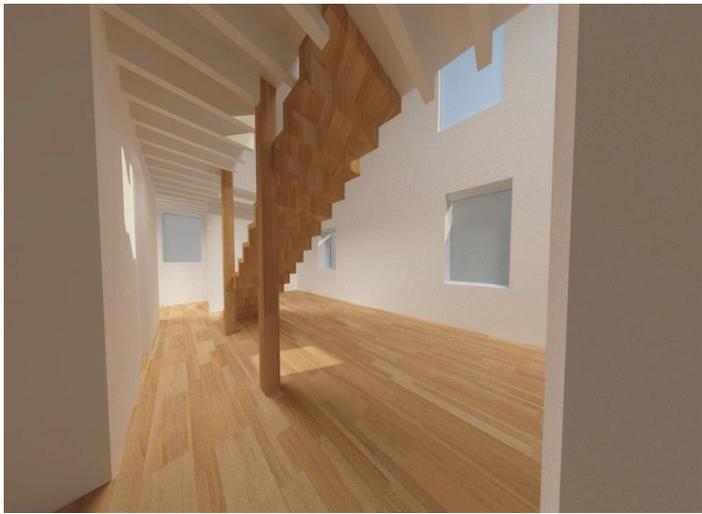




Este edifício comporta duas habitações nos dois pisos superiores e um espaço comum de serviços que se desenvolve no piso térreo, com ligação á praça. Este último funciona, do lado poente, como um espaço de refeições, e do lado nascente como um pequeno cyber-café. Ambos estão interligados pela passagem interior do edifício. Em dias em que o clima for favorável a praça pode funcionar como esplanada ao ar livre no exterior, contribuindo para o encorajamento da vivência social intencionada.

As habitações encontram-se divididas de igual modo, uma nos dois pisos parciais a poente e a outra no restante a nascente. Ambas são acedidas pela rua interior do quarteirão, do lado oposto da perspetiva da fotografia acima, podendo transformar-se numa só habitação caso desejado. – conceito de casa mutável









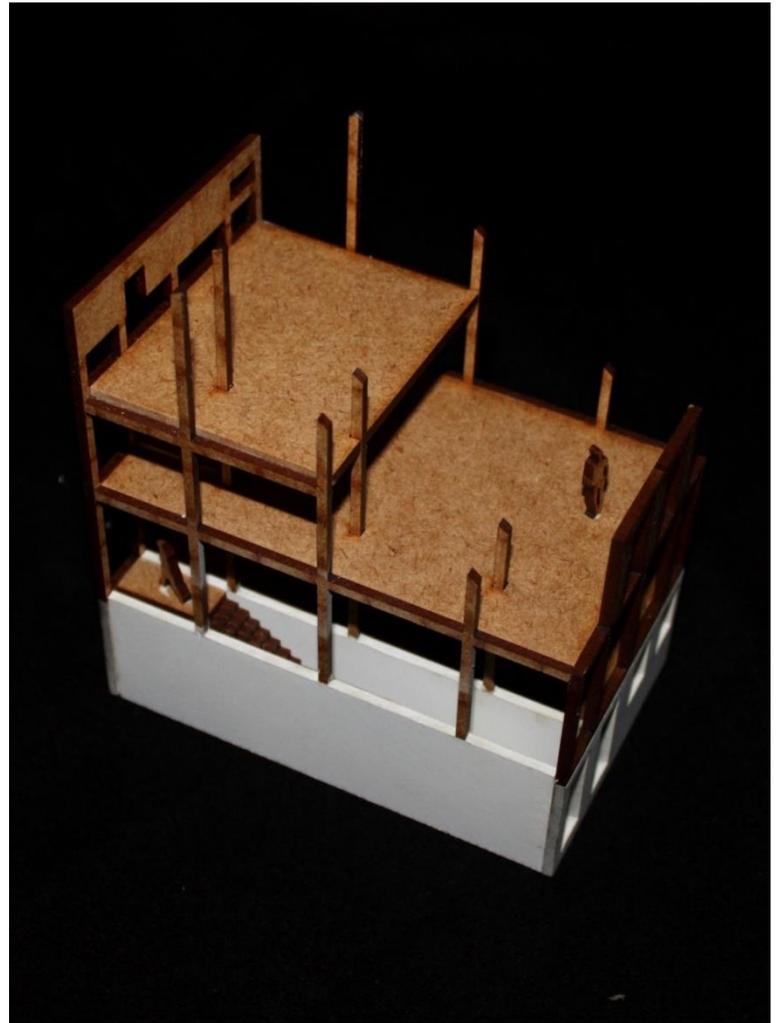
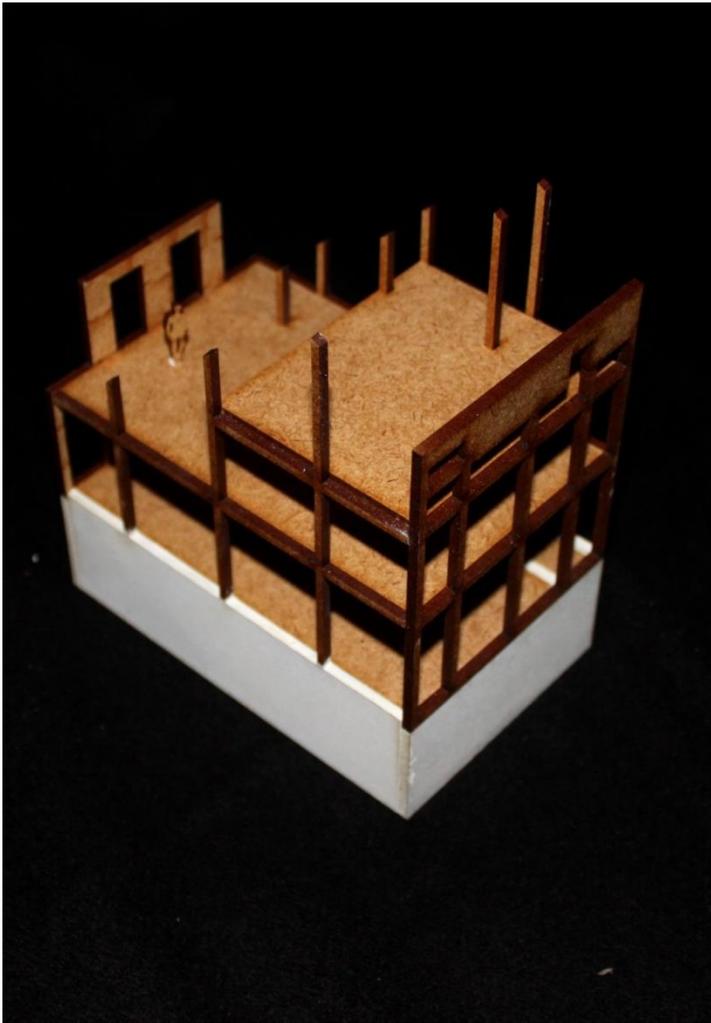


Este edifício comporta duas habitações e uma pequena sala comunitária de leitura ou estudo, em apoio ao espaço comum desenvolvido no mesmo piso equivalente do edifício localizado no interior do quarteirão, do lado oposto da praça. Tendo esse um carácter mais social e público, este apresenta uma alternativa mais calma e sossegada.

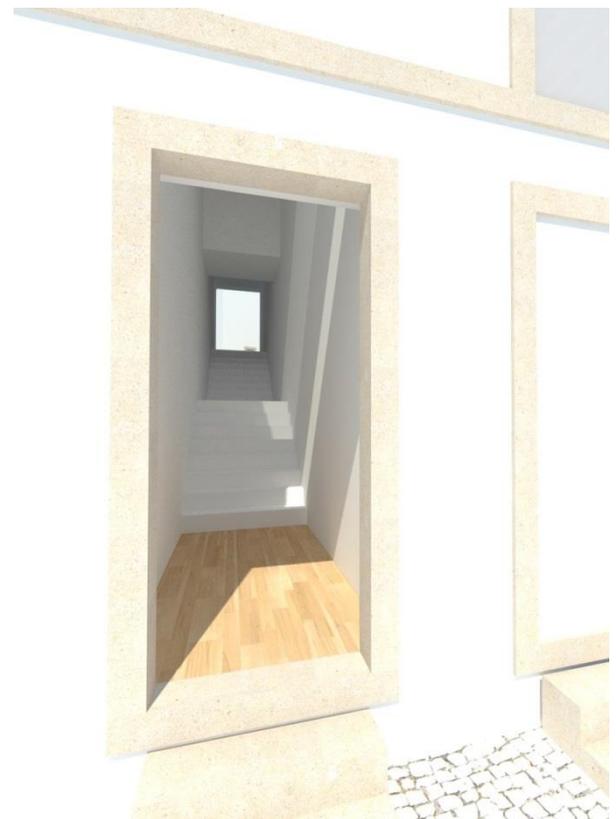
Uma das habitações desenvolve-se no piso térreo, parcialmente subterrado e com ligação à rua São Francisco de Sales, e a segunda no últimos dois pisos, superiores à sala de leitura, com acesso pela praça interior.

Fotografias da maquete – Casa da frente de rua São Francisco de Sales:  
Estrutura interior em barotes de madeira ao estilo gaiola pombalina, apoiada sobre fundação em betão armado – piso parcialmente subterrado  
[Fonte: Fotografias da autora]

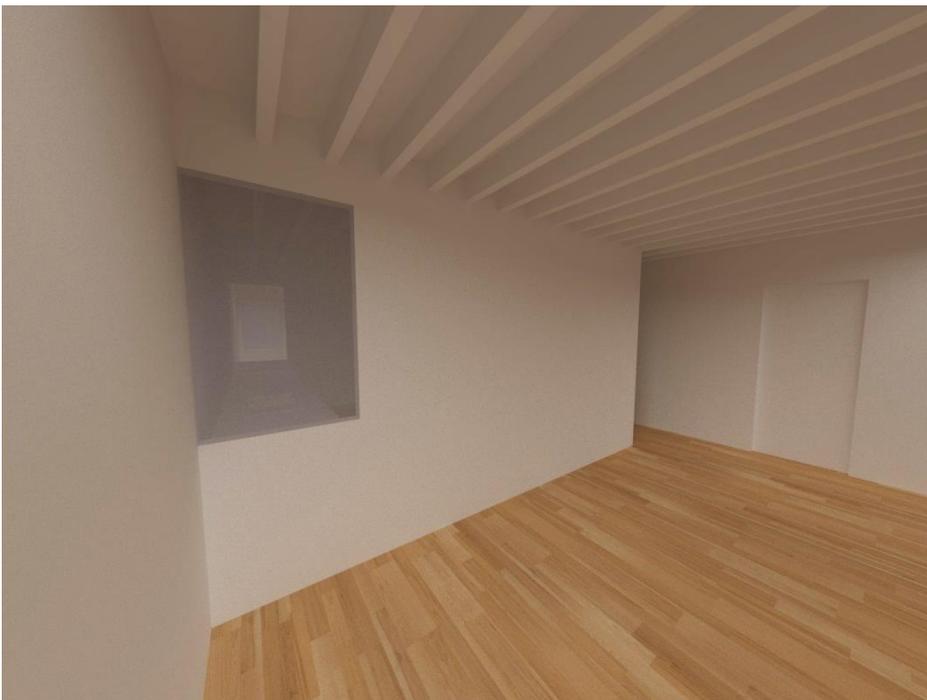


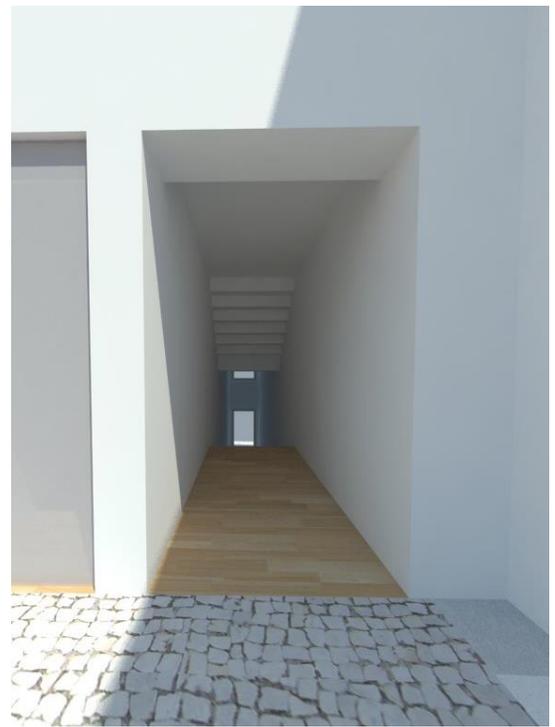


Fotografias da maquete – Casa da frente de rua São Francisco de Sales:  
Estrutura interior em barrotes de madeira ao estilo gaiola pombalina, apoiada sobre fundação em betão armado – piso parcialmente subterrado  
[Fonte: Fotografias da autora]

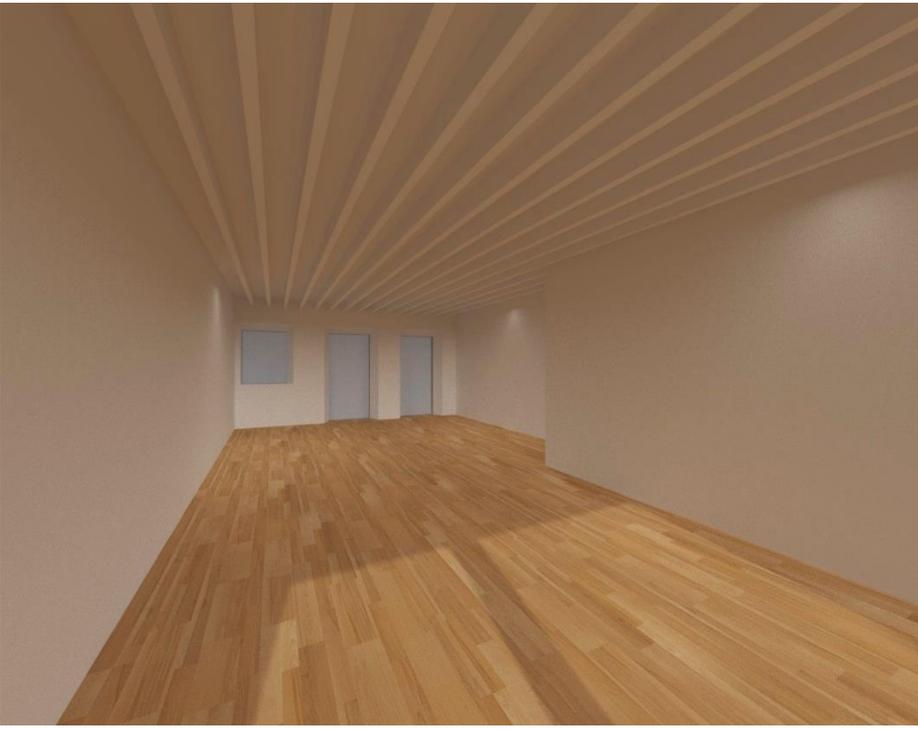


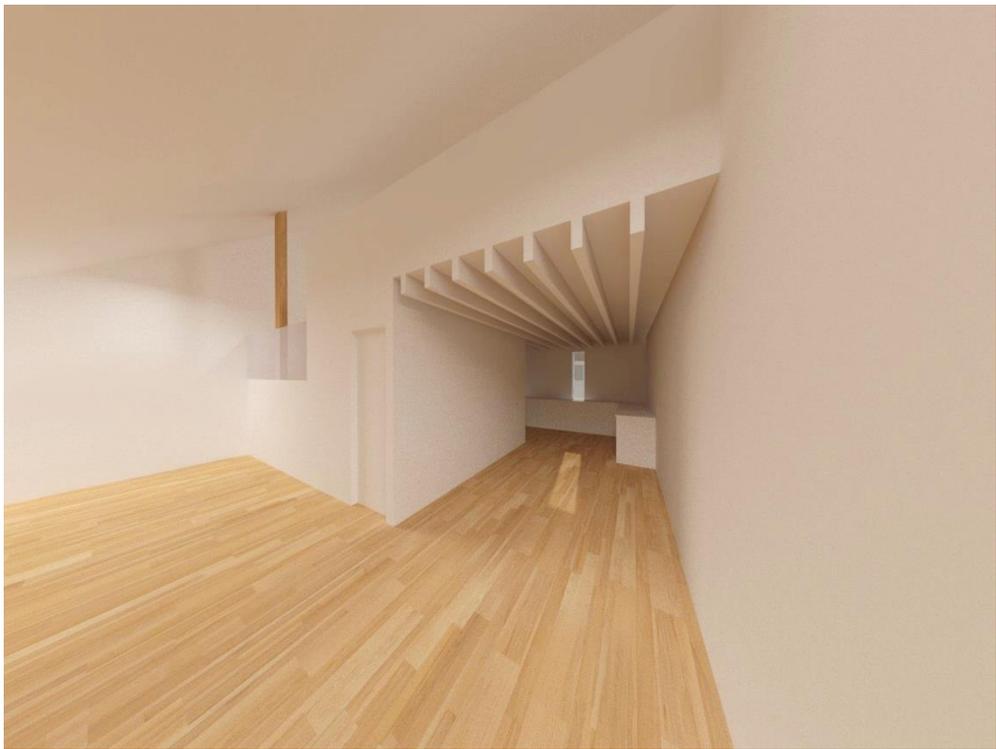
Modelo 3D – Casa da frente de rua São Francisco de Sales:  
Alçados e atravessamento de acesso ao interior do quarteirão





Modelo 3D – Casa da frente de rua São Francisco de Sales:  
Alçados e atravessamento de acesso ao interior do quarteirão









# ESPAÇO PÚBLICO NAS AMOREIRAS

## TEMA III

AMOREIRAS, LISBOA, PORTUGAL  
2012

### *Exercício IV*

Partindo da análise realizada no tema II, e tendo como base o percurso urbano elaborado nessa fase, o tema III surge, assim, como reforço dessa mesma proposta.

O presente exercício pressupõe dar mais enfoque à intervenção no espaço público de mediação entre os projetos individuais, propondo um padrão conceptual nas propostas de habitação ao seguir uma lógica global comum. A proposta visa privilegiar o peão, procurando evidenciar questões relacionados com a mobilidade pedonal, numa tentativa de dar uma maior fluidez aos percursos pedonais secundários.

Revela-se, assim, um percurso mais permeável que se encontra subentendido na malha urbana. Este percurso alternativo intersecta os projetos individuais, originando atravessamentos pelo interior dos quarteirões onde estes se inserem, que evidenciam espaços expectantes que esperam uma nova vivência. Pretende-se que o próprio carácter das habitações projetadas convide as pessoas a percorrer estes lugares intrínsecos, e a realizar um percurso mais enigmático e distinto daquele usualmente escolhido.

Este conceito parte da sobreposição de uma nova estrutura àquela já existente, num retorno à realidade retratada nas plantas de Filipe Folque, onde estavam evidenciados princípios valorizadores da pedonalidade. Esta nova estrutura é evidenciada através do alargamento de algumas vias pedonais, pavimentadas com calçada que se estende ao interior dos quarteirões, e do desenho de uma faixa de árvores que define o novo trajeto, ao longo do qual se verifica o aparecimento pontual de espaços de estar. É também desenhado um sistema de irrigação dos novos elementos arbóreos, que consiste num estreito canal que os interliga, favorecendo, no conjunto, o sombreamento e frescura do espaço.

Projeta-se, ainda, uma estrutura de circulação sobrelevada que procura reforçar a presença do peão face ao veículo automóvel, ligando pontos estratégicos do território numa tentativa de unificação de um espaço que se encontra fragmentado pela Avenida Engenheiro Duarte Pacheco. Materializa-se na elevação do cruzamento de antigos caminhos da cidade, transformando o seu contacto com o solo, os referidos pontos estratégicos, em locais de paragem para transportes públicos, num reforço do conceito de mobilidade. Estes pontos são as Quanto à materialidade optou-se por uma estrutura metálica, devido à necessidade de conceção de uma estrutura leve, e no pavimento o uso da madeira, seguindo a lógica de uma construção ligeira.

Segundo os pressupostos estipulados para a realização desta etapa de reestruturação do espaço urbano e após um olhar cuidadoso sobre a zona, pareceu lógica uma intervenção no antigo terreno correspondente ao Quartel da Artilharia 1, um espaço devoluto e expectante, que tantas possibilidades enuncia. No entanto, tendo em conta a linguagem da intervenção até aqui elaborada, que visa a descoberta de novas possibilidades face ao que se encontra enunciado, não faria sentido operar neste espaço de carácter tão central, até porque no nosso entendimento este já assume um valor demasiado forte no território em que se insere. Assim, assumimos uma postura de liberdade relativamente ao exercício, criando antes uma alternativa repleta de percursos improváveis, que no nosso entendimento pode adquirir um maior valor face à exploração desta vasta área.



37. Calçada Portuguesa

Fonte: <http://olhares.uol.com.br/calçada-portuguesa-foto419169.html>

38. Pedra Calcária

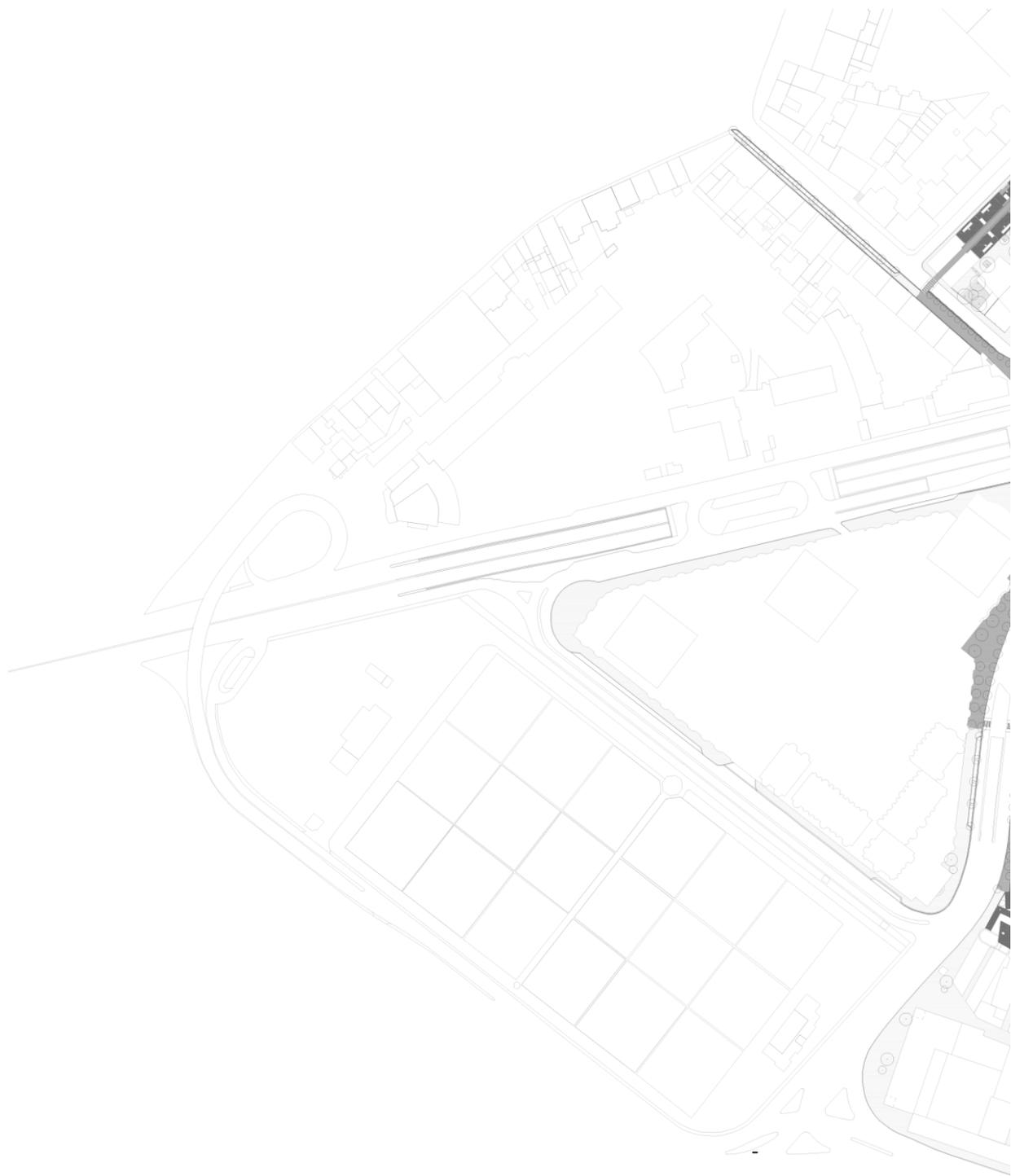
Imagens da página à direita

39. 40. Pátio de los Naranjos, Catedral de Sevilha, influência da proposta

Fonte: [http://www.flickr.com/photos/de\\_ijssel/7160327850/](http://www.flickr.com/photos/de_ijssel/7160327850/)

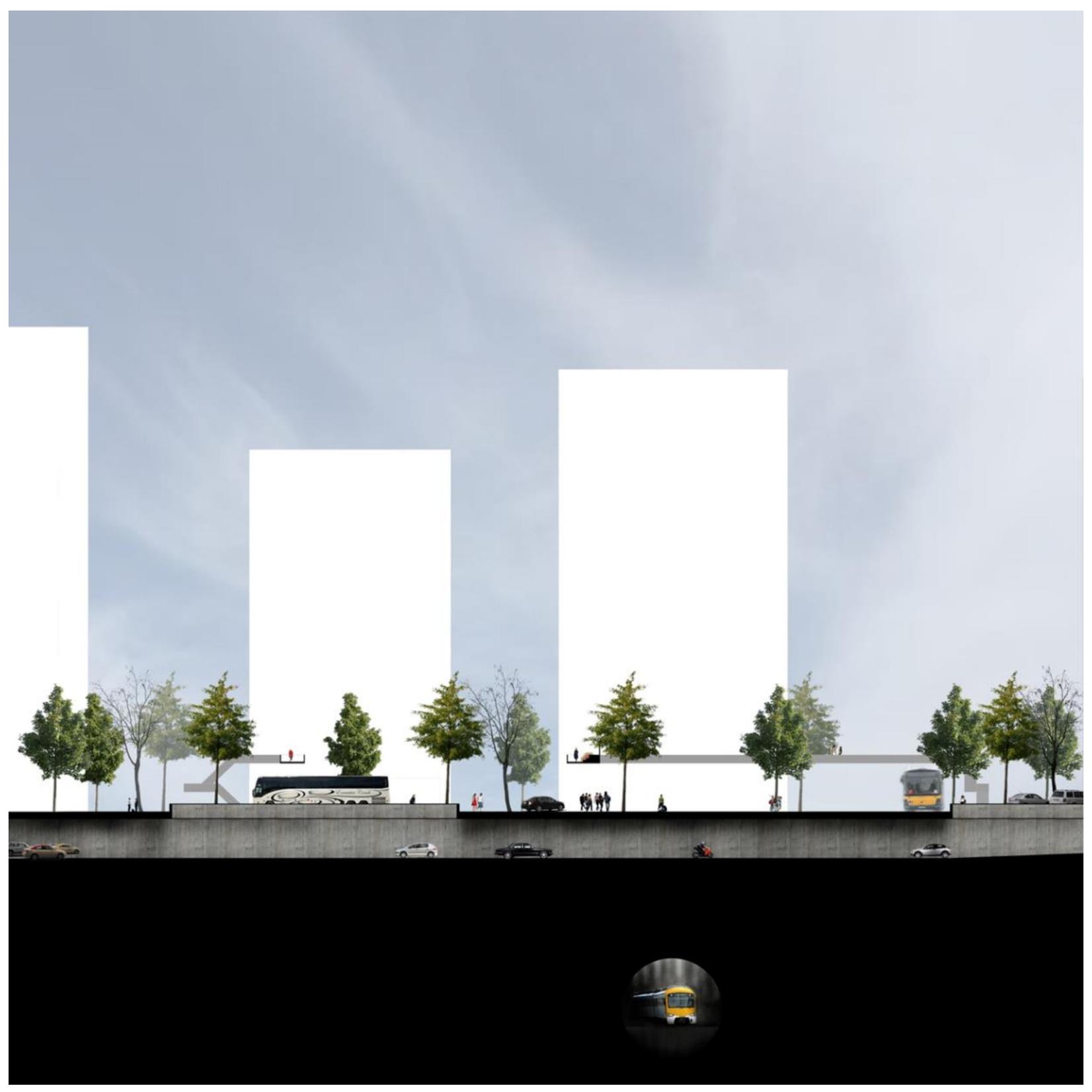
Fonte: <http://rsiqueira.postbit.com/upload/2/20110824/Catedral-de-Sevilha-Vista-ao-patio-das-laranjeiras-1024-postbit-1289.jpg>





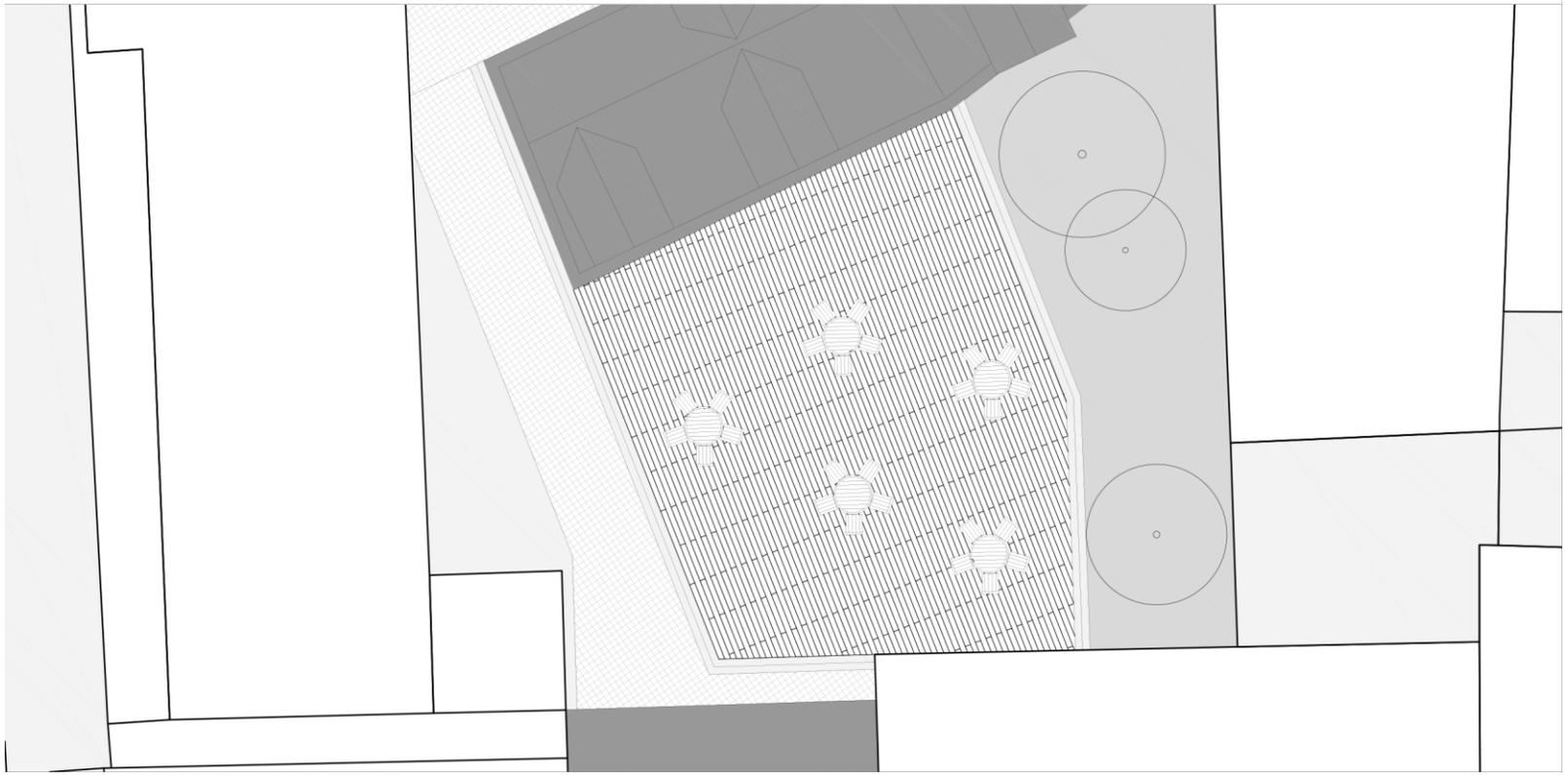
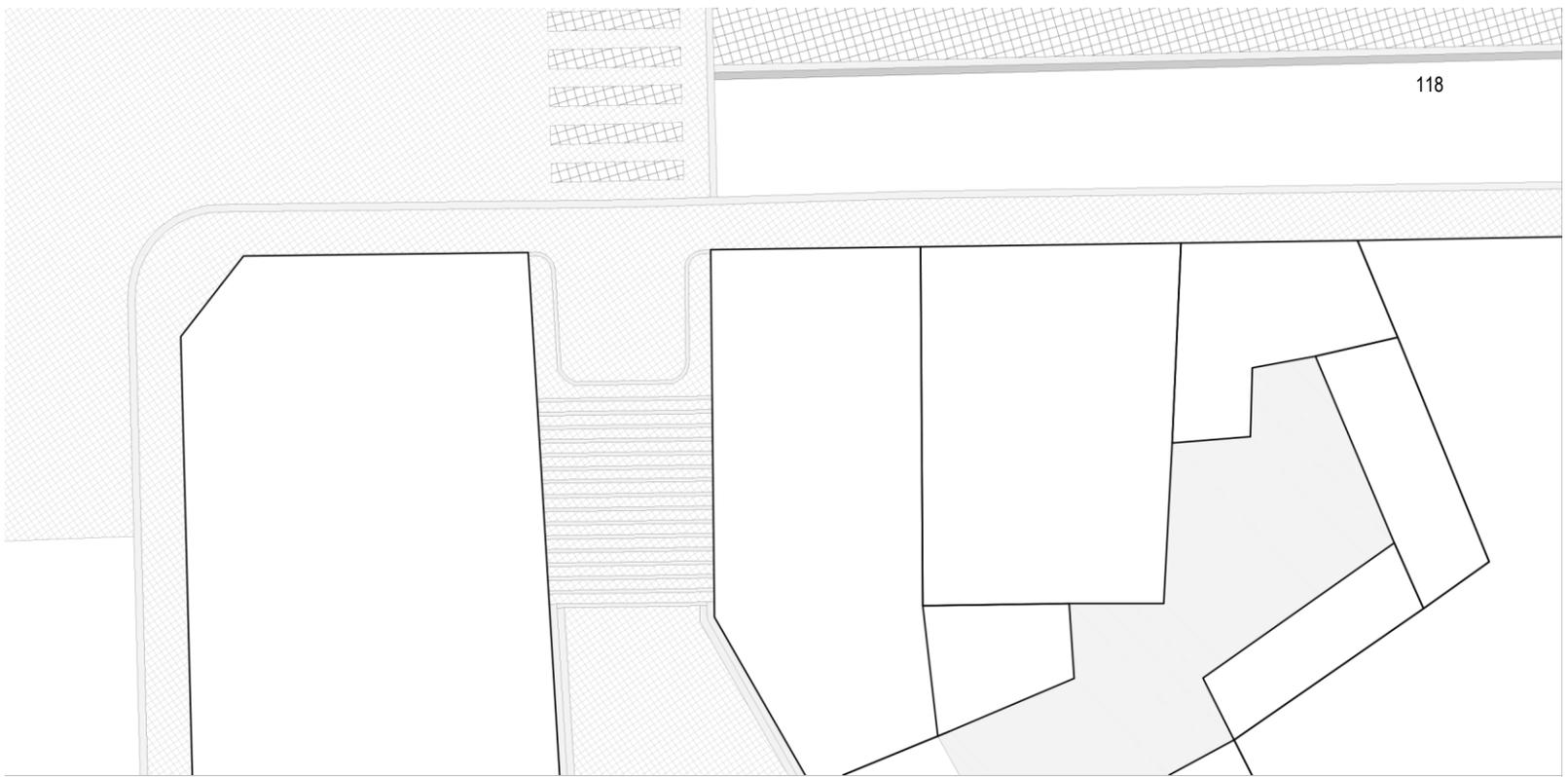








planta pormenor zona 8 | escala 1:2000 e 1:200 | Catarina Oliveira

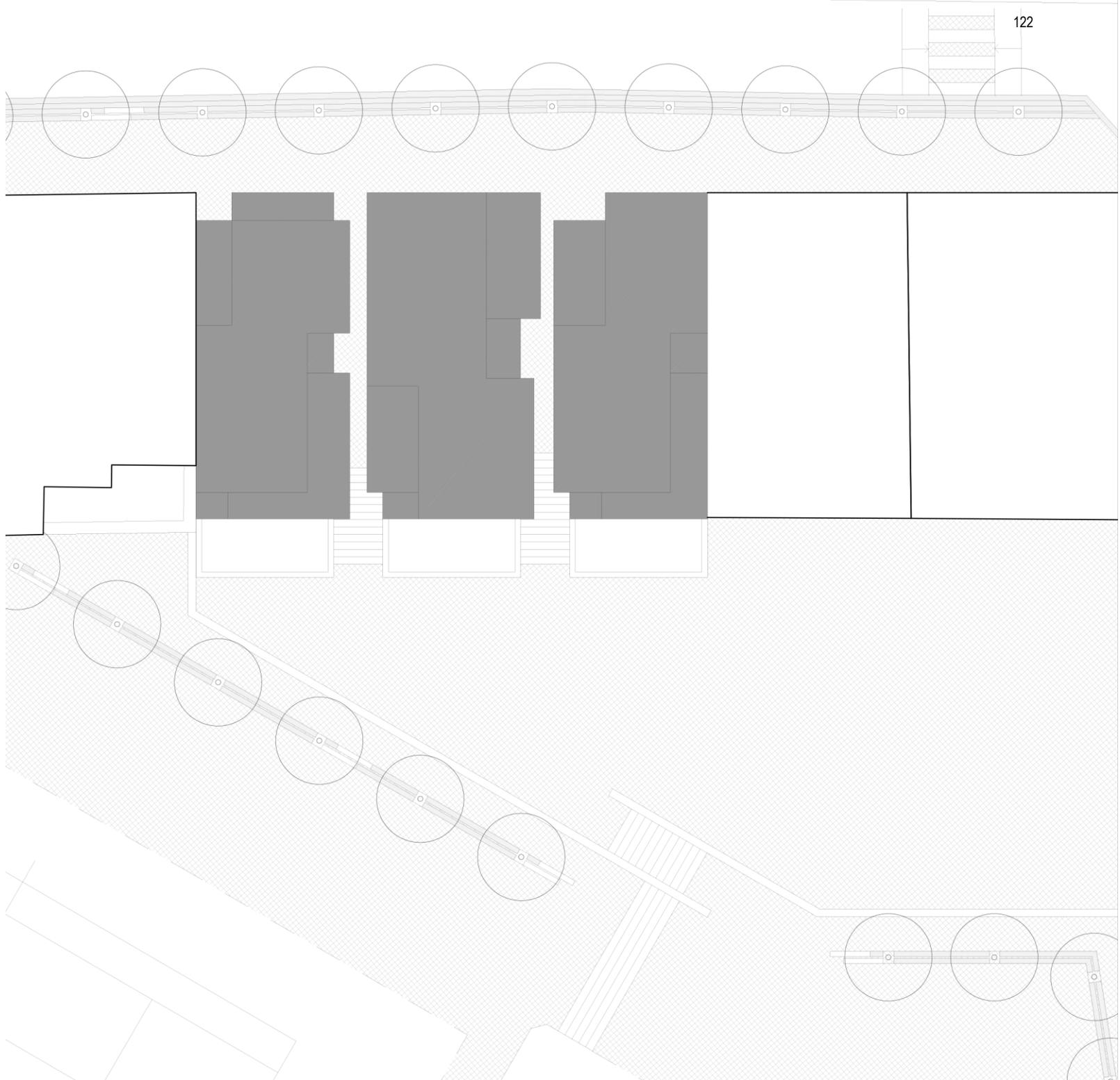








planta pormenor zona 7 | escala 1:2000 e 1:200 | José Ferrão

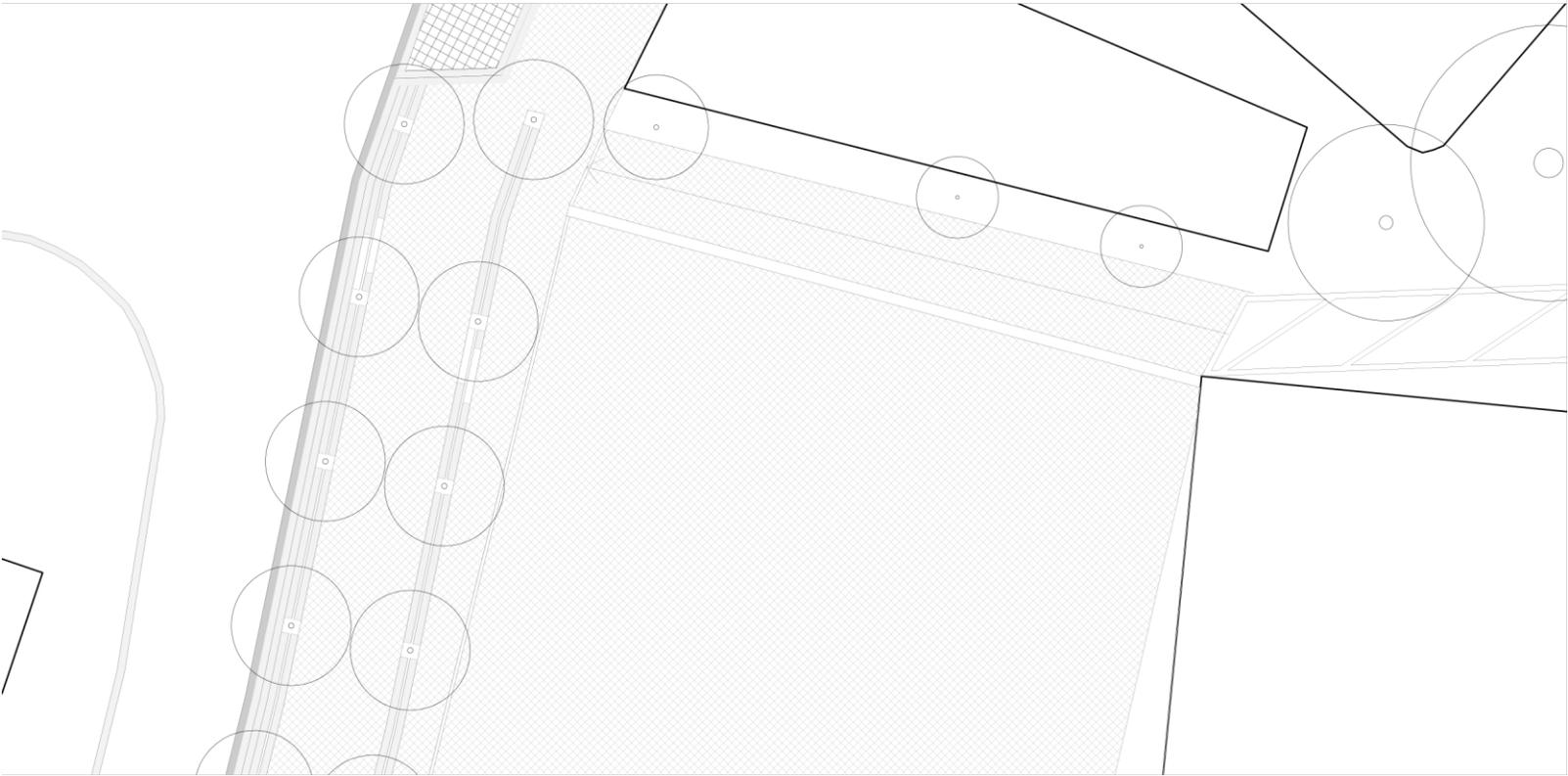
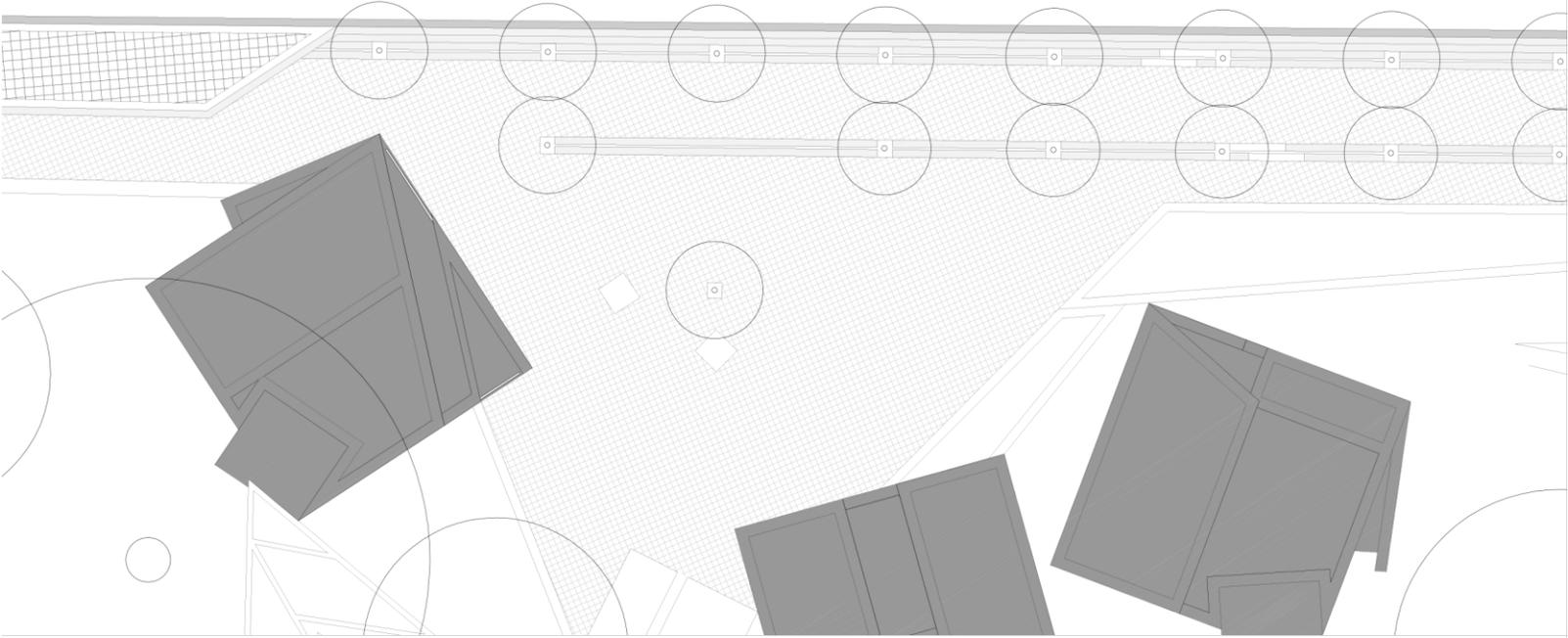


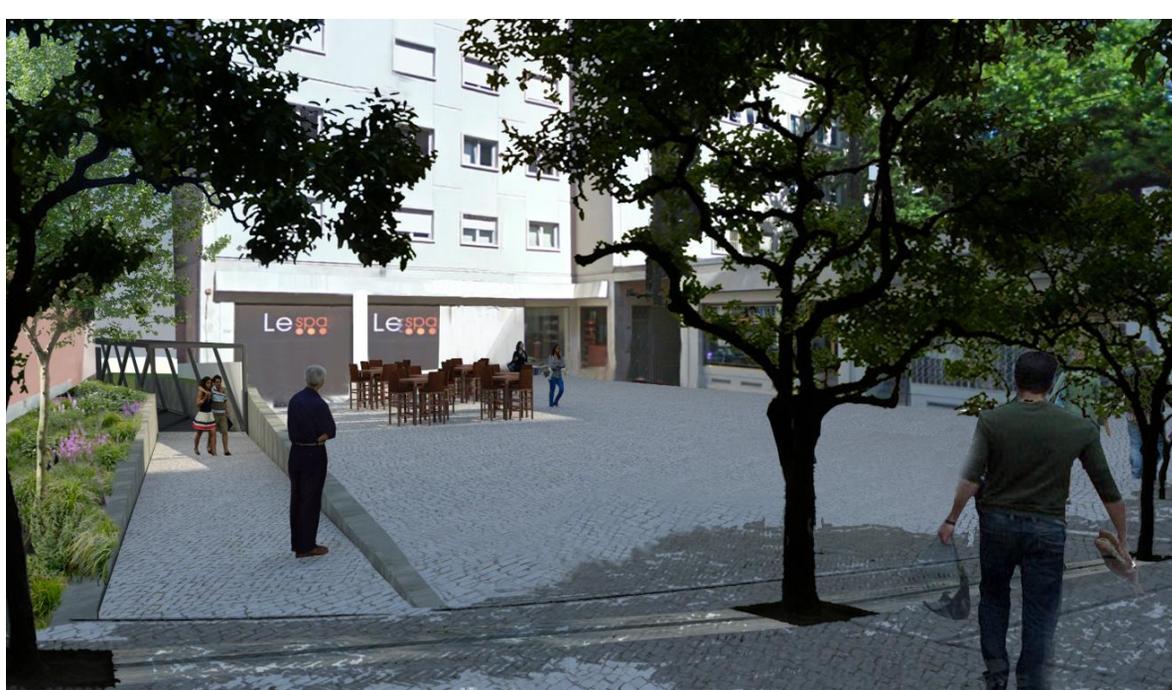






planta pormenor zona 6 | escala 1:2000 e 1:200 | João Bagorro



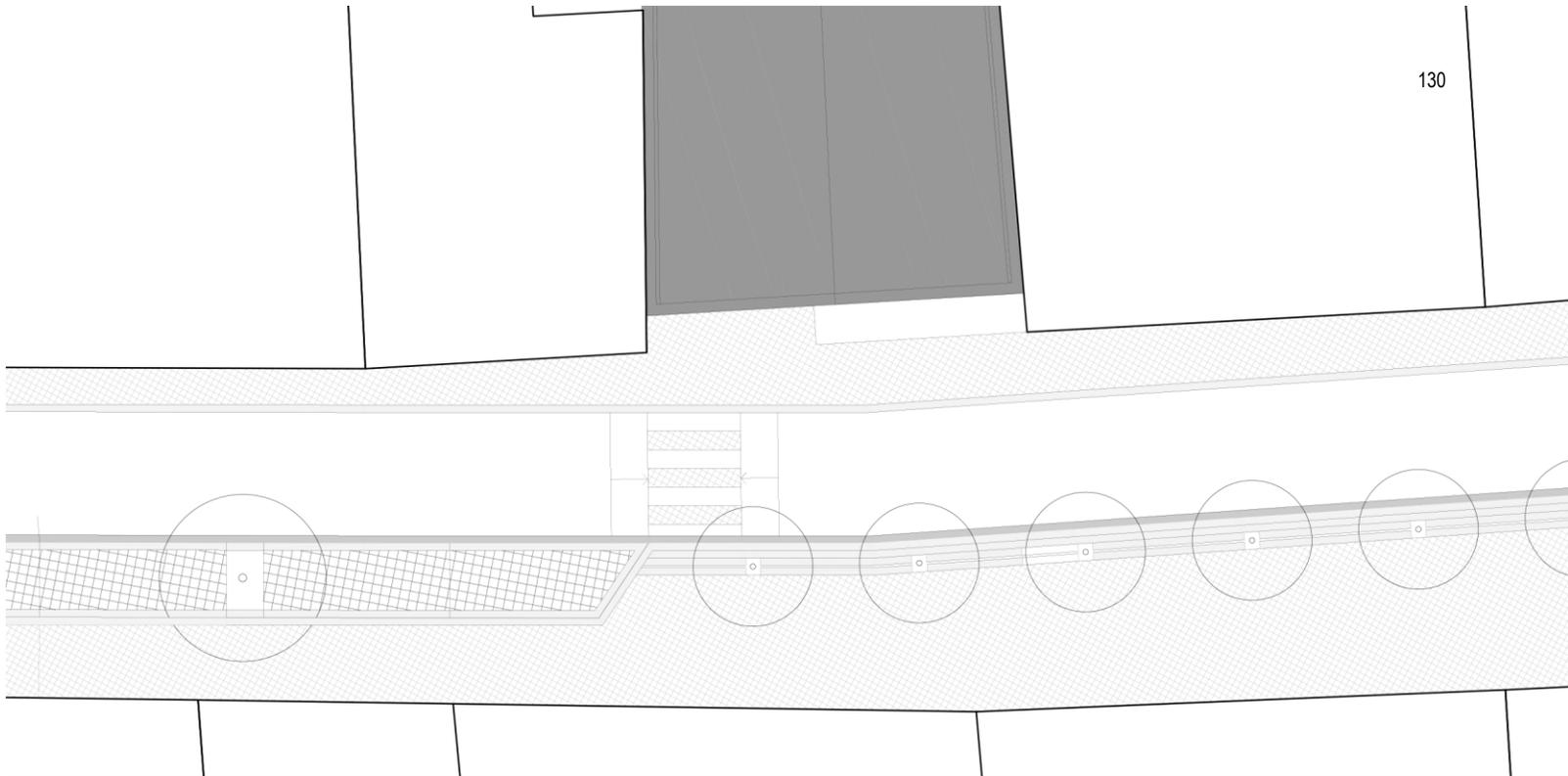






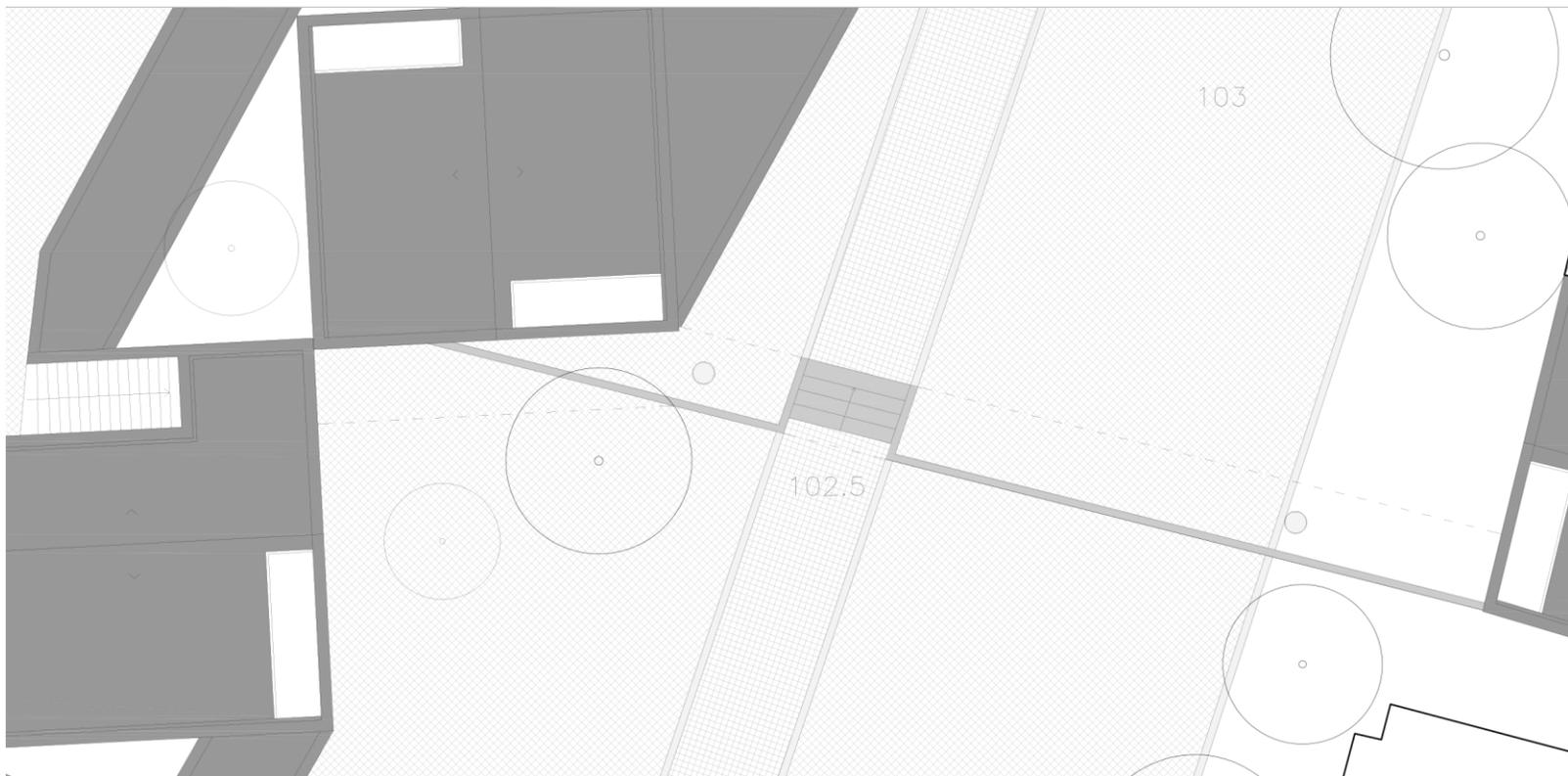
planta pormenor zona 4 | escala 1:2000 e 1:200 | Patrícia Oliveira

130



103

102.5

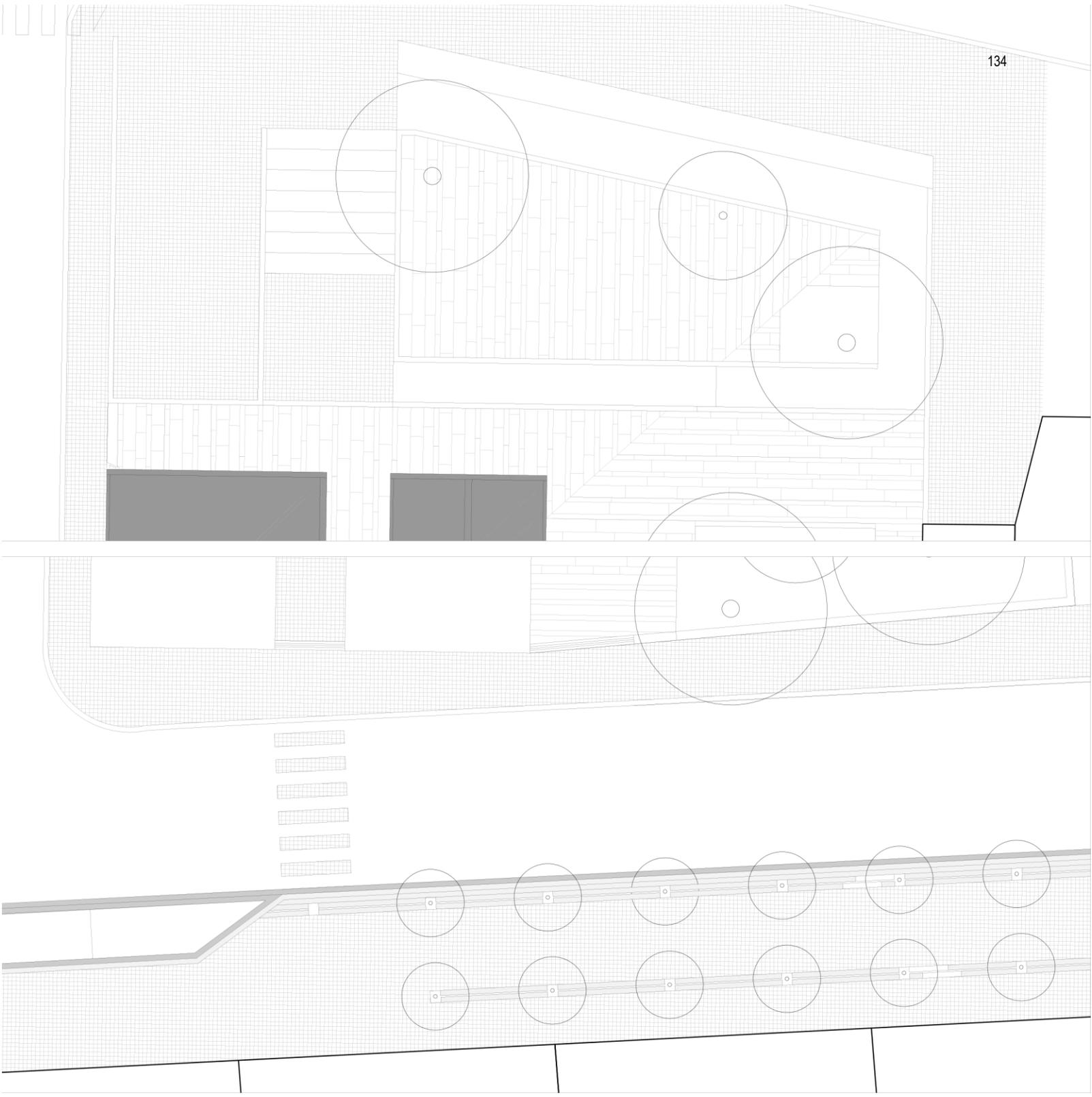


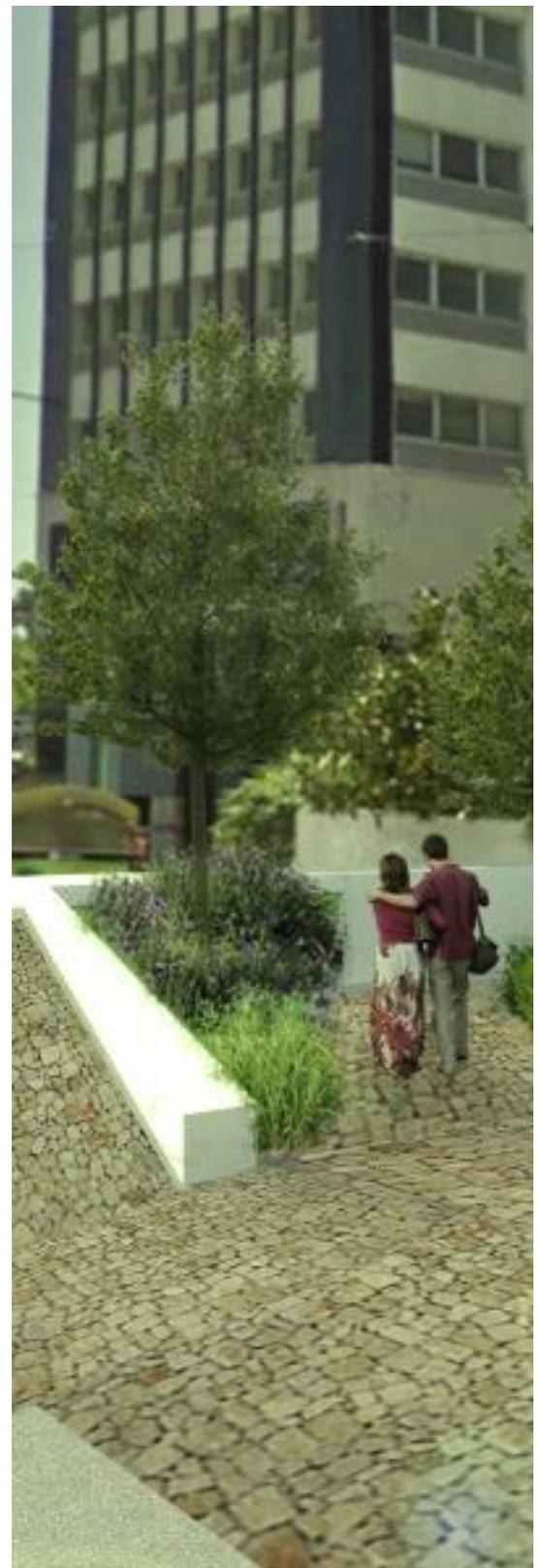






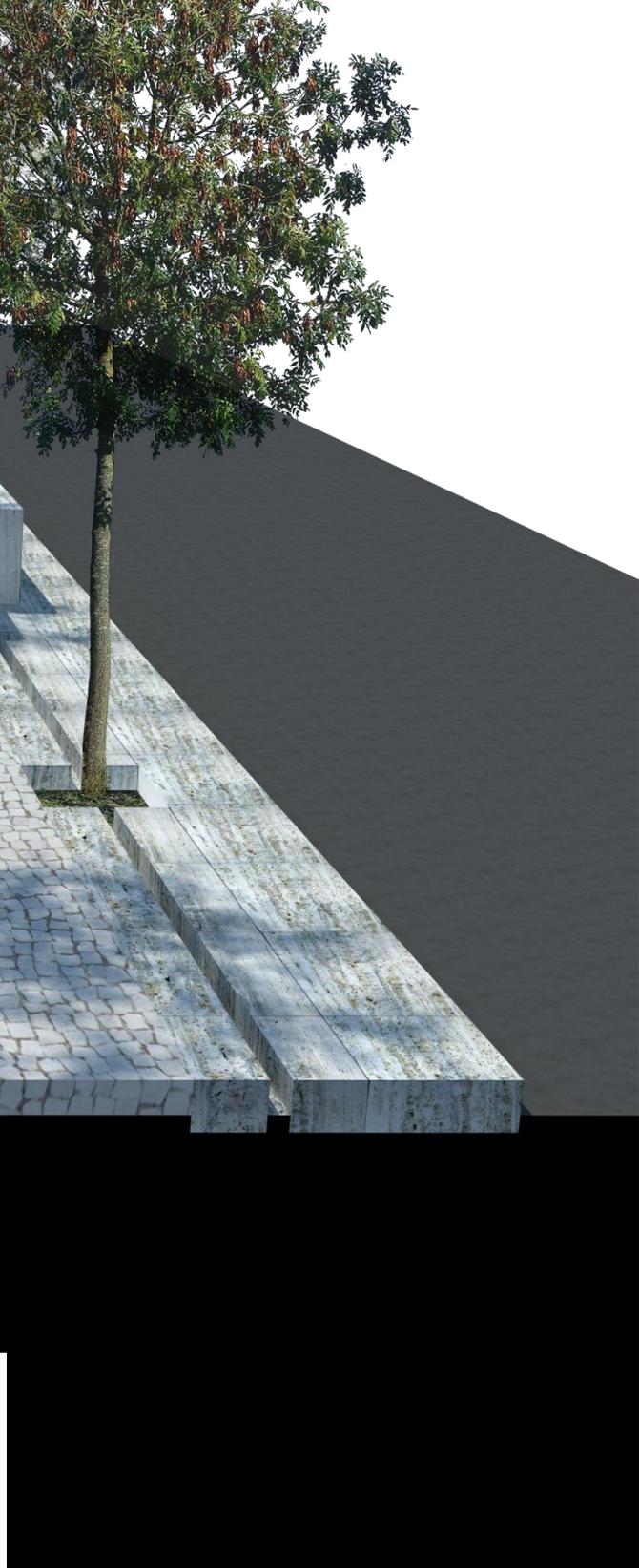
planta pormenor zona 2 | escala 1:2000 e 1:200 | João Quinas







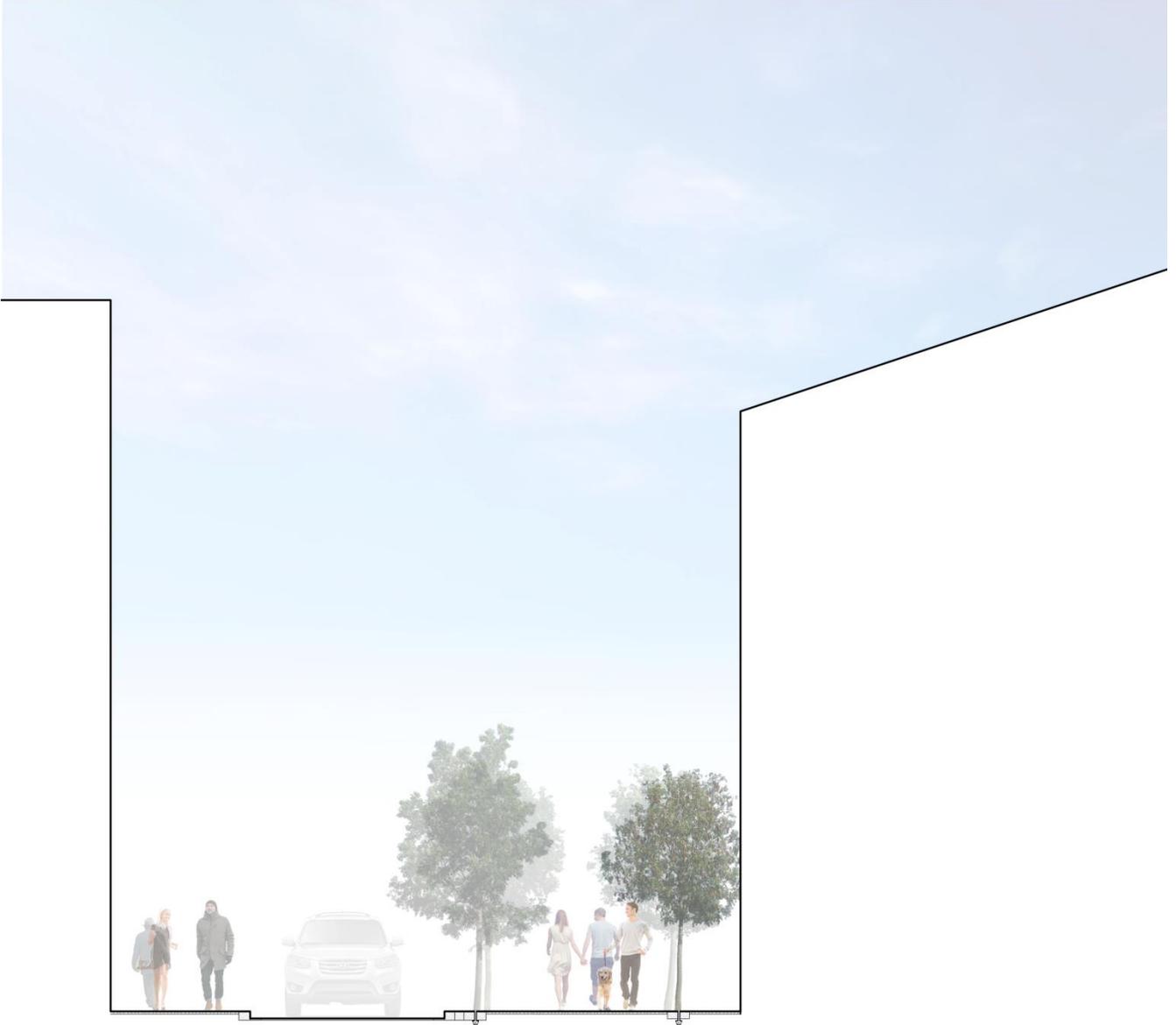


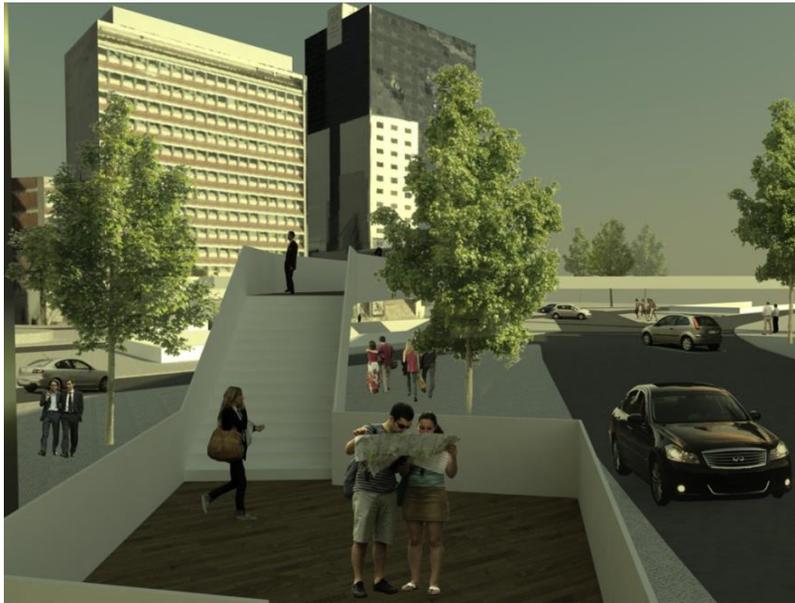


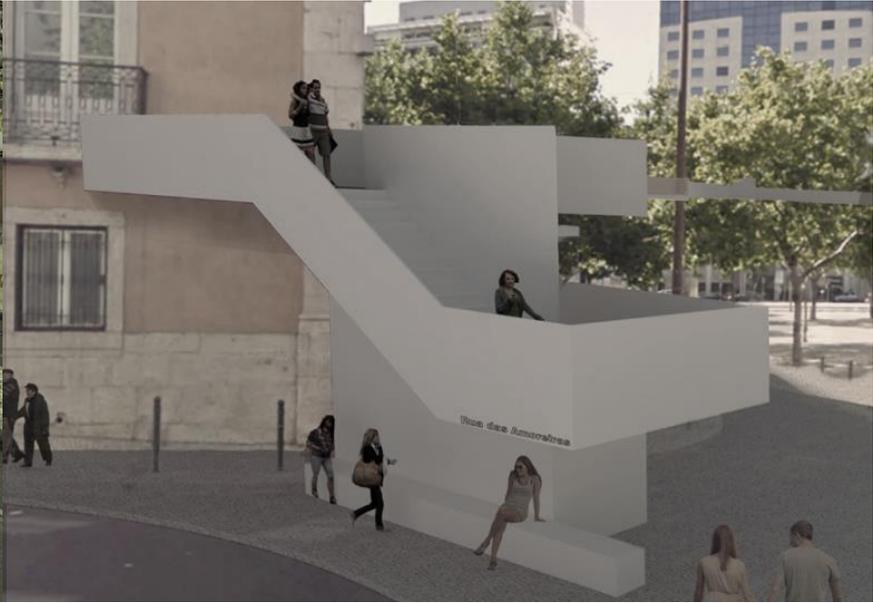
fotomontagens representativas da intervenção















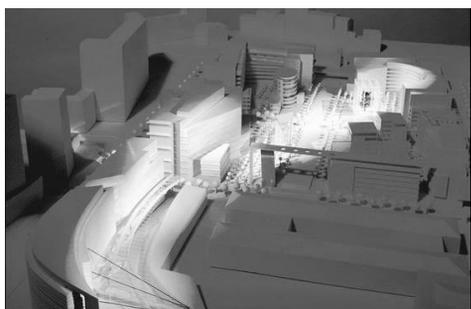
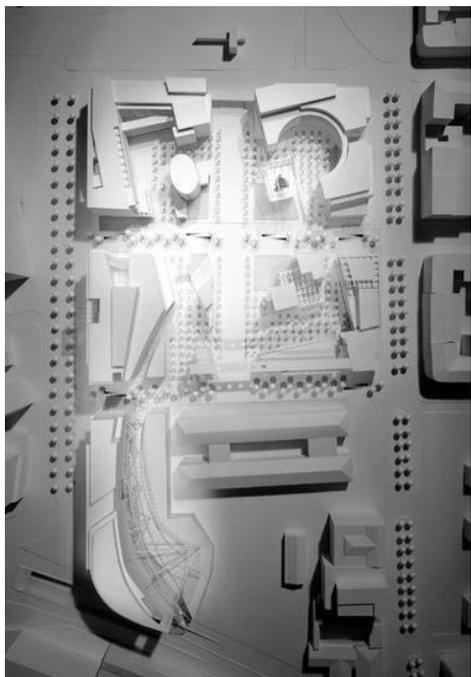
# Projetos existentes para a Artilharia I

## Plano de Pormenor Artilharia I

O quarteirão da Artilharia Um encontra-se delimitado a Norte pela Rua Marquês da Fronteira, a Poente pela Avenida Conselheiro Fernando de Sousa e Rua e de Campolide, a Sul pela avenida Engenheiro Duarte Pacheco, e a Nascente pela Rua da Artilharia Um. Este espaço corresponde à área de parada e de casernas do antigo anexo do Hospital Militar de Lisboa, onde se localiza também o corpo principal do antigo anexo do Hospital Militar Principal, atual Instituto Geográfico Português.

O Plano de Pormenor da Artilharia Um assumiu para a proposta de rede viária as soluções decorrentes dos estudos de tráfego e de condições acústicas, realizados nos anos de 2003 e 2004,. A proposta de intervenção, realizada pelo atelier Opera | Design Matters + SOM de 2001 a 2005, pressupunha devolver a cidade ao público e dar continuidade à malha urbana pré-existente, atraindo as pessoas para este novo núcleo. Tal objetivo introduz o conceito do “Open City Block” (Quarteirão Aberto), cujos quarteirões propostos mantêm no exterior os alinhamentos impostos pela malha em que se inserem, resguardando no seu interior uma ampla praça de uso público – o “Urban Room“.





41. 42. 43. 44. Intervenção de Opera Design Matters em parceria com SOM. Arranjos exteriores PROAP Projecto de 2001 a 2005

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=174101>

45. Planta de implantação do Plano de Pormenor para o campo de Artilharia I, de Janeiro de 2004

Fonte: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/planos-eficazes/plano-de-pormenor-da-artilharia->

## Alteração ao Plano de Pormenor para o campo de Artilharia I

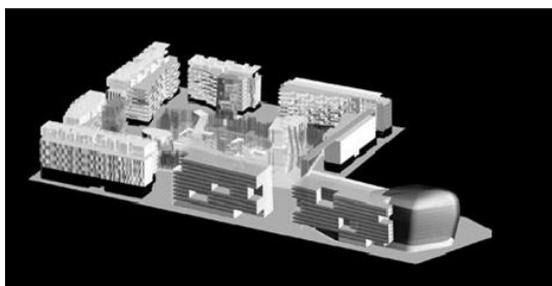
Com a abolição do túnel previsto pelo Plano de Pormenor para o topo Norte da Rua da Artilharia Um e com a construção do prolongamento do túnel da Av. Engenheiro Duarte Pacheco, foram impostas alterações ao volume de tráfego de toda a zona. Além disso, a solução prevista para os acessos à futura estação de metro de Campolide não correspondiam às reais necessidades apontadas pelo Metropolitano de Lisboa, não se encontrando compatíveis com a proposta contida nos documentos do plano anterior, necessitando também de reformulação.

O contexto apontou para a necessidade de um redesenho integral e profundo de toda a rede viária abrangida pela área do Plano e zona envolvente, com o objetivo de adequar o projeto de desenvolvimento deste troço da cidade às novas exigências urbanas. Surge, então, um plano de alteração do Plano de Pormenor da Artilharia Um.

Este apresentou os seguintes objetivos:

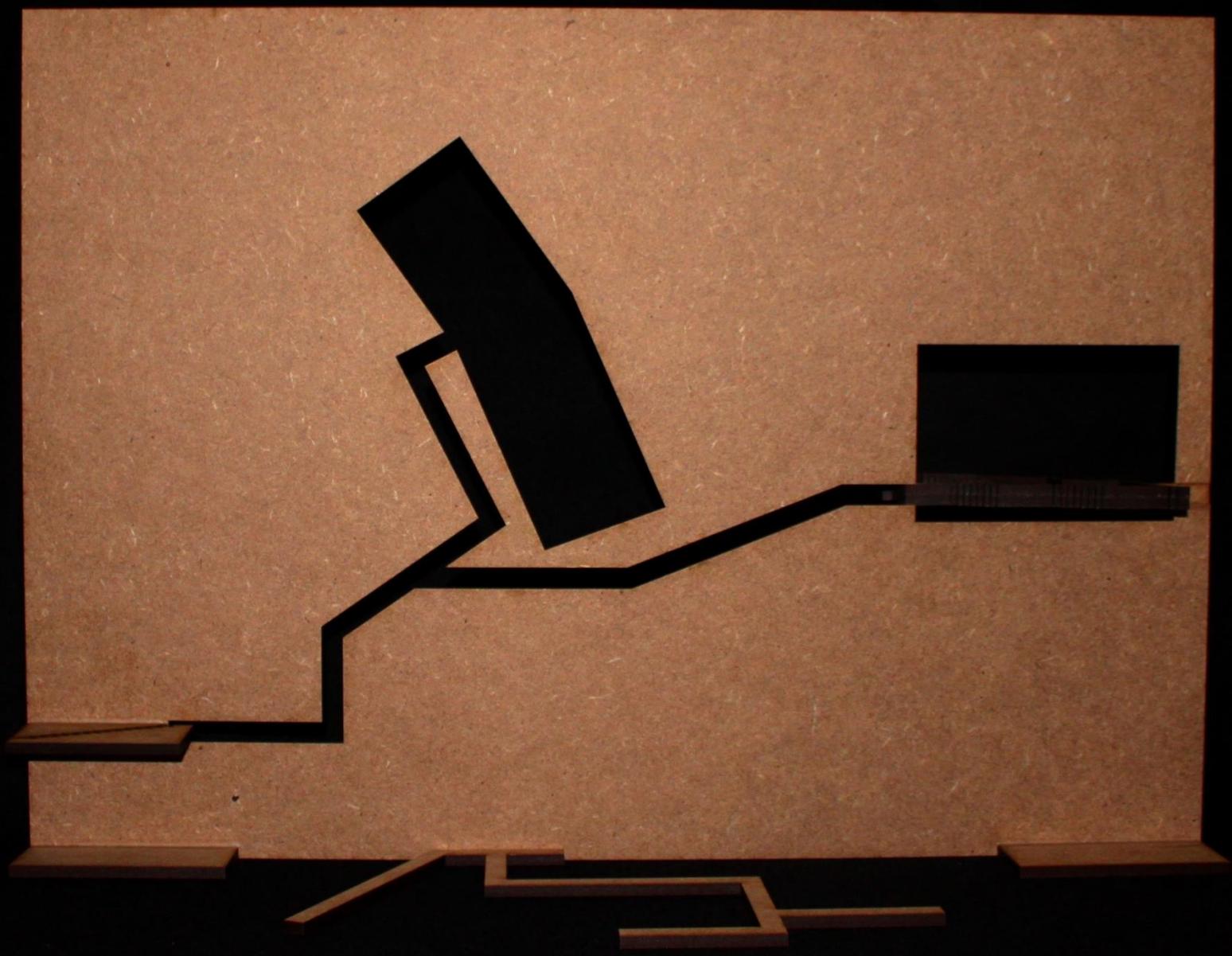
- Atualização da proposta de rede viária do Plano, tendo em conta a construção do prolongamento do túnel da Av. Eng.º Duarte Pacheco e abolição do túnel previsto para o topo norte da Rua da Artilharia Um;
- Adaptação da proposta de Plano, no que respeita aos acessos à futura estação de metropolitano de Campolide, às atuais necessidades apontadas pelo Metropolitano de Lisboa;
- Alteração do Regulamento do Plano no que diz respeito à execução do mesmo e revisão do Programa de Execução e Financiamento.

A alteração ao Plano de Pormenor foi realizada pela mesma parceria entre a Opera | Design Matters e o *atelier* SOM, durante os anos de 2008 e 2009, ficando os arranjos exteriores a cargo da PROAP.



46. 47. 48. 49. 50. Alteração ao plano para campo de Artilharia Um, e Opera Projects. Arranjos exteriores PROAP, 2008-2009

Fonte: <http://www.opera-projects.com/pt/complexo-campolide-parque>



# TEMA IV

LISBOA, PORTUGAL  
2013

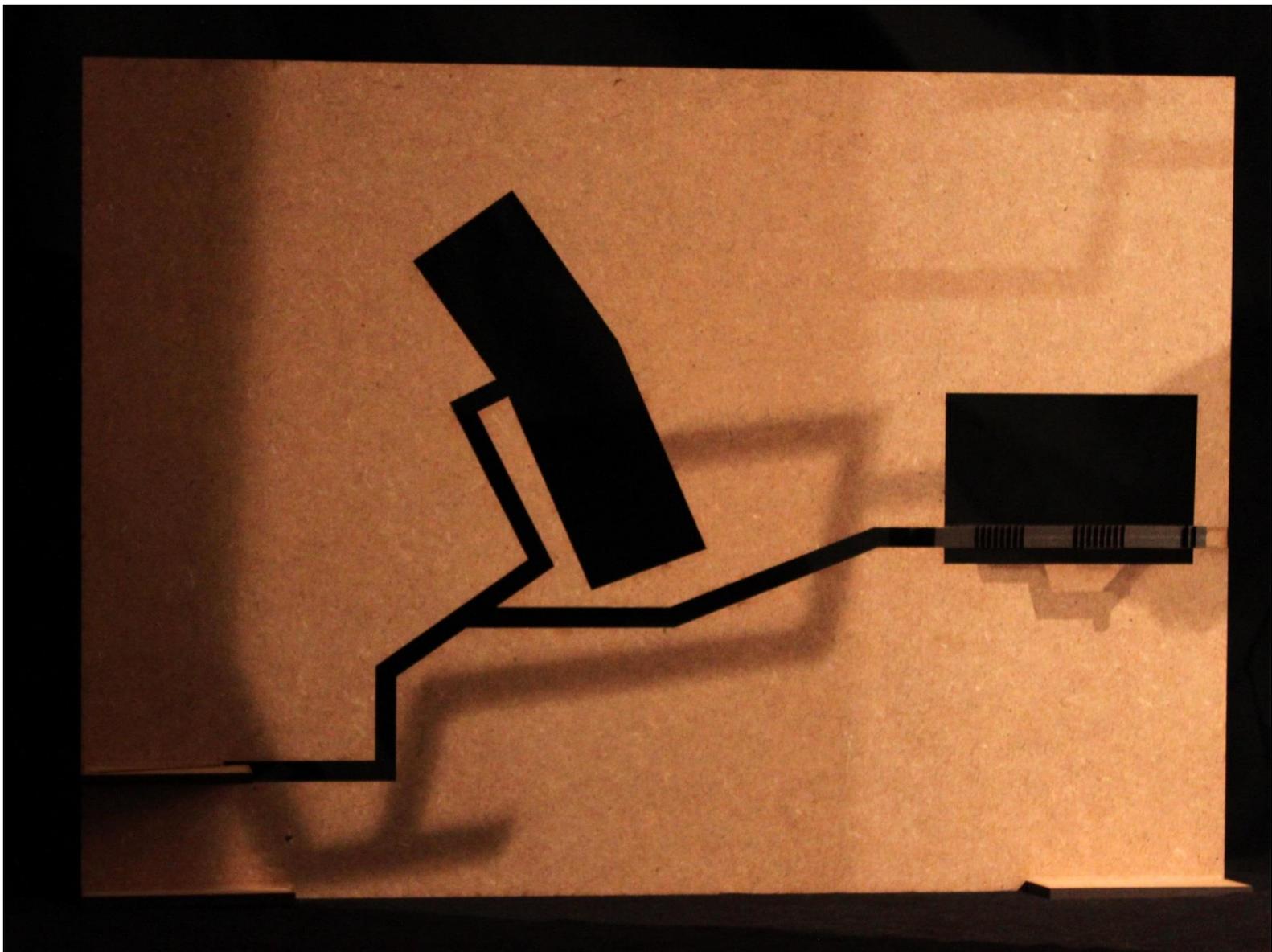
## *Exercício VI*

Neste último exercício realizado na vertente projetual da cadeira foi dada total liberdade aos alunos para produzir qualquer elemento representativo do trabalho desenvolvido nos exercícios projetuais ou teórico. Um exercício que recupera os conceitos abordados naquele que foi o arranque do ano letivo, pretendia ser uma tentativa de expressão por parte dos alunos de uma área de interesse pessoal ou um aprofundamento dos elementos já produzidos, de maneira a melhor fundamentá-los se desejado.

Uma vez que uma parte marcante do processo foi precisamente o arranque do tratamento do quarteirão em que se desenvolve o Tema I, cujos obstáculos levaram a tomadas de decisão mais morosas e alicerçadas em elementos de análise do território e sua história, suas memórias, levando a muitas experimentações, decidiu-se representar num objeto essas mesmas hipóteses. Com este pretendia-se não uma representação direta do processo e decisões, mas uma abstração deste mesmo, onde as diferentes perspetivas enunciam diferentes soluções.

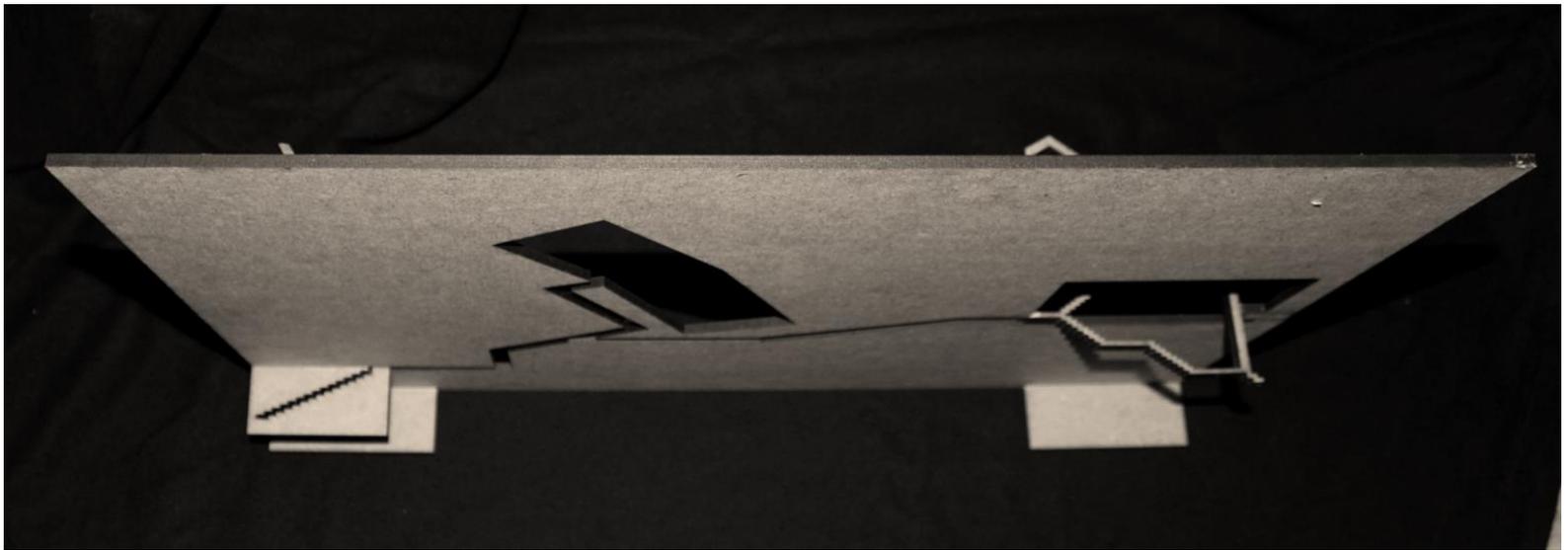
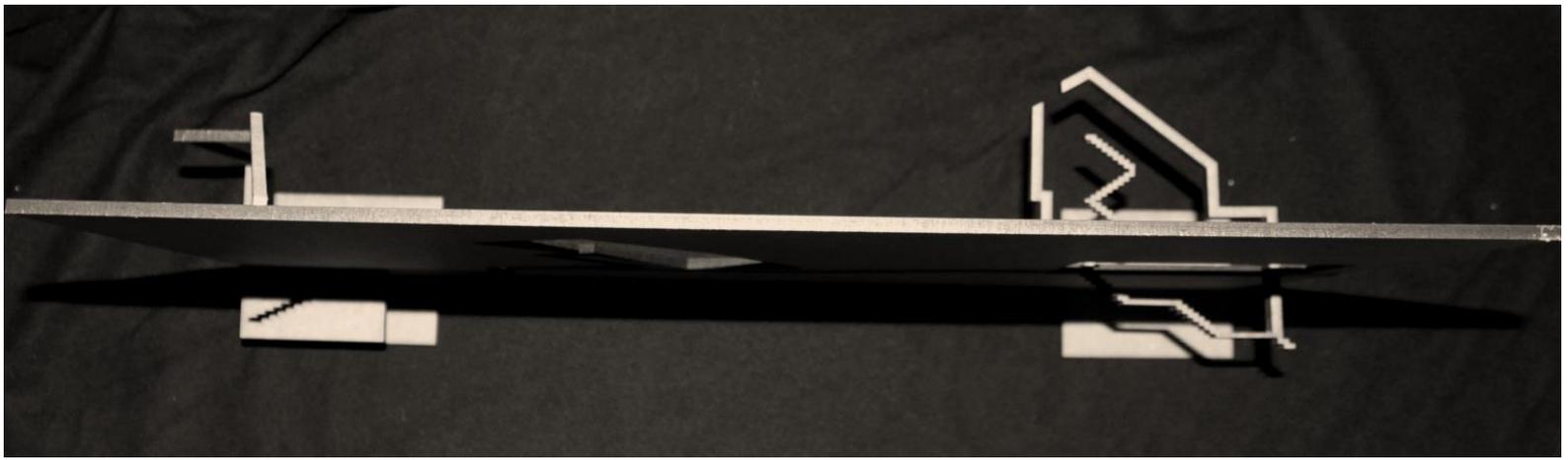


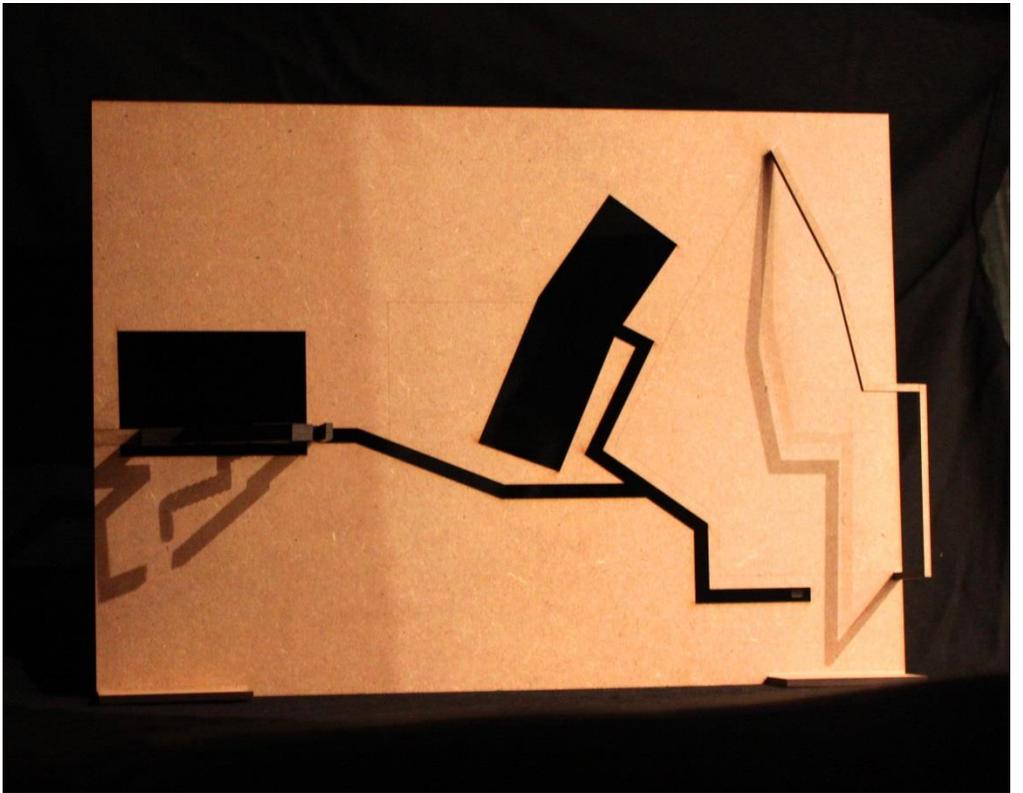
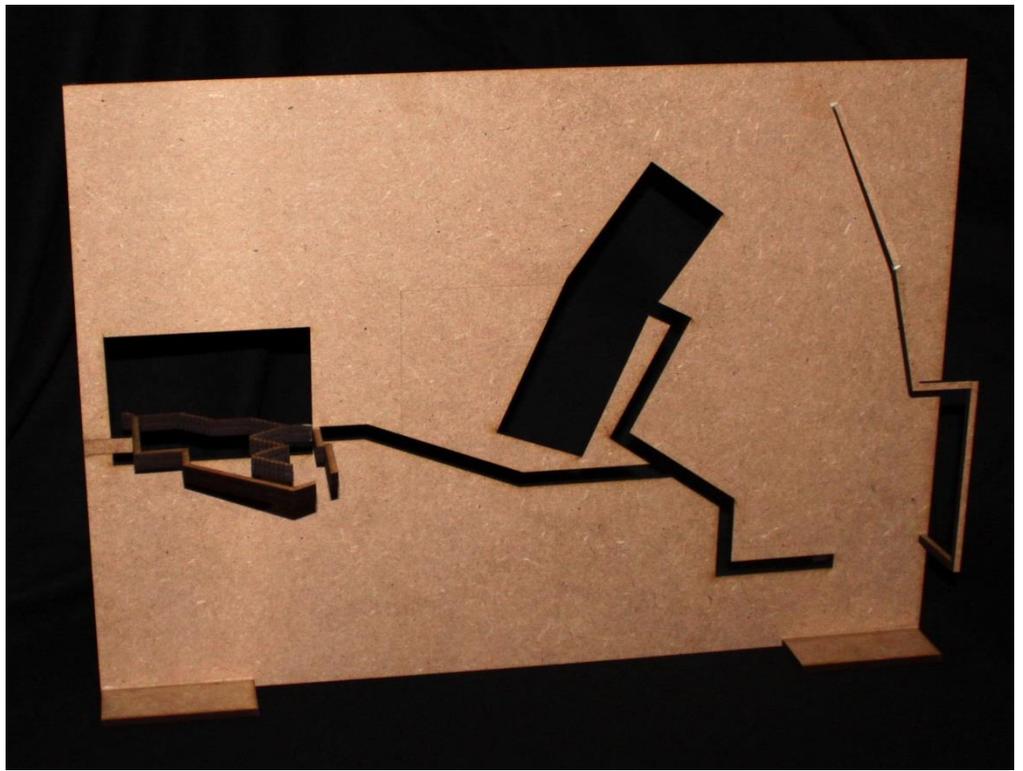
52. Paisagem Interior – José Pedro Croft  
Fonte: [http://www.museu.gulbenkian.pt/croft/SL\\_Atrio\\_1.jpg](http://www.museu.gulbenkian.pt/croft/SL_Atrio_1.jpg)



Do conjunto fazem parte elementos conceptuais de ligação de espaços com características idênticas, a ideia base de atravessamento, a interligação de pontos de interesse, as linhas orientadoras de um raciocínio, entre outros. Cada perspectiva, sombra ou elemento pode ser observada à sua maneira, cabendo a cada um retirar do objeto aquilo que este lhe transmitir, identificando os elementos que lhe parecerem significantes.

Mais que um elemento de análise, é uma abstração dos pressupostos.







# **PARTE II**

## VERTENTE TEÓRICA



O ESPÍRITO DO LUGAR:  
**TRANSFORMAÇÕES URBANAS GERADORAS DE  
NOVOS PÓLOS CÊNTRICOS**

Laboratório de Cultura Arquitetónica Portuguesa

ORIENTADORA

Ana Vaz Milheiro

Prof. Auxiliar do ISCTE-IUL



## RESUMO

Na prática arquitetónica, a abordagem de conceitos como o espírito de um lugar parece por vezes processo sem especial importância, uma etapa facilmente contornável cujos resultados nem sempre acarretam soluções relevantes. No entanto, num estudo mais aprofundado das implicações que as características de um espaço, sendo ou não tidas em conta podem ter no resultado final de um processo arquitetónico, podendo por vezes fazer a diferença entre o sucesso e o fracasso, compreende-se que tal conceito permite uma leitura do espaço mais completa, de onde surgem pistas para o futuro.

Na tentativa de conseguir uma abordagem mais prática ao tema, analisando processos e resultados que em muito contribuíram para a formação pessoal de um pensamento crítico baseado em elementos antes desconsiderados, surgem os casos das Amoreiras e Parque das Nações. Duas áreas da cidade com características distintas, mas que carregam processos de reconversão de espaços devolutos em novos pontos de atração, novos pólos culturais, comerciais, sociais, entre outros.

Debruçando a análise sobre casos concretos, acaba por se retirar lições sobre processos de planeamento urbano, sobre a morfologia e leitura da cidade, e como estas contribuem para uma articulação dos espaços existentes.

Conjugando as conclusões tiradas desse estudo ao desenvolvimento de projetos individuais e em grupo numa das zonas em análise, é possível tirar ilações em ambos, que contribuem mutuamente na procura de uma resposta para as questões lançadas.

Em qualquer estudo no entanto, encontram-se algumas respostas e descobrem-se novas perguntas. Existirá, na área da arquitetura e urbanismo, um conjunto de regras a seguir quando se inicia um novo projeto? Ou será este outro 'segredo extraordinário'?



**ABSTRACT**

In the architectural practice, addressing concepts like the spirit of a place seems, at times, an unnecessary process, a step easily neglected, which results do not always imply relevant solutions. However, with a thorough examination of the implications that the characteristics of a place, taken or not into account, may have in the architectural process, sometimes making a difference between success and failure, it is obvious that such a concept allows a deeper understanding of a specific space, revealing clues for the near future.

In an attempt to achieve a more practical approach of the topic, analyzing processes and outcomes that greatly contributed to the formation of a personal critical thinking based on elements previously ignored, comes the Amoreiras and Parque das Nações case studies. Two city areas with different characteristics, which consist in converting empty sites into new points of attraction, new cultural, commercial and social centers.

By analyzing specific cases it is possible to withdraw some lessons on urban planning processes, on the morphology and examination of the city, and how they help working towards the articulation of the existing places.

Combining the conclusions of this study to the individual and group developments in the areas under consideration, it is possible to draw conclusions that help one another searching for an answer to the primary questions.

In any study, however, we always find some answers but also some new questions. Is there, in the architecture and urbanism area, a set of rules to follow when starting a new project? Or is it another 'extraordinary secret'?

# ÍNDICE

<b>RESUMO</b>	160
<b>ABSTRACT</b>	162
<b>ÍNDICE</b>	163
<b>INTRODUÇÃO</b>	165
<b>PROCESSO E METODOLOGIA</b>	167
<b>1. GENIUS LOCI</b>	169
1.1. O FENÓMENO DO LUGAR	172
1.2. ARQUITECTURA E LUGAR	175
A ESTRUTURA DO LUGAR	
CONCRETIZAR O GENIUS LOCI	
<b>2. TRANSFORMAÇÕES URBANAS NA PERIFERIA</b>	179
2.1. COMPLEXO DAS AMOREIRAS	180
2.1.1. CONTEXTO – A ARQUITETURA PÓS-MODERNA	
2.1.2. O PROJETO	
2.1.3. O GENIUS LOCI	
2.1.4. A INOVAÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES	
2.2. EXPO 98' E A RECONVERSÃO DA FRENTE RIBEIRINHA	189
2.2.1. OS GRANDES EVENTOS	
2.2.2. O PLANO DE URBANIZAÇÃO	
2.2.3. AS TRANSFORMAÇÕES E O GENIUS LOCI	

<b>3. A CRIAÇÃO DE NOVOS PÓLOS CÊNTRICOS</b>	197
<b>3.1. COMPLEXO DAS AMOREIRAS</b>	198
3.1.1 O CENTRO COMERCIAL	
3.1.2 A CRIAÇÃO DE UM NOVO PÓLO CÊNTRICO	
<b>3.2. PARQUE DAS NAÇÕES</b>	202
3.2.1. O IMPACTO DO EVENTO	
3.2.2. AS REAÇÕES	
3.2.3. O CASO DE BARCELONA	
3.2.4. O NOVO PÓLO CÊNTRICO	
<b>CONCLUSÕES FINAIS</b>	214
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	222
<b>ANEXOS</b>	226

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo a compreensão de determinadas características constituintes da cidade e suas correlações, que se tornam imprescindíveis no estudo e processo arquitetônico, de maneira a conseguir uma melhor fundamentação do projeto de arquitetura. Estas características recaem principalmente sobre o lugar e suas valências, e as transformações que estes podem sofrer com a introdução de *objetos arquitetônicos*.

Neste sentido é introduzido o tema do *Genius Loci*, um conceito antigo que se refere ao espírito do lugar, e a fenomenologia da arquitetura. O termo *fenomenologia* foi concebido para denominar uma área de estudo que se foca nos fenômenos da consciência, nos dados absolutos que apreendemos por pura intuição, com o propósito de descobrir estruturas essenciais dos atos e as entidades objetivas que lhes correspondem. Consiste num “retorno às coisas” em oposição a generalizações e construções mentais, sendo as principais áreas examinadas a ontologia, psicologia, ética e até a estética, tendo sido prestada pouca atenção ao ambiente cotidiano. Algumas obras fazem escassas referências à arquitetura, notando-se uma urgência numa fenomenologia que se debruce sobre as suas questões e características, para um estudo mais aprofundado dos elementos que constituem esta disciplina.

Para a criação de uma tal fenomenologia serviram os esforços de Martin Heidegger e Christian Norberg-Schulz. O primeiro foi um filósofo e pensador alemão, o segundo um arquiteto, teórico e historiador norueguês. Ambos ocuparam-se principalmente de temas como o ‘lugar’ e o ‘habitar’, e de uma distinção entre os elementos naturais e elementos fabricados pelo homem, na sugestão de um ponto de partida para uma “fenomenologia do ambiente”. Referenciando o poema “Uma noite de Inverno” de Georg Trakl<sup>1</sup>, Heidegger concluiu que os elementos naturais são os componentes principais que nos são dados, e os lugares são um conjunto desses elementos naturais, normalmente definidos em termos geográficos. Insiste, porém, que “lugar” significa mais do que uma localização, como se analisará de seguida.

Norberg-Schulz chama também a atenção para a relação entre o ‘lugar’ e o ‘habitar’, e por conseguinte, para a ação do homem neste processo e relação, bem como o que herda destes. Entende que a identidade das pessoas é, em

---

<sup>1</sup> Heidegger, “Language”, in Albert Hofstadter (org.), *Poetry, Language, Thought*, Nova Iorque: 1971.

boa medida, uma função dos lugares e das coisas, compreendendo que “a verdadeira liberdade pressupõe um sentimento de pertencer e que “habitar” significa pertencer a um lugar concreto.”<sup>2</sup>

Depois de contextualizados estes temas proceder-se-á a um estudo de casos práticos, projetos de transformação urbana, sob a perspetiva desta fenomenologia e do tema do espírito do lugar, para compreender a importância e papel de ambos no processo arquitetónico. Estes projetos consistem no Complexo das Amoreiras e no plano para a Expo 98', zona que hoje em dia se apelida de Parque das Nações. De seguida será focada maior atenção nas transformações propriamente ditas, que tomaram lugar nestes locais, os quais se revelam como a zona das Amoreiras e a zona ribeirinha oriental de Lisboa, e em como estes se tornaram novos pólos cênicos da cidade, isto é, zonas que reúnem e oferecem um conjunto de peças-chave de equipamento até então inexistentes na malha urbana consolidada. Trata-se, portanto, de uma transformação por inserção de novas tipologias urbanas. Com resultados e repercussões distintos, serão abordadas as visões e opiniões das sociedades das épocas relativamente a estes planos urbanísticos e a aceitação que ambos têm nos dias de hoje, bem como as mudanças que infligiram tanto nas envolventes próximas como na totalidade da área metropolitana de Lisboa.

Pretende-se com este estudo uma compreensão mais aprofundada e fundamentada dos mecanismos e dinâmicas que constituem a cidade, a qual constitui o tema mais recorrente na prática arquitetónica, sendo por vezes o principal, já que para muitos ‘fazer arquitetura é construir cidade’. Espera-se com este um apoio à vertente projectual desenvolvida simultaneamente nesta etapa conclusiva do Mestrado Integrado, cujo trabalho se resume à introdução de quatro habitações na malha urbana das Amoreiras, tendo em conta a sociedade futura de 2030. Uma vez que o projeto individual desenvolvido nessa vertente recupera frações de um antigo quarteirão operário, onde a memória é um fator fortíssimo no local, espera-se conseguir auxiliar esse processo com o estudo aqui efetuado do tema do *Genius Loci*.

Apresenta-se de seguida o processo e metodologia adotados para a realização desta investigação/ reflexão.

**Palavras-chave:** *Genius Loci* - morfologia do espaço - transformação urbana - regeneração - pólo cêntrico

---

<sup>2</sup> NESBITT, Kate (org.), *Uma nova agenda para a arquitectura*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p.458

## PROCESSO E METODOLOGIA

Sendo que o objetivo da presente dissertação se prende com uma tentativa de enquadramento da importância do lugar e suas características no processo arquitetónico, metodologicamente procedeu-se a um estudo preliminar do conceito de *genius loci*. Numa breve introdução ao estudo desta temática compreendeu-se a importância de uma fenomenologia na arquitetura para compreender as dinâmicas entre o lugar e o ato de projetar, a qual foi proposta e defendida por vários arquitetos e pensadores ao longo dos anos, como referido anteriormente. Entrar

Depois de melhor compreendido o tema do 'espírito do lugar' e suas repercussões e possibilidades na arquitetura, com a leitura e estudo de obras de autores já mencionados que permitiram estabelecer um 'Estado da Arte', procedeu-se a um enquadramento em casos práticos, de maneira a avaliar de forma específica as transformações realizadas durante o processo de planeamento. Uma vez que se pretende com esta investigação adquirir um entendimento relativamente aos mecanismos urbanos que compõem a cidade e sua correlação para gerar uma vivência urbana, decidiu-se escolher casos de estudo que espelhassem uma revitalização urbana dos lugares em que se inserem. Optou-se, assim, pelo plano para a zona ribeirinha oriente de Lisboa aquando da Exposição Mundial de 1998, devido à reconversão e total transmutação que alcançou numa zona obsoleta e degradada, situada na periferia da cidade, e pelo plano para o Complexo das Amoreiras, adjacente à Avenida Engenheiro Duarte Pacheco. A segunda escolha prende-se, por um lado, com os temas do *genius loci* e dos mecanismos urbanos da cidade que lhe conferem um novo carácter e dinâmica, e por outro com um vínculo à vertente projectual do trabalho realizado durante o ano, na zona das Amoreiras. No seu conjunto, ambos permitem um olhar sobre a cidade, sobre as alterações efetuadas pelo objeto arquitetónico no território em que se insere, sobre as características que conferem ao lugar um atributo apelativo e o leva a ser escolhido pelos cidadãos, e refletem a importância do planeamento urbano quando se torna necessário tomar decisões relativamente a uma transformação de sectores e atividades.

Para além da bibliografia reunida relativamente a ambos os planos e da análise refletiva que foi desenvolvida quando analisados os dados recolhidos, tornou-se clara a importância de uma opinião mais alicerçada e considerada acerca do assunto, acerca da cidade, dos projetos e de suas consequências para com esta. Assim, foram realizadas algumas conversas/entrevistas com profissionais da arquitetura e sociologia, como os arquitetos e professores Bartolomeu Costa

Cabral e Nuno Grande, e com o professor e sociólogo Vítor Matias Ferreira, debatendo os temas e reunindo visões e opiniões. Não se tratou de uma análise comparativa de ambos os casos de estudo mas antes de uma abordagem dos aspetos mais significantes de cada um, tendo em conta os objetivos da dissertação já enunciados.

Esta análise comparativa, no entanto, torna-se iminente no decorrer da investigação, à medida que conclusões são alcançadas e similaridades e diferenças se tornam claras. Distintos na arquitetura e no programa que encerram, ambos têm um objetivo e, até, um resultado comum: 'conquistar' urbanidade para um território já por si singular e peculiar, através da revitalização de uma malha degradada da cidade e da criação de um novo pólo cêntrico.

Depois de expostos ambos os exemplos e avaliadas as repercussões que trouxeram ao troço de cidade que cada um ocupa, proceder-se-á à elaboração de conclusões formais decorrentes da crítica destes mesmos, mencionando a temática da indissociabilidade da Arquitetura e Urbanismo quando se pensa a cidade.

## 1. GENIUS LOCI

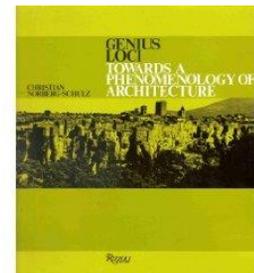
Genius loci é um conceito romano. Na Roma antiga acreditava-se que todo o “ser independente” possuía um genius, um espírito guardião. Esse espírito dá vida às pessoas e aos lugares, acompanha-os do nascimento à morte, e determina o seu carácter ou essência. (...) O genius denota o que uma coisa é, ou o que “ela quer ser”, para usar uma expressão de Louis Kahn. (...) Em tempos passados, a sobrevivência dependia de uma boa relação com o lugar, tanto num sentido físico como psíquico. No Egito antigo, por exemplo, o campo era não somente cultivado de acordo com os fluxos e refluxos do rio Nilo, mas a estrutura mesma da paisagem servia de modelo para o traçado dos edifícios “públicos” que deviam dar uma sensação de segurança por simbolizarem uma ordem ambiental eterna.

NORBERG-SCHULZ, 1975 <sup>3</sup>

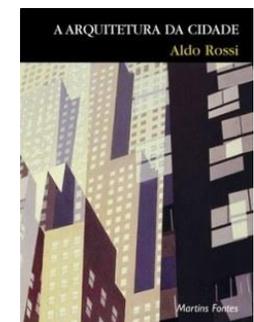
Conceito herdado da Roma Antiga e de elevada importância simbólica referente ao espírito protetor de um lugar, o *Genius Loci* foi adotado, pelos teóricos da Arquitetura, como uma expressão para definir uma abordagem fenomenológica do ambiente e da interação entre lugar e identidade.

O *Movimento Moderno*, na Arquitetura, desde cedo utilizou a ideia de *Genius Loci* para sustentar o ato de pensar os espaços ou de projetar edifícios, através do entendimento do ‘espírito do lugar’, das suas características físicas, da sua história, das suas emoções. Este respeita o conjunto de características socioculturais, arquitetónicas, de linguagem e de hábitos que caracterizam um lugar, um ambiente, uma cidade, indicando, portanto, o “carácter” do lugar.

O termo foi utilizado por Aldo Rossi no seu livro *A Arquitetura da Cidade* (1966) [52] quando se refere à preocupação com o local e à expropriação no terreno de outras hipóteses de construção, mas foi com Christian Norberg-Schulz que a expressão ganhou uma nova dimensão no contexto da história da Arquitetura Moderna. No seu livro *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture* (1979), [51] Norberg-Schulz aborda conceitos de Martin Heidegger para explicar o esforço do indivíduo em conquistar a sua base na terra, a sua



[51]



[52]

<sup>3</sup> NORBERG-SCHULZ, *Meaning in Western Architecture*. Londres e Nova Iorque: 1975

morada, relacionando-os com o *Genius Loci*.

*Usamos a palavra “habitar” para nos referirmos às relações entre o homem e o lugar. (...) Para conquistar uma base de apoio existencial, o homem deve ser capaz de orientar-se, de saber onde está. Mas ele também tem de identificar-se com o ambiente, isto é, tem de saber como estar em determinado lugar. (...) Portanto ‘habitar’ implica muito mais do que obter um ‘abrigo’. Implica que os espaços onde se vive sejam ‘lugares’ no verdadeiro sentido do mundo. Um lugar é um espaço com carácter. Desde a Antiguidade que Genius Loci, ou o ‘espírito do lugar’ é reconhecido como a realidade concreta com a qual o Homem tem que se defrontar e que é transportado para a sua vida quotidiana.*

NORBERG-SCHULZ, 1980 <sup>4</sup>

Christian Norberg-Schulz associa, assim, o conceito heideggeriano de ‘habitar’ com a criação de uma relação com o *lugar*, um espaço com entidade qualitativa e total, que não pode ser reduzido a nenhuma das suas propriedades sem perder a sua natureza concreta de local. “Normalmente, a Natureza forma uma totalidade compreensível, um ‘lugar’ que segundo as circunstâncias locais tem uma identidade particular.”<sup>5</sup> Esta identidade particular, que qualifica qualquer lugar e resume o seu carácter específico, é então o que Norberg-Schulz entende como o *Genius Loci*, uma identidade que não pode ser descuidada quando o homem pretende ocupar um lugar e transformá-lo. Tais considerações levam-no a defender o potencial da arquitetura como um suporte ao habitar, já que esta proporciona um pensamento crítico sobre as características do espaço, indispensável aquando da criação de uma relação entre homem e lugar. “O objetivo primordial da arquitetura, portanto, é fazer um mundo visível, e o mundo que ela torna presente consiste naquilo que ela reúne”.<sup>6</sup>

*A casa e a mesa recebem e reúnem, e trazem o mundo para “perto”. Habitar uma casa significa habitar o mundo. Mas esse habitar não é fácil, tem de ser alcançado por caminhos escuros e uma soleira separa o dentro do fora. Representando a “fenda” entre a “alteridade” e o sentido manifesto, a soleira concretiza a dor que “se petrifica”. Assim, é na soleira que o problema do habitar se torna presente.*

---

<sup>4</sup> NORBERG-SCHULZ, *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Londres, Academy Editions: 1980

<sup>5</sup> Ibid.

<sup>6</sup> NORBERG-SCHULZ, *O pensamento de Heidegger sobre arquitetura*, Perspecta 20, 1983, p.67

O crítico norueguês tornou conhecida esta ideia de uma conexão entre a arquitetura e o habitar numa série de publicações iniciada em 1971 com *Existence, Space and Architecture*, embora já expressa-se um interesse pela matéria em *Intenções na Arquitetura* (1965). Atualmente é tido como o principal defensor de uma fenomenologia da arquitetura que se preocupa com “a concretização do espaço existencial” através da formação de *lugares*, mas não foi o único a debruçar-se sobre o assunto.

Uma vez que os conceitos de lugar e *genius loci* parecessem indissociáveis, não conseguindo Martin Heidegger ou Norberg-Schulz falar de um sem mencionar o outro, pareceu indispensável aprofundar um pouco o tema. Pretende-se com esta abordagem uma melhor compreensão das dinâmicas entre a arquitetura e o habitar, tendo em conta o espírito do lugar.

---

<sup>7</sup> HEIDEGGER, “Language”, in Albert Hofstadter (org.), *Poetry, Language, Thought*. Nova York: 1971, p. 204

## 1.1. O FENÓMENO DO LUGAR

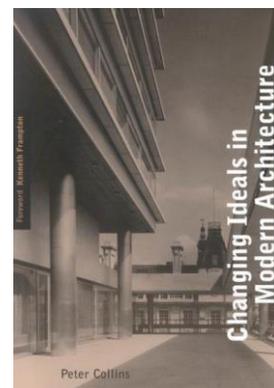
*Um termo concreto para falar em ambiente é lugar. Na linguagem comum diz-se que atos e acontecimentos têm lugar. Na verdade, não faz o menor sentido imaginar um acontecimento sem referência a uma localização.*

NESBITT, 2008<sup>8</sup>

Quando falamos em *lugar* referimo-nos a algo mais do que uma localização abstrata. Pensamos numa totalidade constituída por elementos concretos que possuem matéria, forma, textura e cor. No seu conjunto, estas determinam uma “qualidade ambiental”, uma essência que se identifica como o carácter peculiar ou “atmosfera” de determinada extensão espacial.

O historiador da arquitetura Peter Collins mencionou no seu livro *Changing Ideals in Modern Architecture, 1750-1950* [53] a temática do lugar, referindo que para Albert Einstein a definição deste se prende com “*uma pequena porção da superfície da Terra que se pode identificar por um nome [...] uma espécie de ordem dos objetos materiais e nada mais*”.<sup>9</sup> Aceitando a definição, Peter Collins aprofunda-a ao aproximar a sua utilização da prática arquitetónica, defendendo: “*Ora, este é precisamente o tipo de espaço implicado no projeto arquitetónico, e é possível dizer que um “lugar” [place, em inglês] é a maior extensão do espaço com que um arquiteto é capaz de lidar como obra de arte unificada.*”<sup>10</sup>

Sendo, desta forma, o lugar um “instrumento” sobre e com o qual os arquitetos têm de (conseguir) trabalhar, a posição do arquiteto italiano Vittorio Gregotti relativamente ao assunto parece, aqui, de menção essencial. Para este, criar o lugar é o ato primordial da arquitetura, a sua origem, já que o assentar de uma pedra num terreno significa o início de “modificações” que transformam o lugar em arquitetura. Afirma, ainda, que a arquitetura é constituída por relações estruturais que imprimem diferenças no ambiente, as quais, tal como a estrutura na linguagem, tornam possível compreendê-lo. Compreende-se, assim, a



[53]

<sup>8</sup> NESBITT, Kate (org.), *Uma nova agenda para a arquitectura*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p.444

<sup>9</sup> COLLINS, Peter, *Changing Ideals in Modern Architecture 1750-1950*. Londres: Faber and Faber, 1965, p.289

<sup>10</sup> Ibid.

abordagem arquitetônica de Gregotti, que dá especial ênfase à mensuração de intervalos em virtude da presença de objetos isolados. A tarefa do arquiteto é revelar a natureza, situando e utilizando a paisagem. O interesse em construir o local reflete o desejo de criar um lugar, como propunha Norberg-Schulz, o que por sua vez permite o ‘habitar’.

Muitos outros arquitetos e teóricos contemporâneos, entre os quais Raimund Abraham e Tadao Ando, partilham da proposição de Heidegger, como já visto também apoiada por Norberg-Schulz, Gregotti e Collins, de que a relação com a natureza é fundamental para o enriquecimento da experiência humana. Afirmam que é responsabilidade do arquiteto descobrir o *genius loci* e fazer projetos de modo a que essa presença singular de cada lugar seja evidenciada, e se sinta. A intervenção do homem tem a capacidade de intensificar os atributos naturais da situação local, o que leva estes fenomenólogos a enaltecer elementos significativos da arquitetura como “materializações da diferença”: *“Fronteiras e soleiras são elementos constitutivos do lugar. Fazem parte de uma figura que revela a espacialidade em questão”*<sup>11</sup>.

Como se vê, todos estes os conceitos (lugar, habitar, *genius loci*) estão interligados, e a disciplina da arquitetura funciona como o vínculo refletor das dinâmicas entre natureza e construção, entre homem e lugar, existindo exemplos únicos de transformações cuja abordagem respeitou as características do espaço, conquistando soluções de enorme lógica e coesão. Refere-se o caso da *Casa da Cascata* ou *Casa Kaufmann* de Frank Lloyd Wright, [54] tido hoje como um dos melhores exemplos de como a arquitetura consegue conferir um carisma tal a um espaço anteriormente considerado desprovido de especial interesse.



[54]

Outros exemplos cabem a Tadao Ando, que sente *“a necessidade de descobrir a arquitetura que o terreno busca por si só”*, uma vez que *“a presença da arquitetura – independentemente do seu carácter autossuficiente – cria inevitavelmente uma paisagem”*<sup>12</sup>. Segundo o arquiteto japonês, *“é a conquista do local, a transformação da sua*

<sup>11</sup> NESBITT, Kate (org.), *Uma nova agenda para a arquitetura*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p.57

<sup>12</sup> Ibid., p.58

*natureza topográfica, que evidencia as raízes ontológicas da arquitetura. Projetar é apenas um ato secundário e subsequente, cujo propósito é reconciliar as consequências da intervenção inicial, da colisão e da negação.*"<sup>13</sup>

Logo, e como propunha Norberg-Schulz, "só assim podemos compreender de modo cabal o *genius loci*, isto é, o "espírito do lugar" que os antigos reconheciam como aquele "outro" que os homens têm de aceitar para ser capazes de habitar. O conceito de *genius loci* refere-se à essência do lugar"<sup>14</sup>, essência essa que tem de ser respeitada e aplicada no projeto de arquitetura. Em outras palavras, quando o homem é capaz de habitar, considerando a fenomenologia que tem sido abordada até então, este atravessa a soleira, e o mundo torna-se um "interior".

No entanto, nem todos os teóricos da arquitetura concordam quanto à importância do lugar. Perez-Gomes, por exemplo, apesar de nos seus ensaios sugerir uma orientação fenomenológica, critica a noção de *genius loci* como "um simulacro pós-moderno vazio, incapaz de revelar algo mais profundo"<sup>15</sup>, num contexto atual de cidades que se apresentam cheias de centros comerciais e redes viárias. Perez-Gomes propõe, por sua vez, que se reinvente o sítio como um espaço aberto e libertador, desligado do eventual espírito ou carácter que este possa carregar.

---

<sup>13</sup> NESBITT, Kate (org.), *Uma nova agenda para a arquitectura*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p.57

<sup>14</sup> NORBERG-SCHULZ in *Uma nova agenda para a arquitectura*, NESBITT, Kate (org.), p.449

<sup>15</sup> PEREZ-GOMES, "Architectural Representation in the Age of Simulacra," *Skala 20*, 1990, p.42

## 1.2. ARQUITECTURA E LUGAR

### A ESTRUTURA DO LUGAR

A análise até aqui realizada sobre o fenómeno do lugar leva a concluir que o habitar é uma conquista do homem neste mundo vasto e amplo. Para tal, tem de ter em conta o lugar e as suas características, e conseqüentemente, recorrer à disciplina da arquitetura.

Quando, na prática arquitetónica, se procede então ao estudo do lugar onde se vai desenvolver o projeto, é necessário examiná-lo através da sua estrutura, a qual é analisada nas categorias de *espaço* e *carácter*. “*Enquanto espaço indica a organização tridimensional dos elementos que formam um lugar, o carácter denota a atmosfera geral que é a propriedade mais abrangente de um lugar.*”<sup>16</sup>

Ao trabalhar no lugar o homem está a alterá-lo, a conferir-lhe um novo uso, a construí-lo de novo. Para tal, e procedendo ao estudo referido, tem de observar atentamente os elementos que constituem o lugar, avaliando a sua *espacialidade* original e aquela que lhe pretende conferir, bem como o ambiente e atmosfera que ele emana e transmite. Com a obra construída estes podem ser mantidos, não sofrendo alterações, ou podem-lhes ser concedidas características diferentes, conforme a intenção do arquiteto e o objetivo do próprio projeto.

Mergulha-se, assim, num outro tópico que diz respeito aos lugares criados pelo homem, já não nos referindo apenas aos lugares naturais.

Os lugares construídos pelo homem relacionam-se com a natureza de três formas básicas. Primeiramente, o homem tem tendência a desejar manter o máximo possível a sua estrutura natural, transmitindo o seu “modo de entender” a natureza ao dar grande expressão à base de apoio existencial que conquistou. Para tal, ele reproduz o que vê: onde se insinua um espaço delimitado, ele constrói uma área fechada; onde a natureza se reúne num espaço centralizado ele erige um elemento marcante (ícone); onde a natureza indica uma direção, ele abre um caminho.

Em segundo lugar, o homem procura *simbolizar* o seu modo de entender a natureza. Esta simbolização implica traduzir para outro meio um significado experimentado, isto é, tomar um determinado carácter natural do lugar e

---

<sup>16</sup> NESBITT, Kate (org.), *Uma nova agenda para a arquitetura*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p.449

imprimi-lo na construção, cujas propriedades depois o exprimem.<sup>17</sup> O objetivo desta simbolização é libertar o significado da situação imediata, que pode fazer parte de uma situação mais complexa ou transferir-se para outro lugar, por meio do que se vem a tornar um “objeto cultural”.

Por fim, o homem tem de conseguir reunir os significados apreendidos no lugar com aqueles que pretende incutir ao seu espaço, criando uma imagem coesa na transformação. Esta reunião pressupõe uma transposição de sentidos para o lugar, considerando o seu carácter e espírito original mesmo quando pretende criar algo novo.

Deste esforço surgem obras que recebem a típica expressão de “parece que já pertencia ao lugar”, referindo a característica única que conseguem atingir de se conjugarem em perfeita harmonia com a natureza e espaço envolvente, parecendo que o conjunto (terreno e construção) foi assim esculpido de origem.

Heidegger ilustra a questão com menção à *ponte*, construção que visualiza, simboliza e liga, e faz do ambiente um todo unificado:

*A ponte estende-se lépida e forte sobre o rio. Ela não junta as margens que já existem, as margens é que surgem como margens somente porque a ponte cruza o rio. É a ponte propriamente dita que faz com que as margens fiquem uma defronte da outra. É pela ponte que um lado se opõe ao outro. Tão-pouco as margens correm ao longo do rio como faixas de fronteiras indiferentes da terra firme. Com as margens, a ponte leva ao rio as duas extensões de paisagem que se encontram atrás delas. Põe o rio, as margens e a terra numa vizinhança recíproca.*

HEIDEGGER, 1971 <sup>18</sup>

Ao descrever o *que* a ponte reúne, Heidegger revela o seu valor como símbolo. A paisagem obtém o seu próprio valor *por intermédio* da ponte, que antes dela estava oculto, sendo a construção da ponte o que lhe retira o véu. “*A ponte liga o Ser a uma certa “localização” que podemos chamar de um “lugar”. Só que esse lugar não existia como entidade antes da ponte (embora houvesse muitos “sítios” ao longo da margem do rio em que o lugar poderia surgir), mas faz-se presente com e como ponte.*”<sup>19</sup>

<sup>17</sup> NORBERG-SCHULZ, Christian, “Symbolization”, in *Intentions in Architecture*. Oslo e Londres: 1963

<sup>18</sup> HEIDEGGER, “Language”, in Albert Hofstadter (org.), *Poetry, Language, Thought*. Nova York: 1971, p.152

<sup>19</sup> RICHARDSON, W. J., *Heidegger, Through Phenomenology of Thought*. The Hague: 1974, p.585.

Norberg-Schulz dizia<sup>20</sup> que o ambiente é vivido como *portador de um significado*, e o que aqui concluimos, portanto, é que o propósito existencial do construir (arquitetura) é fazer um sítio tornar-se um lugar, revelando os significados presentes de modo latente no ambiente dado.

Esta estrutura, no entanto, não é fixa e eterna, e é normal que os lugares mudem, às vezes muito rapidamente. Isso não significa, contudo, que o *genius loci* necessariamente mude ou se extravie, pois *ter lugar* pressupõe que este conserve a sua identidade durante determinado período de tempo. Sendo que a estabilidade é uma condição necessária para a vida humana, é importante que o lugar tenha esta capacidade de manter a sua identidade dentro duma dinâmica de mudança, mesmo que esta mudança implique uma alteração de carácter, até porque a flexibilidade é também uma característica essencial do lugar. Qualquer um deve ter a capacidade de receber *diferentes* conteúdos, dentro de certos limites naturalmente, até porque um lugar que só é próprio para certos fins logo se torna inútil.

Na verdade, proteger e conservar o *genius loci* implica concretizar a sua essência em contextos históricos sempre novos. A história de um lugar deve ser a sua 'autorrealização', "*o que, a princípio, eram simples possibilidades é revelado pela ação humana, iluminado e "conservado" em obras de arquitetura que são ao mesmo tempo 'velhas e novas'*".<sup>21</sup>

A conclusão geral é que o lugar é o ponto de partida e o objetivo da investigação estrutural. No início, o lugar nada mais é que um dado vivido como uma totalidade, e no final surge como um mundo estruturado, instruído pela análise dos aspetos do espaço e do carácter, e que tanto nos permite conquistar.

---

<sup>20</sup> NORBERG-SCHULZ, *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Londres, Academy Editions: 1980

<sup>21</sup> VENTURI, Robert, *Complexity and Contradiction in Architecture*. Nova York: 1967, p.88

## CONCRETIZAR O GENIUS LOCI

“A arquitetura pertence à poesia, e o seu propósito é ajudar o homem a habitar.”<sup>22</sup> No entanto, esta é uma arte difícil. A arquitetura começa a existir quando “faz visível todo um ambiente”, para citar uma definição de Suzanne Langer,<sup>23</sup> e construir cidades ou edifícios, só por si, não é suficiente. É necessário concretizar o *genius loci*. Vimos que tal acontece através de abordagens que reúnem as propriedades do lugar e as aproxima do homem, demonstrando que um dos atos fundamentais da arquitetura é compreender a “vocalização” do lugar.

Quando tal se verifica, o lugar tem um significado oculto que é revelado pela obra construída, não se somando esta ao que já está lá, mas clarificando o conjunto como uma totalidade latente.

Uma localização ou um *espaço vivido* costuma ser chamado de *lugar*, e a arquitetura pode ser definida como a *produção de lugares*.

De maneira a melhor observar esta concretização por meio da arquitetura, propõe-se agora o estudo prático de dois casos de *transformação do lugar*, num contexto de cidade, onde se procedeu à inserção de novas tipologias urbanas. O primeiro compreende o plano do Centro Comercial das Amoreiras, e o segundo o plano do Parque Expo (Exposição Mundial de 1998), através dos quais se pretende avaliar as alterações provocadas, por meio da arquitetura, aos lugares e à forma como estes são vividos, tendo em conta os conceitos até então ensaiados.

*É muito importante fazermos uma análise urbana dos sítios, pois a cidade é uma realidade muito complexa. O que é absolutamente fascinante nas cidades é pensar o que é que faz uma zona ser boa ou ser má, como se mistura e caracteriza. São coisas que saem fora do controlo dos urbanistas, e que portanto, merecem ser discutidas e exploradas.*

COSTA CABRAL, 2013 <sup>24</sup>

---

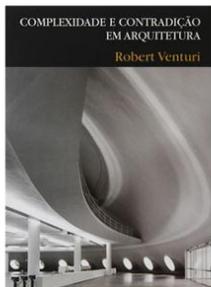
<sup>22</sup> NESBITT, Kate (org.), *Uma nova agenda para a arquitectura*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p.459

<sup>23</sup> LANGER, S., *Feeling and Form*. Nova Iorque: 1953.

<sup>24</sup> COSTA CABRAL, Bartolomeu, em entrevista

## **2. CASOS DE ESTUDO - TRANSFORMAÇÕES URBANAS NA PERIFERIA**

## 2.1 COMPLEXO DAS AMOREIRAS



[55]

### CONTEXTO – ARQUITECTURA PÓS-MODERNA

Sendo as Amoreiras um símbolo dentro da cidade de Lisboa, e um projeto pioneiro na arquitetura portuguesa à época da sua conceção, torna-se necessário, para melhor perceber o seu contexto, compreender primeiro as bases e os princípios "revolucionários" da arquitetura pós-modernista, e o porquê dessa revolução.

A Arquitetura Pós-Moderna surge, nos anos 60, século XX, como uma resposta crítica à Arquitetura Moderna, praticada durante grande parte deste mesmo século. As primeiras críticas surgem através de figuras como a socióloga e ativista política Jane Jacobs e o arquiteto e matemático Christopher Alexander, relativamente à escala monumental e à impessoalidade impostos pelo Modernismo. Tais atributos estavam na origem, conforme argumentado, da desagregação das comunidades e das relações humanas.

No contexto arquitetónico, sendo um dos princípios básicos do Modernismo o de renovar a arquitetura através da rejeição dos estilos históricos e da anulação de decoração e ornamento, várias reações e posições começaram a ser tomadas por outros arquitetos e críticos, que apontaram austeridade à prática do movimento, por anular a relação entre a Arquitetura e a História. Começaram, assim, a delinear novas propostas arquitetónicas, cuja estratégia principal caiu sobre a reavaliação do papel da *história* e da sua revalorização na composição arquitetónica.

Mostrando-se uma corrente coesa, esta difundiu-se através de abordagens conceptuais e interpretações individuais marcadas por um ecletismo de tendência ora vernacular ora clássica, respeitando a cultura e a complexidade do contexto físico e social da obra arquitetónica. Desponta o interesse pela cultura popular, dando especial ênfase a muitas formas da arquitetura vernacular, e reforça a atenção para o contexto de inserção do projeto no meio urbano envolvente, recuperando o conceito de escala e contextualizando o novo com o antigo.

Surge, então, o termo de Pós-Modernismo, que na arquitetura se fundamentou em três importantes ensaios teóricos, escritos por arquitetos de renome internacional e publicados em 1966: *A Arquitetura da Cidade*, de Aldo Rossi, *O Território da Arquitetura*, de Vittorio Gregotti, e *Complexidade e Contradição em Arquitetura*, de Robert Venturi [55].

Ao nível do urbanismo, o Pós-Modernismo resultou numa rejeição da cidade moderna, tal como fora concebida por Le Corbusier e outros arquitetos ligados ao Movimento Moderno. Condenando as formulações contidas na Carta de Atenas, relativamente à uniformização e mecanização da vida urbana que descuidava a dimensão antropológica, histórica e social da cidade, o urbanismo pós-moderno inspirou-se nas filosofias fenomenológicas de Heidegger e no conceito de espírito do lugar.

*O Movimento Moderno sendo um movimento explosivo, à mercê da explosão da população, da explosão da economia e do progresso, acaba por ser um movimento avassalador, transformando a imagem das cidades de tal modo que “ele” passa a ser a “imagem” que as populações hoje vivas têm da cidade!*

TAVEIRA, 1985<sup>25</sup>

O Movimento Pós-Moderno ao pretender erradicar esta imagem de cidade, desenvolveu instrumentos de estudo e análise urbana ao nível da morfologia, da tipologia e da sociologia, para os quais contribuíram os trabalhos teóricos de Aldo Rossi e Christopher Alexander, e os estudos dos irmãos Leon e Robert Krier.

Nascido de uma contra-argumentação relativa a um movimento que é contra a conceção de símbolos, e que com a sua rejeição histórica pretendia homogeneizar cidades (favorecendo uma não criação de lugares e centralidades), este movimento procura o seu próprio estilo, afirmando-se pela diferença e inovação. Através de um neoecléctismo, recorre à historiografia, podendo todos os elementos de significação de códigos anteriores ser usados.

Como qualquer outra, a arquitetura pós-moderna procura uma linguagem própria, rompendo deliberadamente com a precedente, onde o purismo das formas e o despojo de ornamento pouca singularidade conferia às obras produzidas. Pretende-se uma linguagem que comunique e signifique, uma linguagem bilateral com uma dupla imagem que comunica em dois níveis: para o arquiteto, a “*minoría esclarecida*”, capaz de entender o discurso da arquitetura, e para o grande público que se interessa por uma edificação na medida em que ela lhe traz conforto, segurança, lazer, pedaços da história local ou dos fantasmas universais por ele reconhecidos.”<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Tomás Taveira in *O TRIÂNGULO DAS AMOREIRAS*, José Manuel Fernandes in *Arquitectura Portuguesa n.º4*, 1985, p.27

<sup>26</sup> NETTO, J. Teixeira Coelho, *Moderno pós moderno: modos & versões*, São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2005

Com esta dupla linguagem quebra atrevidamente o impasse afeto ao Modernismo, entendendo a arquitetura para a massa populacional que *habita* a cidade e a transforma diariamente, referindo a fenomenologia já mencionada. É a arquitetura da imagem, da comunicação, da inovação tecnológica, construída também para o cidadão indiferenciado, “consumidor de uma cultura que já foi de facto pop, popular.”<sup>27</sup>

Assume, com esta posição, uma maior responsabilidade. Se no Modernismo “*form follows function*”<sup>28</sup>, deixando explícito que o objetivo recai sobre a utilidade e eficiência estrutural do edifício, a escolha da solução formal e estética é uma decorrência inevitável da função. O Pós-Modernismo, por sua vez, corre mais riscos, passando a opção “*pelo misterioso, pelo ambíguo e pelo sensual*”, devolvendo no entanto, à arquitetura, a voz e imprevisibilidade a que “se privou durante uns bons sessenta anos.”<sup>29</sup>

A famosa expressão associada a Mies van der Rohe de “*less is more*” dá aqui lugar a “*less is a bore*”, nas palavras de Robert Venturi, não deixando réstia de dúvidas relativamente ao antagonismo de ambos os estilos. Se a utopia e o funcionalismo caracterizaram a Modernidade, com uma arquitetura minimalista, mais branda, pura e limpa, a



Pós-Modernidade apresenta o frenesim de cores, materiais e formas. É a arquitetura da imagem, a arquitetura ‘falante’. Vai à procura de mitos mais engenhosos, acompanhando os avanços tecnológicos e atualizando a construção com tecnologia de ponta, embora isso nem sempre se consiga no mesmo grau elevado de qualidade. Sabe recorrer à metáfora, enriquecendo a sua própria conduta, ao construir não só *stands* de venda de *hot-dogs* na forma de *hot-dogs*, mas também outras obras onde a “*função de substituição de significados desce mais fundo*.”<sup>30</sup>

Os exemplos máximos da arquitetura pós-moderna são obras como o *Portland Building*, de Michael Graves, [56] o *Sony Building* de Philip Johnson, duas das mais

[56]

<sup>27</sup> NETTO, J. Teixeira Coelho, *Moderno pós moderno: modos & versões*, São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2005

<sup>28</sup> SULLIVAN, Louis H. *The Tall Office Building Artistically Considered*. Lippincott's Magazine: 1896, p.403–409

<sup>29</sup> NETTO, J. Teixeira Coelho, *Ibid.*

<sup>30</sup> *Ibid.*

emblemáticas do pós-modernismo americano, a *State Gallery of Stuttgart* de James Sterling e a *Piazza d'Italia* de Charles Moore. Todos estes apresentam um retorno do ornamento à fachada do edifício, com referências aos frontões clássicos e coroamentos, e com a reintrodução da cor e simbolismo. São também introduzidos elementos com ângulos não ortogonais, conferindo à superfície da obra as mais variadas e distintas formas.

O pós-modernismo na arquitetura tem também uma forte ligação com os espaços comerciais e a sua expressão máxima: o *centro comercial*. Em Portugal, por exemplo, a primeira grande obra pós-moderna foi precisamente o Centro Comercial das Amoreiras, de Tomás Taveira. Esta ligação fez com que o estilo fosse associado à nova cultura do consumo, noção reforçada pela adoção do estilo por grandes empresas internacionais, como alguns dos exemplos acima apresentados, na procura por uma nova imagem corporativa.

É, portanto, neste contexto de pós-modernidade cuja arquitetura se encontrava muito centrada no objeto, que se insere o Centro Comercial das Amoreiras.

## O PROJECTO

Os arquitetos portugueses usaram o projeto arquitetónico, durante os anos 80, como meio de pensar e criticar a cidade, propondo construções à sua escala, onde o espaço público surgia como ordenador e não como resultado das diferentes construções. Como Nuno Portas referiu, “*sob o ponto de vista da arquitetura urbana não pode haver edifício que não faça cidade, ou seja, não há tipologia que não esteja, por estrutura, penetrada por uma morfologia urbana*”.<sup>31</sup>



[57] O Complexo das Amoreiras [Fonte]: Fotografia de João Bagorro

É neste contexto que aparece, na primeira metade da década de 80, o projeto das Torres das Amoreiras, o primeiro complexo moderno em Portugal que reúne centro comercial, habitação e áreas destinadas a escritórios e outros serviços. Este apresentou-se com uma arquitetura inovadora e de aspeto pouco convencional, com opções de cores e formas inspiradas nas arquiteturas de Michael Graves e Ricardo Bofill, revelando uma imagem de ‘arquitectura-

<sup>31</sup> PORTAS, Nuno, *A Cidade como Arquitectura*, 2007, p.15

espectáculo' e “*acertando o passo com o ecletismo pós-moderno de referente iconográfico da corrente americana*”.<sup>32</sup> Este carácter de novidade valeu-lhe acesas críticas durante e após a construção, figurando em jornais, revistas e televisão, pondo os portugueses a falar e refletir sobre a arquitetura e sobre a cidade como nunca antes se tinha verificado.

Através de uma vigorosa expressividade formal e intenso uso da cor, a obra baseia-se numa decomposição e articulação volumétrica, fazendo uma especial alusão e recurso ao lugar e à sua história. Nas palavras do próprio arquiteto, “*o triângulo definiu-se com base numa pré-existência poderosamente eletromagnética (os fantasmas dos elétricos) e rodoviária (os outros fantasmas, os dos autocarros) que influenciou indubitavelmente o que se seguiu*”.

Tal fator deve-se à pré-existência no local de uma estação de autocarros, e antes disso de elétricos, sobre a qual pesava obsolescência, levando a LET - Lisbon Electric Tramways – e o Município das Amoreiras a um acordo para o desenvolvimento de um plano de ocupação desta mesma zona com edifícios de habitação, escritórios e comércio. Foi realizado um estudo pela GEFEL da área a intervir, e posteriormente elaborado o Plano Urbanístico em parceria com a Camara Municipal de Lisboa, o qual foi aprovado em 1978. Este definia uma ocupação convencional ao ‘estilo internacional’ do Movimento Moderno, com um pódio sobrelevado, três torres e uma banda de apartamentos. Apenas depois deste plano estar definido e aprovado foi encomendada ao arquiteto Tomás Taveira a ‘*operação de cosmética*’<sup>33</sup> dos edifícios constituintes do complexo, desviando-o, assim, das escolhas para a tipologia urbana, já que o estudo foi uma predefinição herdada.

As únicas alterações possíveis de executar verificaram-se nas torres de escritórios que, passando a edifícios mais concentrados e pontuais ganharam uma maior transparência, melhorando substancialmente o efeito na opinião do arquiteto, pois encontravam-se mais recortadas no plano inicial.

---

<sup>32</sup> TOSTÕES, Ana, *Arquitetura Portuguesa Contemporânea*, 2008, p.55

<sup>33</sup> FERNANDES, José Manuel, *O TRIÂNGULO DAS AMOREIRAS*, in *Arquitetura Portuguesa nº4*, 1985, p.31

## O GENIUS LOCI

Mas voltando à questão do lugar e do seu simbolismo, Taveira afirma que três vertentes compõem a noção de caos controlado que definem a sua arquitetura: “na perspectiva antropológica, o ‘Espírito do Lugar’ onde se situa; a experiência da Cidade e a teoria Neorracionalista; os temas neoclássicos como presença da História.”<sup>34</sup>

Considerando que as características mais marcantes de Lisboa se referem à cidade Medieval, e num esforço de rearticulação da Arquitetura com a História, por entender esta mais como uma “educação moral” do que como um “repositório de estilos”, o arquiteto desenha as três torres numa alusão ao mito do Medievalismo. Baseando-se na poética pós-moderna de estabelecer laços com uma arquitetura antiga e com o ‘Genius Loci’, que neste movimento alcançou uma importância primordial na reorganização das construções conceptuais que levam à



[58]

invenção dos novos projetos arquitetónicos, o arquiteto conferiu ao desenho da torre intermédia características mais femininas, e ao das extremas um traço mais masculino, como se de dois cavaleiros protegendo a dama se tratasse. [58]

Neste contexto, o arquiteto claramente interpreta a questão do espírito do lugar, as suas memórias, a sua essência e atmosfera. As características do espaço sobre o qual opera são consideradas no projeto de arquitetura e definem até a abordagem com que encara as escolhas fundadoras da obra. Uma vez que o seu trabalho neste plano se encontrava limitado ao tratamento da imagem e arquitetura da volumetria já definida, Tomás Taveira investiu na metáfora e cenografia transfiguradas em sinais comunicativos, como a retórica medieval e as memórias de uma época que, a seu ver, define a imagem da cidade de Lisboa.

Considerada uma zona misteriosa e de definição inesperada, torna-se claro que para o arquiteto captar esta essência que o lugar carregava e emanava se tornou crucial. Os referidos ‘fantasmas dos elétricos e autocarros’ pesavam no ambiente e, embora constituíssem um espaço obsolecente e “uma zona suficientemente incharacterística

<sup>34</sup> Tomás Taveira in *O TRIÂNGULO DAS AMOREIRAS*, José Manuel Fernandes in *Arquitetura Portuguesa n.º4*, 1985, p.32

*para poder aceitar qualquer coisa*”, estes carregavam um espírito, ou presença, difícil de ignorar. Assim, embora afastado de tomadas de decisão relativamente ao planeamento urbano realizado para o local, o arquiteto tentou transparecer essa história e *carácter* na imagem e forma que os edifícios tomaram.

À semelhança do que os egípcios faziam ao modelarem o traçado dos edifícios públicos conforme as linhas estruturantes da paisagem, também no desenhar da estrutura do centro comercial se ensaia um esquema de praças, ruas principais e ruas secundárias, como se de uma cidade se tratasse. Conjugando essa ideia com a noção Neo-Moderna de *‘cidade feliz’*, é transposto para a ideia do complexo e para o interior do edifício comercial uma nova cidade, pontuada, tal como a urbana, com *‘monumentos’* que funcionem como sinais de referência (a fonte, o relógio) para quem tem de se deslocar naquela vastidão, indicando as entradas, os serviços e os espaços mais interessantes.

Difícil será dizer se tal método e cuidado relativamente aos simbolismos e tema do lugar contribuíram para o sucesso da obra que, mesmo considerando as variadas críticas de que já foi alvo não deixa de ser um edifício de elevado valor emblemático, e até dos mais falados no estrangeiro, promovendo o próprio país. Mas a verdade é que, se tais elementos não tivessem sido considerados, a presença do edifício decerto não seria a mesma, tendo em conta que é este desenho inovador e arquitetura inusitada que lhe conferem tanta notoriedade. Estes e a transformação do *“gesto de fazer compras”*<sup>35</sup>.

Portanto, conclui-se que o conceito do espírito do lugar é de facto uma mais-valia no pensamento arquitetónico, contribuindo para as suas obras com elementos de valor simbólico e um estudo das características do lugar, que em muito ajudam a avaliar, e até prever, o impacto formal que os edifícios podem vir a ter relativamente às suas envolventes. Com certeza não constituirá uma fórmula que define se a arquitetura produzida terá ou não sucesso, e se os lugares constituirão espaços de interesse na cidade, até porque tal até hoje parece manter-se um *“segredo extraordinário”*. Contudo, uma leitura cuidada de todas as valências constituintes de uma realidade sobre a qual se vai trabalhar é, sem margem para dúvidas, bastante benéfica e enriquecedora para o processo conceptual de um arquiteto, e pode até certo ponto inspirar as opções tomadas quanto à materialização do edifício, como se verificou neste caso de estudo.

---

<sup>35</sup> Jorge Figueira citado em *“Passaram trinta anos. Já digerimos Tomás Taveira e as Amoreiras?”* por Alexandra Prado Coelho

## A INOVAÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES

Não é apenas na abordagem do *genius loci* que o estudo desta obra nos interessa, mas também na sua perspetiva inovadora e de construção da ideia de um excerto de cidade capaz de se constituir como uma nova síntese urbana.

Com as Amoreiras surgiu o *slogan* de ‘cidade dentro da cidade’, o apogeu dos centros comerciais como espaços de reunião, lazer e serviços que satisfazem todas as necessidades dos seus clientes, concentrando num só espaço tudo o que estes procuram.

“Éramos um país um bocadinho arcaico e o centro comercial era um buraco onde se iam fazer compras”<sup>36</sup>, como afirma Jorge Figueira, e com a abertura das Amoreiras inaugura-se uma nova fase. “O modelo dos centros comerciais define-se, a partir daqui, segundo a lógica de uma megaestrutura com uma imagem coreografada,”<sup>37</sup> onde a conceção de uma arquitetura que fala e dialoga com o utente, à boa maneira pós-modernista, ganha protuberância. A incorporação de luz natural neste modelo constituiu também um ponto de viragem na utilização e conceção de espaços comerciais, onde a noção do tempo passado no seu interior veio conferir e garantir a afirmação da cultura do consumo e lazer como atividades elementares do quotidiano citadino.

Mudou hábitos e costumes, “as idas ao cinema vulgarizaram-se.” Como revelaram alguns clientes depois da sua inauguração, “foi neste shopping que soube o que era um hambúrguer, uma pizza e comida chinesa. Já podia comprar roupas parecidas com aquelas que via nos filmes e nas novelas”.<sup>38</sup> Tratou-se, portanto, de uma reinterpretação do fenómeno do consumo na sociedade lisboeta, já inserido e explorado em outras grandes cidades europeias e americanas, introduzindo em Lisboa e Portugal novos conceitos e valores da vida cidadina.

A este respeito Taveira considera, como revelou em entrevista mediada por Ricardo Dias Felner, que as Amoreiras foram “um projeto ‘um pouco ousado’ dado o especial momento da arquitetura nacional e até internacional, em que os edifícios ícone ainda não eram muito cultivados”.<sup>39</sup> No entanto, parece-nos que neste caso a ousadia foi sinónimo de evolução, de uma mudança que gerou um progresso, tanto a nível de estruturação de cidade, como de

---

<sup>36</sup> Jorge Figueira citado em “Passaram trinta anos. Já digerimos Tomás Taveira e as Amoreiras?” por Alexandra Prado Coelho

<sup>37</sup> FIGUEIRA, Jorge, *Agora que está tudo a mudar: Arquitectura em Portugal*, 2005, p.29

<sup>38</sup> <http://www.arquitectura.pt/forum/topic/11275-lisboa-centro-comercial-das-amoreiras-tomas-taveira>

<sup>39</sup> GADANHO, Pedro, *Arquitectura e mediatização generalista, 1990-2005*, 2007, p.387

inovação arquitetónica, como de criação de novos costumes, acertando o passo com o resto da Europa e o outro lado do Atlântico. É um projeto pioneiro em várias frentes, utilizando das influências pós-modernas e cultura pop-britânica<sup>40</sup> herdadas pelo arquiteto para conceber uma marca da época, perpetuando a arquitetura dos anos 80 e os anos do pós-modernismo em Portugal.

Por outro lado, o plano para o Complexo das Amoreiras carregava pretensões desafiadoras quanto à importância a conquistar na cidade. Pretendia-se a implementação, nesta zona, do novo centro económico da cidade, o *Business Central District*, conceito aplicado a nível internacional de reunião de todos os grandes espaços de negócios. Este presumia a instalação de novos edifícios de escritórios nas áreas próximas ao complexo, servindo de mote e incentivo às construções vindouras. Neste aspeto, as Amoreiras funcionam também como um elemento estruturador do espaço e de identificação de um território vasto e descontínuo, oferecendo uma resposta arquitetónica a um problema de planeamento presente e futuro. Esta resposta proporciona uma recuperação das relações urbanas outrora interrompidas com o crescimento da cidade, exercendo novamente o *genius loci* uma forte influência, e constitui-se como uma referência urbana periférica geradora de urbanidade, num local onde, até então, era desconhecida. Confere um novo carácter ao lugar, pretendendo transformar uma zona de fábricas e um depósito da Carris no grande centro de negócios da cidade, uma transformação tanto de usos como do conjunto edificado (construção extensa e baixa *versus* construção concentrada e em altura).

Mas terá o lugar, nas suas características, essência e atmosfera, conseguido tolerar e suportar tal transfiguração?

---

<sup>40</sup> A crescente influência da cultura Inglesa surge depois dos acontecimentos da 2ª Guerra Mundial, 1939-1945, onde a língua Inglesa é definida como língua internacional por parte das tropas aliadas. Começa a sentir-se um predomínio desta cultura também na arquitectura, com teorias que ganham repercussões a nível internacional por parte do *Team X* e Alison e Peter Smithson. Não se trata, no entanto, de uma corrente artística, com bases teóricas comuns, como viria depois a manifestar-se no Pós-Modernismo.

## 2.2. EXPO 98' E A RECONVERSÃO DA FRENTE RIBEIRINHA

### OS GRANDES EVENTOS

Os grandes eventos internacionais têm sido, particularmente nos últimos anos, ocasião para a transformação e reconfiguração de cidades por todo o mundo. Tal fenómeno verifica-se já que “o grande evento é capaz de fazer confluír na cidade recursos que, de outra forma, seriam impossíveis de obter, recursos predominantemente, ainda que não exclusivamente, públicos.”<sup>41</sup>

[59] Fotografia da vista noturna do Parque das Nações

Têm sido, assim, encarados como ocasiões para a realização de obras relevantes nas cidades, aproveitando o investimento necessário mas até então inexistente por falta de meios, resultando em obras que muitas vezes transbordam os limites e âmbitos dos eventos que as impulsionou. Tal fator funciona, em certos casos, como uma oportunidade para melhor compor a estratégia de intervenção, mas noutros apresenta-se como um perigo. Essas iniciativas dão muitas vezes origem



a “verdadeiras não cidades”<sup>42</sup>, que no caso das Exposições, pelas características inerentes ao programa, pressupõem que o Recinto Expositivo se destaque da própria cidade apresentando-se como uma espécie de “ilha do fantástico”, isolada da envolvente.

Génova e Sevilha apresentam este resultado, ilhas edificadas, desérticas, onde a malha existente não conseguiu assimilar as ‘novas’ infraestruturas. Na tentativa da mera adição, ou imposição, de uma nova entidade ao local, assistiu-se antes a uma clivagem com o tecido urbano existente.

<sup>41</sup> CET, DAEST. *Lisboa expo'98 de Lisboa: observar enquanto se realiza*. Lisboa: Expo'98, 1996, p. 7

<sup>42</sup> TRIGUEIROS, Luiz (ed. lit.); SAT, Cláudio (ed. lit.); OLIVEIRA, Cristina (ed. lit.); CAMPOS, José Torres (comp.); VILLALOBOS, Barbara (rev. mat.); MOREIRA, Luís (rev. mat.). *Lisboa Expo'98: Arquitectura*. Lisboa: Editorial Blau, 1998, p. 13

Por outro lado, veja-se a resposta positiva de Barcelona a estas questões. “A cidade possuía já um plano de modernização que precedia, em muitos anos, as Olimpíadas, um plano que já se tinha começado a realizar”<sup>43</sup>, e entretanto acelerado pelo grande evento. Da operação resulta a cidade olímpica, harmoniosamente inserida na malha desenhada por Cerdà, no Plano de Expansão de Barcelona de 1860, e revitalizadora de uma das zonas mais degradadas da cidade, apresentando-se hoje como uma nova centralidade, estando entre as mais procuradas e visitadas de Barcelona.

A partir desta perspetiva de inserção do evento no plano da cidade pensou-se a Expo’ 98, em Lisboa. Percebe-se, neste enquadramento, a escolha da zona oriental da cidade para a realização do evento, uma zona periférica e degradada, que já beneficiava todavia de um plano com intenções urbanísticas, o *Plano de Estrutura da Zona Oriental*. A opção surge, então, como tentativa de equilibrar, do ponto de vista urbanístico, a relação com as restantes áreas da cidade, central e ocidental, bem como a criação de um novo centro urbano.

Um aspeto relevante que a intervenção aspirou alcançar foi a aproximação da cidade ao rio, possibilitando o usufruto da margem neste território por parte da população. Efetivamente, a ideia de “*Virar a Cidade ao Rio*”<sup>44</sup> tinha vindo a ser paulatinamente generalizada e assimilada pela opinião pública, e entendida como um fator fulcral no desenvolvimento da cidade, na melhoria da vida urbana e no “reforçar” da sua identidade. Para tal muito contribuíram iniciativas como o *Concurso de Ideias para a Zona Ribeirinha* promovido pela Associação de Arquitetos Portugueses (1988), o *Plano de Ordenamento da Zona Ribeirinha - POZOR* (1993-94), bem como a decisão da realização da *Exposição Mundial de Lisboa*.

Porém, se a estratégia de consolidação urbana na Lisboa Central e Ocidental passava pela preservação do património histórico e da consequente articulação do novo edificado com esta realidade, a Oriente o contexto urbano era bem

---

<sup>43</sup> CET, DAEST. Ibid, p. 9

<sup>44</sup> TRIGUEIROS, Luiz (ed. lit.); SAT, Cláudio (ed. lit.); OLIVEIRA, Cristina (ed. lit.); CAMPOS, José Torres (comp.); VILLALOBOS, Barbara (rev. mat.); MOREIRA, Luís (rev. mat.). *Lisboa Expo’98: Arquitectura*. Lisboa: Editorial Blau, 1998, p. 22

distinto. Não se tratava propriamente de uma “*terra de ninguém*”<sup>45</sup> ou de um espaço esvaziado de urbanidade, mas sim de uma zona onde o urbanismo existente contrastava com uma ruralidade decadente.

Tratava-se de um território a que careciam “*âncoras estruturantes*”<sup>46</sup>, intervenções que participassem ativamente na criação de novas centralidades, e também na reorganização espacial e social da vasta área metropolitana da cidade.

Uma zona “associada à ideia de uma área habitacional pobre, com bairros operários antigos e habitação social recente degradada, com extensos bairros de barracas, e à ideia de uma estrutura social com predominância dos estratos mais baixos, sob os pontos de vista económico e cultural.”<sup>47</sup>

Portanto, uma zona industrial e portuária obsoleta. Um local marginal à cidade, composto por indústria, depósitos de combustíveis, contentores, aterro sanitário e matadouro.

## O PLANO DE URBANIZAÇÃO

A Zona de Intervenção, efetivamente, da Exposição, encontra os seus limites a norte no rio Trancão, a sul na Av. Marechal Gomes da Costa, a oeste na Linha de caminhos-de-ferro e a leste no rio Tejo.

O projeto do Plano de Urbanização da Zona de Intervenção da Expo'98 (PUZI), para além da requalificação desse território de 340ha, teve como pretensão criar uma nova centralidade, contribuindo para um “*desenvolvimento equilibrado da Área Metropolitana de Lisboa sem concorrer com as centralidades existentes.*”<sup>48</sup>

De frisar que esta iniciativa de modernização da área metropolitana da cidade tinha em conta o desenvolvimento de Lisboa nos contextos regional, nacional e internacional. Para tal, o plano urbanístico procurou tornar a o espaço atrativo, começando pela sua requalificação ambiental.

---

<sup>45</sup> FERREIRA, Vítor Matias (org.); INDOVINA, Francesco (org.). *A cidade da Expo' 98*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 1999, p. 169

<sup>46</sup> Ibid.

<sup>47</sup> FERREIRA, Vítor Matias (org.); INDOVINA, Francesco (org.). *A cidade da Expo' 98*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 1999, p.164

<sup>48</sup> TRIGUEIROS, Luiz (ed. lit.); SAT, Cláudio (ed. lit.); OLIVEIRA, Cristina (ed. lit.); CAMPOS, José Torres (comp.); VILLALOBOS, Barbara (rev. mat.); MOREIRA, Luís (rev. mat.). *Lisboa Expo'98: Arquitectura*. Lisboa: Editorial Blau, 1998, p. 13

Procedeu-se, assim, ao desmantelamento das indústrias, à descontaminação e recuperação dos solos, em particular do aterro sanitário, à despoluição do rio Trancão e ao desmantelamento e reestruturação da estação de tratamento de resíduos sólidos de Beirolas. Surgiu a necessidade de reduzir as assimetrias estruturais e de proporcionar uma vivência social alargada, propondo a “coexistência de uma diversidade de usos e funções urbanas (habitação, serviços, comércio, administração, equipamentos vários, zonas verdes, atividades desportivas e lúdicas)”<sup>49</sup>. Esta estratégia visava dois tipos de abrangência. Uma de natureza local, beneficiando a nova área; uma “supramunicipal”<sup>50</sup>, que pretendia reforçar a intenção de criação da nova centralidade.

Outro aspeto importante na valorização do território, já mencionado anteriormente, foi a potencialização das frentes ribeirinhas através do tratamento das respetivas margens. Este espaço deveria constituir-se como local de passeio, de encontro entre pessoas e proximidade com os rios. Para tal foram previstos equipamentos lúdicos e desportivos bem como passeios e parques urbanos.

Optou-se por reduzir a densidade urbana neste território, maximizando as vistas panorâmicas, e por afastar desta zona o tráfego rodoviário. Estas medidas permitiram que o Parque das Nações se constituísse como a “*primeira extensão urbano-residencial que procura a proximidade da água.*”<sup>51</sup>

A estratégia do PUZI passava, desta forma, por pensar a área de intervenção não apenas como um “*pedaço de cidade*”, alienado de uma realidade urbana mais ampla como se de “uma ilha” se tratasse, mas sim de fazer cidade. Pretendia-se que fosse, “*o resultado de uma expansão urbana coerente em relação ao rio.*”<sup>52</sup> Para tal, foi também importante perceber de que forma o território pós-Expo poderia beneficiar e ser beneficiado pela área metropolitana de Lisboa, de maneira a manter o enquadramento na malha urbana depois do término do evento. Assim, foi necessário assegurar a ligação a todos os acessos metropolitanos existentes e a criação de novas ligações, consolidando o vínculo

---

<sup>49</sup> FERREIRA, Vítor Matias. *Lisboa, a Metrópole e o Rio*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 1997, p. 164

<sup>50</sup> CET, DAEST. *Lisboa expo'98 de Lisboa: observar enquanto se realiza*. Lisboa: Expo'98, 1996, p. 25-26

<sup>51</sup> FERREIRA, Vítor Matias (org.); INDOVINA, Francesco (org.). *A cidade da Expo' 98*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 1999, p. 152

<sup>52</sup> Ibid, p. 167

com a faixa ribeirinha e com o tecido urbano envolvente, bem como a união entre as duas áreas urbanas separadas pelo caminho-de-ferro.

Esta posição “democrática” parece ter ajudado a definir o *locus* deste espaço, quer no programa urbano que contém, quer na arquitetura que lhe dá forma, a qual, segundo os princípios do plano, deveria espelhar a sua contemporaneidade e tornar-se uma referência marcante da imagem de Lisboa.

Vejam-se as infraestruturas aproveitadas após a Expo como o Oceanário, o Pavilhão Atlântico, o Pavilhão do Conhecimento, entre outros, e os equipamentos, serviços e habitações posteriores. “*A realização da Exposição Mundial constitui uma oportunidade de acolhimento e integração de diversas expressões arquitetónicas contemporâneas*”.<sup>53</sup>

A aposta na diversidade e singularidade também se verificou no plano urbano, através da redução de regras que unificassem e homogeneizassem excessivamente o conjunto edificado. “*Contudo houve o cuidado de caracterizar a individualidade urbanística da zona, através da unidade da sua conceção global*”.<sup>54</sup>

## AS TRANSFORMAÇÕES E O GENIUS LOCI

*Se é o ‘sítio’ e a conceção urbanística que refletem de forma determinante o carácter do espaço urbano, são as criações arquitetónicas de exceção e o seu enquadramento urbano que verdadeiramente singularizam o espaço urbano e o tornam cultural e sensivelmente inconfundível e único.*

FERREIRA, 1999 <sup>55</sup>

Um lugar caracterizado por um “*cheiro perfeitamente nauseabundo*”<sup>56</sup>, poluído, com terrenos impregnados de petróleo e depósitos da indústria abandonada, poucas opções oferece relativamente a um aproveitamento do carácter do espaço ‘urbano’ que ostenta. As frentes ribeirinhas das cidades desde sempre foram o local de eleição para as

---

<sup>53</sup> FERREIRA, Vítor Matias (org.); INDOVINA, Francesco (org.). *A cidade da Expo’98*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 1999, p. 152, p. 182

<sup>54</sup> Ibid

<sup>55</sup> Ibid., p. 183

<sup>56</sup> COSTA CABRAL, Bartolomeu

indústrias fabris, pela sua proximidade ao rio e facilidade de transporte de mercadorias pelas linhas de caminhos-de-ferro que podiam atravessar os terrenos marginais sem interferir na malha urbanizada acessível a pedestres. Este fenómeno remonta às três décadas que se seguiram à II Guerra Mundial, que constituíram um período de forte aceleração das dinâmicas sociais, económicas e urbanas. Nestes 30 anos, as cidades cresceram sob a influência do modelo económico “fordista”, caracterizado pela produção e o consumo massificado, ficando marcadas por um urbanismo de matriz racionalista, dirigido pela regulação, pelo investimento público e pela consolidação de zonas industriais e polos de crescimento, como complexos portuários e petroquímicos.

Os choques petrolíferos e a crise económica da década de 70 marcaram a falência deste modelo, quebrando o ciclo virtuoso deste crescimento e aprofundando um processo de globalização económica. Enquanto alguns dos grandes centros urbanos da era da primeira industrialização perderam importância estratégica e económica, as pesadas infraestruturas próprias da cidade fordista entraram em progressiva obsolescência económica e funcional, só resolvida através da sua reconversão ou realocação. Deu-se um esvaziamento de enormes áreas do tecido consolidado, abrindo-se como nunca antes, oportunidades de transformação urbanística.

As antigas frentes de água das ancestrais cidades portuárias, fechadas à vida urbana mas fervilhantes em atividade, tornaram-se espaços inutilizados pela retração ou relocação das atividades. As cidades deparavam-se subitamente com uma nova questão: o preenchimento dos vazios urbanos deixados pela própria recomposição do seu tecido. A maioria destas procura assim, há mais de três décadas, “uma forma de preencher os vazios deixados por esta reconfiguração logística, no sentido de reencontrar uma identidade tão forte como a que, no início, moldou as suas frentes de água.”<sup>57</sup> E a zona oriental de Lisboa não fugiu à regra.

Mas se aqui o ‘espírito’ deste lugar em pouco contribui para uma reformulação do território que o empregue, como se reflete o ‘sítio’ no carácter do espaço urbano que se pretende conceber?

Tal como aconteceu com o caso de estudo exposto anteriormente, não foi precisamente a marca física e temática da estação da Carris que foi transposta para as torres das Amoreiras na tentativa de captar o simbolismo e memória do lugar. Fez-se uso, sim, das características morfológicas do lugar, da essência da cidade cuja estrutura, para o arquiteto,

---

<sup>57</sup> PORTAS, Nuno. *Água: cidades e frentes de água | Cities & Waterfront*. APL, Administração do Porto de Lisboa, 1998. pág. 13

se baseava no medievalismo. No caso da frente ribeirinha oriental de Lisboa, não são necessariamente as marcas deixadas pelas antigas indústrias que caracterizam o espírito deste espaço, o seu ambiente e atmosfera. Estes encontram-se, por sua vez, no rio, na proximidade com o mar, no limite entre terra e água. É este o fator que lhe confere singularidade, fascínio e o destaca das outras áreas da cidade. É este que concerne esta análise, onde se demonstra que a concretização do *genius loci* não é automática, óbvia e inteligível, podendo os atributos do lugar ser analisados e abordados de diferentes perspectivas, conforme a situação e os objetivos da intervenção.

Desta forma, e compreendendo o privilégio da proximidade física e visual com o rio e das virtudes e possibilidades desta, procedeu-se ao tratamento das águas do rio Trancão, graças aos meios disponibilizados pela organização do grande evento. De notar, desde já, a importância deste investimento, sem o qual tal operação teria sido impossível de incrementar.

Um pouco à semelhança do que já se tinha verificado na zona marginal Nascente da cidade, Belém, o aproveitamento da ligação ao elemento aquático confere uma maior mística e êxito ao espaço urbano reconstituído. As marcas deixadas pela Exposição do Mundo Português de 1940 levaram a uma completa renovação urbana da zona ocidental de Lisboa. A sua praça central deu origem à Praça do Império, uma das maiores da Europa, e nas suas maiores edificações verifica-se o Museu de Arte Popular e o Padrão aos Descobrimentos, incitando ainda a construção de outras infraestruturas de apoio e hoje imprescindíveis à cidade, como o Aeroporto da Portela. Constituiu o mais importante acontecimento cultural do regime do Estado Novo, sendo a maior do seu género a ser realizada no país até à Expo 98.

No entanto, no assunto em questão, a característica mais importante desta experiência foi precisamente a possibilidade de atravessamento da linha férrea, permitindo uma relação direta com o rio ao desenhar passeios dos quais qualquer pessoa pode usufruir. Esta medida foi adotada no plano de urbanização para a zona oriental, introduzindo grandes equipamentos inexistentes até à data na cidade, como a feira das indústrias, o Pavilhão Multiusos, o Pavilhão de Portugal e o Oceanário. Reuniu um conjunto de peças-chave de equipamento em oposição às presentes em Belém, gerando uma nova zona na cidade que pode promover novas atividades e vivências.

Durante a exposição vários pavilhões foram erguidos, e foi organizado um plano de pormenor relativamente á introdução de uma malha de habitação ao redor do recinto da exposição. No encerramento do evento a sua maioria foi desmantelada, resistindo, principalmente, os edificios acima referidos, que nos dias de hoje servem propósitos culturais exclusivos a este espaço. A escolha dos edificios mantidos claramente se interliga com a sua qualidade, uma vez que a arquitetura tem de ser capaz de responder ao lugar e às suas características para poder perdurar, mesmo a efémera como se verifica neste caso, que se tornou perene e perdura até aos dias de hoje. Não é apenas o território que permite ser transformado para se adaptar as necessidades e características da cidade e dos seus habitantes, também a arquitetura responde perante o *genius loci* e suporta adaptações para poder subsistir.

Neste aspeto, as inovações introduzidas ao nível da construção produzida nesta intervenção, tanto pública como habitacional, conferem-lhe um carácter especial. Foram desenvolvidos sistemas de escoamento e alimentação, ao nível das redes de águas e esgotos, ares condicionados, e despejo de lixo, que se interligam em galerias e permitem a sua circulação num regime independente. Compõe, assim, uma experiência de avanço tecnológico piloto numa zona urbana interna, que em muito valorizou o espaço e a qualidade de vida dos seus habitantes e ocupadores.

Encontrando-se afastada do centro e oferecendo todas as particularidades e inovações já enunciadas, acabou por se tornar uma nova malha criada à margem da cidade, gerada nas suas imediações mas não totalmente comunicante com os traços já consolidados de Lisboa. Como muitos a caracterizam, é um espaço de excelência que oferece inúmeras possibilidades e recursos urbanos, onde se criou uma nova zona de vida, mas que mantém o carácter da exposição, e se encontra distante e isolado.

Qual o resultado, então, desta transformação?

### **3. RESULTADOS – OS NOVOS PÓLOS CÊNTRICOS**

### 3.1. ZONA DAS AMOREIRAS

#### O CENTRO COMERCIAL

Diversos arquitetos têm vindo a dedicar particular atenção à estrutura do centro comercial. Nomes como Robert Venturi nos Estados Unidos da América, Rem Koolhaas na Europa ou Promontório e Tomás Taveira em Portugal, debruçaram-se sobre esta temática, estudando o fenómeno regenerador que esta estrutura pode exercer sobre a malha urbana, através da conjugação num só edifício de várias funções e serviços.

Acusados de promover o declínio do comércio tradicional dos centros históricos, os centros comerciais também se afirmaram como uma realidade inevitável do nosso quotidiano. Em muitos casos funcionam como um novo centro urbano, servindo a zona em seu redor.

A cidade contemporânea já não pode ser compreendida sem ter em conta esta tipologia, e o modo como se trabalham os centros comerciais influencia o destino da zona em que este se implanta. O sucesso de um centro comercial está intrinsecamente ligado à qualidade e carácter do espaço público que disponibiliza, não descuidando, obviamente, a qualidade do edifício em si.

O potencial que estas estruturas evidenciam para desenvolver um sentido de comunidade converteu esta tipologia numa poderosa âncora para ações de planeamento, tal como acontece no presente caso em estudo, o Complexo das Amoreiras. Transformando-se em centros comunitários, estes proporcionam espaços em que o público pode confortavelmente socializar e passar o tempo, num ambiente que nem é de trabalho, nem é doméstico.

No cenário contemporâneo, o centro comercial assume-se, assim, como a tipologia com maior capacidade para proporcionar espaços que confirmam um sentido de lugar.

Reflete uma apurada compreensão sobre os comportamentos, as necessidades e as expectativas do consumidor. Este frequenta o espaço tanto pela oferta comercial como pelas qualidades locais que o centro comercial oferece, ao nível dos arruamentos, das praças, das lojas e das atividades existentes na zona, criando um sentido comunitário, potenciado pelos espaços públicos disponíveis no interior da construção.

Contudo, o congestionamento do trânsito, de que têm sofrido a maioria dos centros urbanos, enfraqueceu o domínio do centro comercial apenas acessível por automóvel, o que, associado ao modo de vida cada vez mais ocupado do cidadão moderno, tendeu a levar à diminuição do tempo disponível para o consumo. Por isso, é compreensível que os centros comerciais implantados em lugares centrais, acessíveis a pé ou através de transportes públicos, constituindo ambientes urbanos multidimensionais, tenham assumido posição de destaque no cenário comercial.

Neste aspeto, o Complexo das Amoreiras sentiu esse enfraquecimento no seu domínio, já que depois de mais de uma década a reinar sem concorrência viu alguns dos clientes serem atraídos a outras superfícies que vieram ocupar espaços mais centrais na cidade de Lisboa ou que se encontravam melhor servidas de transportes públicos, como o Centro Comercial Colombo. Surgem, anos mais tarde, o Vasco da Gama e o El Corte Inglés, qualquer um deles com o metro à porta a “descarregar” milhares de clientes. O Amoreiras, por sua vez, ajustou-se à nova realidade, transformando o que seria uma desvantagem numa vantagem. “*É este sossego, este ambiente quase familiar que me fideliza*”, disseram alguns clientes.

#### A CRIAÇÃO DE UM NOVO PÓLO CÊNTRICO

Equipado com uma superfície comercial que facilmente dinamiza pólos urbanos, o Complexo das Amoreiras constituiu um fator de génese para os novos núcleos edificados na sua envolvente, vitalizando o tecido expectante. Esta premissa assenta também em fatores económico-sociais específicos e na estreita relação oferta-procura, bem como na perspetiva de criação de um novo centro de negócios nesta área agora fortemente comercial.

Assiste-se, assim, a uma completa modificação do tecido urbano das Amoreiras e das características do seu espaço, que até a data da construção do Complexo acolhia apenas conjuntos de habitações e vilas operárias, e as marcas deixadas pela indústria da Fábrica das Sedas, não esquecendo a forte marca do Aqueduto das Águas Livres e do reservatório da Mãe d'Água. Vários hotéis e outros edifícios de escritórios ocuparam as imediações da Avenida Engenheiro Duarte Pacheco, acompanhando a construção em altura inaugurada pelo Complexo das Amoreiras.

Olhando para outras capitais da Europa e América, onde grandes edifícios e arranha-céus desenham o *skyline* das construções, este pequeno *Business Central District* talvez constitua a tentativa, ao modo português, de

implementar o fenómeno de Nova Iorque e da concentração em altura, por meio de Tomás Taveira. A sua sintonia com a estética da imagem americana, depois repetida em Sidney, Chicago, Alemanha, Frankfurt, São Paulo e mais recentemente no Dubai, sente-se claramente neste projeto, embora a concentração e construção em altura, de forma a valorizar o solo, não tenha sido opção sua. Aproveitou, no entanto, o mote para utilizar essa mesma linguagem que permitiu a expansão que hoje se observa, lembrando a tradição americana embora muito superficialmente, já que “*não está na nossa natureza construir de forma tão alta e concentrada.*”

Além destes aspetos, a zona das Amoreiras localiza-se em “*plena rota de ligação do continente suburbano de Cascais Sintra ao continente Lisboa*”<sup>58</sup>, muito perto da entrada neste último. Retomando o tema do congestionamento do trânsito, sendo os espaços de entrada os mais caóticos da cidade, carecendo de maior preocupação a este nível, tornou-se clara a necessidade de um ajuste do tecido viário às necessidades de circulação e afluência ao centro de Lisboa. A rede viária desmultiplicou-se, assim, em inúmeras faixas, “*estonteando muitos automobilistas desprevenidos, que desaparecem sem deixar vestígio e nunca mais são encontrados*”<sup>59</sup>, com a construção do túnel das Amoreiras, que liga pelo subterrâneo à zona ao Marquês de Pombal.

Nasce um novo lugar de atracção na cidade, com um objeto arquitetónico pioneiro e de especial interesse que se qualifica como o único “*edifício em Lisboa de arquitetura moderna que tem direito a postais nos quiosques.*”<sup>60</sup>

Recebeu várias críticas, foi assunto recorrente durante anos tendo um impacto imensurável, até por parte do próprio arquiteto<sup>61</sup>, e ainda hoje recebe especial ênfase na discussão da cidade e sua arquitetura, por “*toda a dimensão do empreendimento que veio desequilibrar o diálogo natural entre cidade e cultura.*”<sup>62</sup> Ao ser amado por uns e odiado por outros, permitiu maior tolerância para com edifícios considerados estranhos, como a Casa da Música, no Porto, rompendo com preconceitos e incitando a aceitação do novo, do original, do diferente.

---

<sup>58</sup> FERNANDES, José Manuel, *O TRIÂNGULO DAS AMOREIRAS*, in *Arquitectura Portuguesa n.º4*, 1985, p.34

<sup>59</sup> Entrevista com Bartolomeu Costa Cabral

<sup>60</sup> Ibid

<sup>61</sup> “*Não avaliei o impacto que o conjunto teve para a cidade: toda, mas mesmo toda a gente discute o assunto.*” Em FERNANDES, José Manuel, *O TRIÂNGULO DAS AMOREIRAS*, in *Arquitectura Portuguesa n.º4*, 1985, p.34

<sup>62</sup> FERNANDES, José Manuel, Ibid.

Além disso, a inovação não foi 'rejeitada' pelo tecido urbano, que tanto tolerou como suportou a mudança impelida pelo Complexo, não descaracterizando o lugar nem arrasando as características que o compunham até à operação. O simbolismo continua presente, o espírito e a memória do pedaço de cidade que foi reformulado. Mudou o território, as mentalidades, e a Arquitetura em Portugal.

### 3.2. PARQUE DAS NAÇÕES

Considerando o grande investimento que despoletou a intervenção na frente ribeirinha oriental de Lisboa durante os preparativos para a Exposição Mundial de 98', eleva-se uma questão: terá este investimento obtido os resultados originalmente ambicionados? Ou ainda, terá a operação alcançado os ideais pressupostos e respondido às expectativas? Quinze anos depois, como se observa o atual Parque das Nações?

De forma a melhor avaliar o impacto desta reconversão na malha urbana de Lisboa e dos resultados gerados por este novo tecido urbano, criado praticamente de raiz, procurou-se a opinião de profissionais das áreas do planeamento urbano, arquitetura e sociologia urbana. Em conversa com os professores e arquitetos Nuno Grande e Bartolomeu Costa Cabral, e o professor e sociólogo Vítor Matias Ferreira, debateram-se os prós e contras desta megaoperação, os pressupostos e os resultados, bem como as consequências para o presente e futuro da zona Oriental de Lisboa, procurando uma resposta às questões enumeradas anteriormente. Tais contributos permitiram a exposição de várias opiniões, por momentos discordantes em alguns assuntos, bem como perspectivas informadas e cujos estudos e pesquisas possibilitaram uma perceção do plano pelos olhos dos responsáveis pelo mesmo.

Através do estudo de outras reconversões em frentes ribeirinhas, como os Jogos Olímpicos de Barcelona e as London Docklands, foi possível firmar um termo de comparação que ajudou á perceção de como se deu o processo anteriormente, e assim compreender melhor aquele que se desenvolveu em Lisboa. Pôde-se, então, identificar diferenças e semelhanças, sucessos e fracassos, e determinar algumas pistas de como olhar para o território, de como pensar uma mudança, uma transformação, que pode vir a ser bastante radical mas procura sempre ser bem-sucedida.

#### O IMPACTO DO EVENTO

No âmbito da arquitetura e urbanismo, este evento deteve um forte protagonismo aquando do seu planeamento, despoletando debates e discussões um pouco por todo o lado, chegando até ao cidadão comum, principal público-alvo e utilizador dos espaços delineados.

*Todos os arquitetos de Portugal estão a pensar intervir na Expo 98: é o grande projeto. Assim como, quando da Exposição do Mundo Português, se calhar todos os arquitetos sonharam intervir. São grandes momentos de euforia cultural e estética, e de grande 'boom' de produção, onde as pessoas pensam poder intervir – não por dinheiro mas por afirmação.*

TAVEIRA, 1991 <sup>63</sup>

Curiosamente idêntico ao anterior caso de estudo na época da sua construção, também este projeto foi considerado arriscado, pelo seu carácter vanguardista e pela novidade que introduziu na cultura e arquitetura do país, assumindo fortes riscos com plena consciência das expectativas em jogo.

Tratando-se de uma considerável gestão de recursos financeiros, políticos, culturais, sociais e humanos, a confiança depositada nesta nova faceta da cidade de Lisboa era colossal e promissora. As contrapartidas, por sua vez, eram equivalentes, e o receio de uma falha na restituição do investimento levou a várias tomadas de posse por parte de sectores privados. Estes geraram toda uma especulação sobre os espaços pensados e desenvolvidos, pondo de parte ou retirando alguma atenção a preocupações de cariz mais programático e de adaptação das infraestruturas da Exposição a futuras necessidades da cidade e seus habitantes.

Informalmente denominada de 'falácia do custo zero' por Nuno Grande, em conversa sobre o respetivo assunto, esta requalificação apostou num marketing agressivo, defendendo os ideais de uma aposta na grande nova zona da cidade, a expansão urbana por excelência. Embora a ideia inicial não fosse nem fazer apenas a abertura duma zona muito degradada á cidade, nem apenas fazer especulação imobiliária, devido à 'miragem' de o investimento ter de se pagar a si próprio, esta última ganhou força em relação a outros intentos. A construção de imóveis acabou, assim, por se densificar demasiado, "*criando uma espécie de ilha guetizada, uma ilha de excelência*" <sup>64</sup>, onde a necessidade de reaver o investimento levou a um aumento nos preços dos imóveis, tornando-se estes insustentáveis para grande parte da população.

Procedeu-se, efetivamente, a uma operação de requalificação necessária, encontrando-se a zona profundamente degradada antes da intervenção, onde os solos estavam contaminados, com reservatórios e produtos petrolíferos. "E

---

<sup>63</sup> Expresso, Sábado 27 de Abril de 1991 16-R

<sup>64</sup> GRANDE, Nuno, em entrevista, 08/06/2012, Porto

*portanto tem de se lhe conceder o seu elevado valor”<sup>65</sup>. Apresenta um espaço público privilegiado, que alberga, principalmente com bom clima, uma variada prática de jogos e desportos, mas ao mesmo tempo em que existem zonas de grande qualidade ambiental, paisagística e de recreio, observam-se também algumas zonas “onde a densificação foi brutal. Exatamente por ter havido sempre esta falácia do custo zero, onde era preciso tentar recuperar o investimento feito inicialmente”<sup>66</sup>.*

*Embora tente aprender com os erros do excesso de investimento que houve em Sevilha, que não deu em nada, não faz, na minha opinião, a ligação nem com a periferia poente de Lisboa, a zona de Portela e Loures, nem com a própria Lisboa. É uma espécie de parque temático, como aliás a própria expressão Parque Expo diz. (...) Aliás, aqui no Norte, nós temos a piada de que, nestes 15 anos após a Expo, o espaço central onde era a feira, desenhado pelo Manuel Salgado com os repuxos, bancos, praças, equipamentos, pavilhões, etc., parece uma cidade, e a cidade que era suposto nascer à sua volta parece uma feira. Há, portanto, aqui uma espécie de contradição, pois é uma feira das vaidades dos arquitetos mas também uma feira do imobiliário, onde cada promotor faz o que lhe apetece.*

GRANDE, 2012<sup>67</sup>

Acaba, assim, por ser considerado um lugar onde o investimento imobiliário deturpa a qualidade do espaço público pensado à partida, não existindo força suficiente por parte deste para criar uma identidade. “É tudo um bocado desgarrado, um bocado autocentrado. Há bons arquitetos, há maus arquitetos, e mesmo os bons arquitetos não têm lá as suas melhores obras, portanto é tudo um bocadinho funkaria.”<sup>68</sup>

Um outro problema que se observa, relativamente à cidade, é a carência de uma total integração no tecido urbano. Tomando um caminho junto ao rio, assiste-se a uma longa distância de zonas portuárias e de armazéns, e portanto muito pouco habitada. “Entre o Cais do Sodré e o Cabo Ruivo faz tudo ainda parte do Porto de Lisboa, permanecem os antigos edifícios, alguns abandonados, durante uma viagem de carro longa.”<sup>69</sup> Por sua vez, chegando ao Parque das Nações assinala-se a referida densificação. Continuando para a periferia de Moscavide, que “continua

---

<sup>65</sup> MATIAS FERREIRA, Vítor, em entrevista, 02/07/2012, Lisboa

<sup>66</sup> Ibid.

<sup>67</sup> GRANDE, Nuno, em entrevista, 08/06/2012, Porto

<sup>68</sup> Ibid.

<sup>69</sup> COSTA CABRAL, Bartolomeu, em entrevista, 20/05/2013, Lisboa

*exatamente como estava*<sup>70</sup>, com uma linha de caminhos-de-ferro que faz um corte entre zonas e não permite qualquer permeabilidade, conclui-se que de facto não existiu um elemento de articulação a nível de vivência urbana, assistindo-se a uma forte desigualdade. Se tal se tivesse dado, entre a cidade mais consolidada do centro, que obviamente também não está parada e vem-se expandindo, e esta nova zona, mais periférica e tão próxima do rio, talvez o resultado não acatasse tantas críticas e, principalmente, tantas falhas.

Considerando todos estes troços parece que se atravessam várias cidades, umas a seguir às outras, num só percurso. Tal fator é um pouco desconcertante, considerando que, na realidade, se trata de uma só marginal.

*O que teria sido excelente nesta intervenção, para além da requalificação local, era ter criado em termos urbanos não só os eixos de entrada e de saída, mas uma articulação com as zonas urbanas adjacentes. (...) O que está para cima continua exatamente como estava, a exemplaridade de que a integração da zona da Expo poderia ter conseguido fazer em 3/5 anos não tudo o que faltou fazer em 10 ou 20, mas passar já todas as pistas possíveis para pensar a cidade desta forma articulada e integrada, enquanto resultou, sim, numa ilha realmente.*

MATIAS FERREIRA, 2012<sup>71</sup>

## AS REAÇÕES

Qual seria, então, a solução para esta articulação aquando do planeamento da Exposição? Como se poderia ter evitado a concentração de recursos numa determinada área cuja envolvente permanece desagregada e abandonada?

Na opinião do arquiteto Nuno Grande, caso se tivesse pegado no investimento imobiliário que foi feito na Expo e se tivesse estendido este pelos 18 km de frente fluvial, a relação entre Lisboa e o rio seria muito mais equilibrada. Existiu até um plano que propunha esta mesma ligação, já anteriormente mencionado PROZOR, que acabou por ser desconsiderado devido á forte contestação que afirmava que tal ato resultaria numa privatização do porto, dando o luxo a umas pessoas de poderem ter vista para o rio e tapando as 'vistas' dos que estavam atrás.

---

<sup>70</sup> MATIAS FERREIRA, Vítor, em entrevista, 02/07/2012, Lisboa

<sup>71</sup> Ibid.

Segundo o arquiteto e professor, as cidades que fizeram essa relação estendida e não concentrada têm uma relação muito mais interessante com a frente do mar e do rio do que as que se concentraram.

*Portanto, hoje está provado que tendo pegado naquele investimento concentrado e estendido ao longo dos 18 km da frente, não só não se criava esse gueto de luxo, como de alguma maneira se tinham conseguido fazer as tais ligações entre as partes da cidade que estão desgarradas. O que acontece é que preferiu-se que o porto de Lisboa entrasse numa onda minimalista, abrindo apenas algumas partes sobretudo à night life e aos copos, substituindo a monofuncionalidade portuária pela monofuncionalidade ‘dos copos’.*

GRANDE, 2012<sup>72</sup>

Como qualquer sítio da cidade este tem de ser “interclassista e interfuncional ou plurifuncional”<sup>73</sup>, isto é, reunir várias funções que se misturam, sendo a habitação é uma delas. “*Íamos levar para ali uma habitação para alguns privilegiados? Íamos, mas provavelmente essa habitação ia pagar a qualidade do espaço público e o arranjo dos parques, dos jardins, etc.*”<sup>74</sup> Pelo contrário, assiste-se a um porto desmembrado, com algumas zonas preenchidas por contentores, outras por armazéns abandonados e ainda outras completamente desertas. Subsiste um porto frágil do ponto de vista não só económico como também urbano, e uma concentração imobiliária excessiva em cinco exclusivos quilómetros de frente.

Para Nuno Grande podia-se ter perspectivado a Expo’ 98 numa “*lógica muito mais à la long*”<sup>75</sup>, tratando uma maior extensão da frente fluvial. A solução não veio resolver o problema, veio sim dar um



60. 61. Espaço público qualificado

<sup>72</sup> GRANDE, Nuno, em entrevista, 08/06/2012, Porto

<sup>73</sup> Ibid.

<sup>74</sup> Ibid.

<sup>75</sup> Ibid.

exemplo de como se pode fazer essa relação de forma qualificada, visto que o espaço público é, de facto, qualificado e as pessoas que andam à beira-rio o reconhecem, embora apenas num troço desligado da envolvente. *“Foi a primeira vez que em Portugal se fez um investimento em que as pessoas perceberam que, para além da arquitetura, o desenho do espaço público pode ser importante para pôr uma cidade no mapa”*<sup>76</sup>, pena é que esteja tudo concentrado em apenas cinco quilómetros de frente, e seja apenas acessível de metro ou de automóvel.

*Não é propriamente uma zona até à qual se possa ir de bicicleta desde Lisboa, ou vice-versa. Continua a ser uma ilha, e desse ponto de vista ainda não está provado que a Expo seja uma parte da cidade de Lisboa. A Expo é uma parte de si própria, tendo-se perdido uma oportunidade.*

GRANDE, 2012 <sup>77</sup>

Vítor Matias Ferreira, por sua vez, quando confrontado com a ideia de se ter feito aquilo que estava proposto no PROZOR e estender a massa de habitação, que ficou ali densificada, ao longo de toda a frente, na perspectiva de uma permeabilidade e articulação entre espaços melhor conseguida, descarta-a de imediato. *“O PROZOR previa quase que uma barreira entre a cidade já existente e o rio.”*<sup>78</sup>

Para o sociólogo não é um assunto de menor importância, uma vez que pensar num determinado edificado que é capaz de tirar usufruto visual do rio é bastante diferente a criar uma barreira completa.

*O PROZOR era uma barreira de todo o tamanho. Uma coisa é ter uma vivência portuária (...) onde a cidade portuária deve manter as soluções portuárias, mas não tendo as suas funções a ocupar toda a área da frente urbana. Como é óbvio nem precisa, o porto cada vez está mais industrializado, informatizado, com tecnologias mais avançadas. Precisa cada vez de menos espaço, e por outro lado a cidade e as suas 7 colinas estão todas elas viradas para o rio, que tem uma força, digamos, imagética, simbólica, de relacionamento fundamental, e portanto todas as intervenções devem ter isso em conta. O PROZOR era uma barreira completa, não sei como é que se possa defender.*

MATIAS FERREIRA, 2012 <sup>79</sup>

---

<sup>76</sup> GRANDE, Nuno, em entrevista, 08/06/2012, Porto

<sup>77</sup> Ibid.

<sup>78</sup> MATIAS FERREIRA, Vítor, em entrevista, 02/07/2012, Lisboa

<sup>79</sup> Ibid.

Ora, a questão permanece: o PROZOR apresentava uma solução plausível ou pelo contrário criava um obstáculo ainda maior ao usufruto da margem do rio?

Tendo realizado o caminho de Santa Apolónia até ao Parque das Nações de carro, aquilo que se constatou foi que, de facto, o PROZOR teria criado uma barreira, mas os espaços como se encontram hoje também não permitem a aproximação das pessoas ao rio. A área continua desaproveitada, continua a representar uma quebra entre um espaço minimamente consolidado, visto Santa Apolónia não se encontrar perfeitamente consolidada, e um outro completamente revitalizado, a antiga Expo, onde sobra neste intervalo uma zona subaproveitada e sem ligação com as referidas envolventes próximas.

Apesar da existência de um plano proposto para a zona de Marvila, do arquiteto francês Jean Nouvel, bem como inúmeras outras possibilidades ainda por surgir, existe certamente um isolamento da zona da Expo em relação aos espaços consolidados urbanos adjacentes, seja de Lisboa, de Loures, ou outros, sendo necessário um preenchimento e articulação destes. As razões pelas quais o PROZOR foi recusado continuam a fazer-se sentir, e não se pode evitar ponderar sobre a eventualidade de, caso este tivesse sido aplicado, se não teríamos uma frente ribeirinha com espaços públicos privilegiados com uma extensão maior que aquela que nos é oferecida hoje. E ainda, se a *'ilha guetizada'* se teria de todo formado.

As frentes fluviais marítimas estão sujeitas a processos de especulação imobiliária muito forte, e acima de qualquer outra área da cidade. É difícil haver políticas de revelação que impeçam o exagero e densificação que atacam estas zonas. Fica a ideia de que o investimento feito se ao invés de intensivo tivesse sido extensivo, esta nova zona poderia ser dinamizadora de algo que se espalharia por todo o território, revitalizando outros espaços que carecem de atenção. Funcionaria como o motor de arranque para a revitalização não só da zona ribeirinha oriental da cidade, mas de um troço urbano muito mais extenso, e em última análise, oferecendo uma melhor comunicação com o centro de Lisboa. É preciso estar-se atento ao que existe, perceber que para além das condições paisagísticas tem de haver uma massa crítica, têm de existir condições para um investimento imobiliário que esteja regulado com o interesse público, com o interesse das pessoas em usar intensamente a frente fluvial ou marítima.

## O CASO DE BARCELONA

Localizada na costa do Mediterrâneo, entre a foz do Rio Llobregat e a foz do Rio Besòs, Barcelona manteve desde sempre uma extensa e forte ligação com o mar. Até 1985 a frente de água era um resumo das práticas periféricas que resultavam da dinâmica do centro urbano, encontrando-se separada do resto da extensão de cidade por duas ramificações ferroviárias. Assim, as praias foram utilizadas durante vários anos como zona de descargas públicas de entulho, ruínas e outros resíduos urbanos, desvalorizando a sua relação natural com a água.

A nomeação, em 1986, da cidade de Barcelona como sede dos Jogos Olímpicos de 1992 permitiu levar a cabo a renovação, tantas vezes retardada, da sua frente de água. Consistindo na recuperação de elementos – praças, jardins, equipamentos, espaços para os peões - que as dinâmicas especulativas da época tinham diminuído de forma drástica, as intervenções aqui promovidas foram mais importantes pela sua difusão do que pela sua dimensão.

Tratando-se de uma organização com a dimensão dos Jogos Olímpicos, foi possível elevar o nível de comprometimento por parte de várias entidades e fundos. Começaram a projetar-se acessos, grandes infraestruturas e fachadas marítimas onde outrora se falava apenas de praças, passeios e árvores. O evento surge assim como um claro pretexto e um catalisador para a renovação urbana da frente ribeirinha de Barcelona, podendo finalmente conjugá-la com o resto da cidade, tornando-as parte integrante desta.

Decidiu-se situar as zonas olímpicas no interior da cidade, integrando-as no esquema dos espaços de nova centralidade projetados pela administração local. Estas dispõem-se entre o Eixample<sup>80</sup> e as periferias pobres e desordenadas dos anos 60 e 70. Com o desenvolvimento habitacional e terciário destes espaços pretendia-se requalificar importantes zonas da cidade e reduzir as diferenças entre o centro urbano, bem equipado, e as periferias, carentes de equipamentos e serviços. Dentro deste esquema resolveu-se, então, construir a Cidade Olímpica, área onde se alojam os atletas, precisamente na zona ribeirinha contigua à Ciutadella.

No entanto, para se proceder a esta fusão foi necessário resolver primeiro o problema das barreiras infraestruturais anteriormente referidas. Esta operação implicou, em primeiro lugar, erguer as vias que percorriam o litoral, eliminando o obstáculo entre a cidade e a faixa marítima, e desviar o curso da circulação ferroviária devido à ramificação que se

---

<sup>80</sup> Distrito que ocupa a parte central da cidade de Barcelona, com uma área de 7.48 km<sup>2</sup>, e desenhada por Ildefonso Cerdà.

dirige ao interior da cidade. Esta foi depois subterrada, fazendo desaparecer a barreira entre o futuro bairro e o centro da cidade. Em segundo lugar, decidiu-se construir em forma de túnel ou canal o novo acesso à cidade, o qual passa entre o novo bairro e a faixa marítima, evitando assim a criação de uma nova barreira. Por fim, procedeu-se à reabilitação das praias.

Com este conjunto de operações foi permitido recuperar 18 hectares de praia na frente marítima do levante barcelonês, sob uma faixa de 4kms, criando-se ainda 50 hectares de parques.

Relativamente à Cidade Olímpica, o projeto - confiado a uma prestigiada equipa de arquitetos, formada por Oriol Bohigas, Josep M. Martorell, David Makay e Albert Puig-Domènech - partia de dois princípios básicos. Por um lado, a vontade de dar continuidade ao projeto Cerdà, de maneira a permitir a integração de um novo bairro na cidade e a facilitar o acesso ao litoral. Por outro lado, criar um espaço urbano complexo, constituído não apenas por habitações, mas também por centros comerciais, serviços, e espaços lúdicos. Pretendia-se, com isto, evitar a formação de um espaço isolado ou de um novo ghetto urbano.

Em termos físicos, a Cidade, com mais de 50 hectares de superfície, compreende um conjunto de cinco faixas paralelas ao litoral, integradas por um sistema de parques: as praias e porto olímpico, o passeio marítimo, os edifícios litorais, a via rápida e o núcleo urbano.

Conseguiu-se, assim, um reordenamento da frente de água do levante barcelonês, impulsionada por um evento ocasional que acaba por contribuir para o sucesso da operação de reconversão de uma zona degradada da cidade. Depois dos Jogos, esta foi ainda modificada através da conversão dos antigos quartéis militares no campus universitário da Universidade Pompeu Fabra.

Confrontando este exemplo com o da Expo 98' identifica-se imediatamente que no caso de Barcelona existiu uma conformidade entre a Câmara e as entidades responsáveis. Surge portanto a questão de se terá sido essa a falha no caso de Lisboa e a mais-valia para Barcelona, que conseguiu a permeabilidade que aqui nos falta.

Vítor Matias Ferreira afirma que, aquando dos Jogos Olímpicos de Barcelona, tal conformidade não só existiu entre as entidades responsáveis pelo plano mas também com as próprias pessoas. Deram-se várias reuniões

permanentes de discussão com os sindicatos, com a participação de comissões de moradores. *“Ao contrário da Expo, que foi toda pensada da cabeça de burocratas, de especialistas”*<sup>81</sup>.

No caso de Barcelona procurou-se preparar a cidade para receber os Jogos Olímpicos, tendo em conta a possibilidade e aproveitamento dos recursos, inclusive financeiros, para fazer também um certo número de intervenções não apenas a pensar nos Jogos. Desenhou-se a cidade olímpica, que ainda hoje se identifica na malha urbana, mas foi também feita a despoluição completa da frente de água de Barcelona, muito marcada pelo porto. Uma zona que ninguém aproveitava como praia passou a sê-lo, com água limpa e pessoas a acederem de metropolitano e não apenas de carro. Não se trata dos Jogos Olímpicos, mas, como diria Francesco Indovina, da ocasião de organizar os Jogos Olímpicos, onde embora os custos financeiros abundassem não se limitou a definição de várias pistas, vários estádios, alojamentos para atletas, tudo exclusivamente do ponto de vista do evento. Os Jogos foram a ocasião para repensar a cidade. Barcelona lançou estratégias de planeamento e não só um planeamento de estratégias, pensou num projeto de cidade associado à discussão e ao debate, em como esta se deveria organizar tendo em conta a ocasião. E é por isso que Barcelona é considerada um caso emblemático.

Em Lisboa, para o professor e sociólogo, a *“tendência do planeamento, no fundo, é muito virada para um planeamento crítico, um planeamento burocrático”*<sup>82</sup>.

*No fundo o que nós aprendemos com aquilo que se designou de planeamento estratégico é que mais importante que o planeamento estratégico é uma estratégia de planeamento. Isto não é um jogo de palavras, são metodologias de intervenção completamente distintas. Uma coisa é identificar os problemas e ponderar sobre as articulações que estão em causa, pois são de natureza distinta e implicam um envolvimento com as pessoas. (...)As capacidades técnicas ficam ao encargo dos técnicos, e através do debate e interação permanente com os cidadãos surgem novas soluções, novas estratégias de planeamento, que acabam por se mostrar muito mais importantes que o planeamento estratégico.*

MATIAS FERREIRA, 2012 <sup>83</sup>

---

<sup>81</sup> MATIAS FERREIRA, Vítor, em entrevista, 02/07/2012, Lisboa

<sup>82</sup> MATIAS FERREIRA, Vítor, em entrevista, 02/07/2012, Lisboa

<sup>83</sup> Ibid.

Assim, o que se pressupõe de interessante, importante e fundamental é a estratégica de planeamento. Uma metodologia, um posicionamento, que apresenta posturas estratégicas de intervenção na cidade e envolve os agentes, os autores, as pessoas, as instituições. O que aparentemente, falhou durante o planeamento da Expo 98’.

Barcelona soube tirar lições a partir dos erros de exemplos anteriores, como as London Docklands, consideradas, “*um caso lamentável*”<sup>84</sup>, tendo sido um dos primeiros planos de reconversão de frentes marítimas na Europa. A intervenção foi um dos maiores, senão o maior, processos de reconversão urbana, mas o seu gigantismo transformou-se num enorme fracasso imobiliário. Depois de um início prometedora em que Canary Wharf teve grande projeção, seguiu-se uma drástica diminuição na venda de habitações e escritórios, piorando com a falência, entre 1989 e 1992, de várias empresas proprietárias.

O estabelecimento de fracas ligações entre a dimensão local e global foi extremamente negativo para a reconversão, originando nas Docklands espaços predominantemente monofuncionais, uma vez que não se conseguiu integrar coerentemente na estrutura urbana já existente os novos espaços comerciais e habitacionais. Ocorrência que, como já apontado, se repete no Parque das Nações.

Mais tarde Tony Blair procurou completar as ligações que Margaret Thatcher não conseguiu entre as Docklands e o resto da cidade, sobretudo ao *Canary Wharf*, a zona principal de decadência. Além disso, como esta se encontra perto da zona onde decorreram os Jogos Olímpicos de 2012, conquistando uma maior afluência de pessoas, bem como uma oportunidade para ressurgir como elemento regenerativo do território, pensa-se conseguir alcançar finalmente o êxito desta operação.

Assim, “*Barcelona é um bom exemplo do que uma cidade, aproveitando uma ocasião, pode atingir. Nós tivemos a Expo 98, que foi uma ocasião também, e podia ter sido mais bem aproveitada*”<sup>85</sup>.

## O NOVO PÓLO CÊNTRICO

*Embora, devo dizer, que durante o dia é interclassista, com várias pessoas de várias condições sociais a usar a Expo, o Vasco da Gama, a estação. O Oriente é o maior nó intermodal que existe no país, portanto eu acho que há mais-valias, e’*

---

<sup>84</sup> MATIAS FERREIRA, Vítor, em entrevista, 02/07/2012, Lisboa

<sup>85</sup> Ibid.

*desse ponto de vista acho que o equilíbrio entre o investimento público e o investimento privado está garantido.*

GRANDE, 2012 <sup>86</sup>

Assume-se, então, que nem todos os pressupostos originais da operação tenham sido perdidos, uma vez que a nível de espaço público o Parque das Nações oferece, nos dias de hoje, uma das melhores zonas de lazer e atividades culturais da cidade de Lisboa. Nunca esquecendo, obviamente, a grande operação de reconversão levada a cabo na frente marítima, criando uma nova zona de vida qualificada.

Desenvolveu-se, aqui, um novo pólo da cidade, oferecendo infraestruturas inexistentes até á data na malha urbana de Lisboa, e capazes de albergar novas atividades e eventos que atraem um forte fluxo de pessoas para esta área mais periférica.

Não chegando a afirmar-se como um novo centro, visto ter tido pouca influência nas áreas adjacentes e continuar separada de certos troços do tecido urbano pela linha de comboio, reúne condições e recursos únicos na cidade, conseguindo subsistir por si só. O termo de ‘ilha guetizada’, embora utilizado de forma pejorativa na maioria das vezes, acaba por descrever de forma acertada este novo espaço, que tornando-se mais seletivo não deixa de oferecer a todos os cidadãos oportunidades próprias de si mesmo. Ganha assim o carácter de pólo cêntrico na cidade, distribuindo em parceria com a zona de Belém, das Amoreiras, do Chiado, e muitas outras, um conjunto de atividades e infraestruturas culturais, habitacionais, comerciais, de negócios e de lazer pela malha urbana de Lisboa.

Apresenta-se, agora, como parte integrante da malha urbana considerada cidade, cosmopolita, atraindo fluxos viários e populacionais para locais onde anteriormente se depositavam lixos e resíduos industriais. Através do planeamento e arquitetura foi possível transformar um espaço inacessível numa nova zona de excelência.

*“Centralidade não diria, continua a ser um sítio longe, mas criou-se uma zona de vida sim.”<sup>87</sup>*

---

<sup>86</sup> GRANDE, Nuno, em entrevista, 08/06/2012, Porto

<sup>87</sup> COSTA CABRAL, Bartolomeu, em entrevista, 20/05/2013, Lisboa

## CONSIDERAÇÕES FINAIS – CONCLUSÃO

*Tomás Taveira continua a ter de enfrentar o desafio de esvanecer os aspetos negativos da sua imagem pública. “Quer se goste ou não dele e dos seus trabalhos há que reconhecer que ele instaurou a polémica onde apenas havia alheamento”, dizem os menos radicais. “Se outro mérito não tivesse pelo menos com o Amoreiras como apenas acontecera com o ‘franginhas’ de Teotónio Pereira, ele pôs as pessoas a refletir sobre arquitetura e sobre a cidade”.*

TAVEIRA, 1991 <sup>88</sup>

A polémica que envolve obra e arquiteto está longe de ter sido esgotada. Desencadeadores de paixões e ódios apresentam, como o próprio afirma, “uma arquitetura de raiz antropológica e histórica”<sup>89</sup>. Retoma a cor e os ornamentos, componentes contrárias à estética do movimento moderno voltado, sobretudo, para a funcionalidade do objeto arquitetónico, instigando a introdução de uma nova cultura pop pós-moderna.

*“O pós-modernista quer percorrer mais do que metade do caminho até ao público. Quer que gostem do que ele faz! A este respeito Taveira é um verdadeiro pós modernista, talvez o mais bem-sucedido de todos”<sup>90</sup>, defende Geoffrey Broadbent no prefácio de uma obra dedicada á obra do arquiteto. Afirma que “vistas em fotografias as Amoreiras podem parecer (...) ameaçadoras para o horizonte de Lisboa. Mas olhadas ao vivo, à distância, a sua massa surge tão ‘certa’, como a do Castelo e proporciona um efetivo equilíbrio à imagem de conjunto da cidade”<sup>91</sup>.*

As vozes críticas, no entanto, foram as que mais se fizeram ouvir. Entre estas estava “a de Marcelo Rebelo de Sousa, que não era tanto contra o aspeto da obra, mas sim contra a “falta de planeamento urbanístico” durante os mandatos de Abecasis.”<sup>92</sup> Outros defendiam a liberdade criativa que inspirou as Amoreiras, como o arquiteto Manuel Graça Dias,

---

<sup>88</sup> TAVEIRA, Tomás in *Expresso*, Sábado 27 de Abril de 1991 10-R, p. 34

<sup>89</sup> *Expresso*, Sábado 27 de Abril de 1991 10-R, p. 34

<sup>90</sup> BROADBENT, Geoffrey, in *Tomás Taveira*, Academy Editions, 1994, p.17

<sup>91</sup> Ibid.

<sup>92</sup> <http://www.arquitectura.pt/forum/topic/11275-lisboa-centro-comercial-das-amoreiras-tomas-taveira>

*“que ainda hoje continua a achar saudável que as cidades construam marcas de época como esta, neste caso “a marca de um movimento pop (popular) filiado no pós-modernismo”.*<sup>93</sup>

Aquando da sua inauguração, as Amoreiras foram ‘o’ fenómeno. Houve excursões, veio gente de todo o país para ver de perto esta obra controversa, demasiado arrojada para a época e que estava a ser vendida como “uma cidade dentro da cidade”.

*“Ainda me lembro da polémica. Tudo aquilo parecia demasiado grande e exuberante. Ou se criava uma grande empatia com aquela arquitetura modernista, ou odiava-se”, diz Aurora Piedade, residente na zona das Amoreiras.*<sup>94</sup>

Amada ou condenada, o que se conclui do estudo desta obra e das condições que levaram á sua construção é que representou, efetivamente, uma lufada de ar fresco na arquitetura portuguesa da época. A introdução do pós-modernismo revigorou os cânones artísticos da sociedade e revitalizou um espaço abandonado, sem uma identidade forte que o fizesse sobressair na malha urbana de Lisboa. Com a sua construção no entanto, e a intenção de constituir um novo centro de negócios nesta área da cidade, sensivelmente afastada do centro, contribuiu para a constituição das Amoreiras como um novo pólo da cidade capaz de oferecer aos seus cidadãos um novo modo de vida, com infraestruturas e atividades suficientemente completas do ponto de vista dos *standards* do dia-a-dia cosmopolita.

A zona perspectiva-se, precisamente, como o novo pólo de negócios e escritórios da cidade no futuro próximo, a experiência portuguesa com ‘arranha-céus’ e construção em altura que se observa apenas aqui e nas construções habitacionais do Parque das Nações, de forma mais afirmada.

A antiga zona fabril e operária assistiu à introdução de um novo carácter urbano, quase oposto, mas até certo ponto subtilmente conseguido. Para tal foi crucial o esforço do arquiteto em aproveitar elementos do *genius loci* e introduzi-los na imagem do edifício, como o próprio referiu, conseguindo uma coesão com a envolvente e despoletando todo um fluxo viário á sua volta introduzido nas rotas de ligação com o centro e periferias da cidade.

---

<sup>93</sup> <http://www.arquitectura.pt/forum/topic/11275-lisboa-centro-comercial-das-amoreiras-tomas-taveira>

<sup>94</sup> Ibid.

O que, no outro caso de estudo, já não se verificou. Embora gerando, igualmente, um novo pólo de atração na cidade, e revitalizando do mesmo modo uma zona periférica desta, a integração e influência no tecido envolvente não se verificou de forma tão evidente como nas Amoreiras. Em certa análise, não parece que sequer tenham sido conseguidas.

*“Em Lisboa há uma densificação exagerada da frente ribeirinha na zona da Expo”*<sup>95</sup>. Uma operação possibilitada no âmbito das preparações para a Exposição Mundial de 1998, começou por servir como um divisa para o tratamento de uma área degradada e abandonada da cidade, uma zona de despojos industriais, muito poluída e inacessível ao cidadão comum. No entanto, como analisado, acabou por resultar numa pequena ilha dentro do tecido urbano, desligada da sua envolvente e incapaz de influenciar os espaços adjacentes. *“Dentro desta ‘ilha’ há uma grande densificação, com grandes blocos que tentam ainda explorar o facto de ser a dita zona de excelência, com os tais preços exorbitantes para os apartamentos.”*<sup>96</sup>

Devido à “fé cega” de o investimento ter de se pagar a si próprio, o imobiliário acabou por dominar a lógica da promoção e da qualificação do espaço, originando a dita densificação.

*Criámos uma espécie de nichos dentro do grande nicho que é a Expo, que por sua vez também não comunica com nada, acaba por ser uma espécie de ilha de excelência, ou ilha de luxo, um parque temático, como se lhe quiser chamar. Agora vai transformar-se numa nova freguesia de Lisboa, pode ser que isso a torne um bocadinho mais suja e ao mesmo tempo que a integre mais na cidade.*

GRANDE, 2012<sup>97</sup>

Tal premissa do investimento reavido através da forte campanha de especulação imobiliária não se verificou, *“acabando a operação por ter um custo brutal para o estado, constituindo o custo zero inicial a dita grande falácia.”*<sup>98</sup>

Podia-se ter aproveitado o legado das reconversões de frentes marítimas feitas anteriormente, nem á Docklands nem á portos americanos, os primeiros a serem abertos por causa de movimentos de cidadãos, movimentos hippies

---

<sup>95</sup> GRANDE, Nuno, em entrevista, 08/06/2012, Porto

<sup>96</sup> Ibid.

<sup>97</sup> GRANDE, Nuno, em entrevista, 08/06/2012, Porto

<sup>98</sup> MATIAS FERREIRA, Vítor, em entrevista, 02/07/2012, Lisboa

que exigiam a possibilidade da sua ocupação. Não ser nem minimalista como essa primeira geração, nem maximalista como foram as Docklands.

Apesar das diferenças encontra-se mais próxima da reconversão do porto de Barcelona, que informou muito o modelo de Lisboa, embora nesse caso haja um equilíbrio entre o espaço público e o espaço privado, ou entre o espaço público que depois foi concessionado ou vendido ao espaço privado, o que em Lisboa não se revela.

Estes grandes eventos funcionam como um bom motor de arranque para o tratamento de malhas degradadas da cidade, uma vez que, de repente, concentram no mesmo ano todos os investimentos que levariam 10 anos a fazer, ou que talvez nunca viessem a ser feitos, pondo ainda toda a gente a conversar, o “*que na gestão urbana por vezes é impossível.*”<sup>99</sup> Porém, têm um lado perverso, pois tendem a concentrar nesse ano uma ideia que pode facilmente tornar-se datada. A concentração de recursos e infraestruturas num local com expectativas elevadas de encontrar a alter cidade é um risco, uma vez que as dinâmicas urbanas são inconstantes e podem levar o fluxo populacional para outros lugares, ficando este esquecido.

*Eu pergunto-me sempre pelo porquê de haver esta mania de que cada vez que há uma feira internacional, ou uma exposição universal, ou uns Jogos Olímpicos, pensar-se em fazer uma pequena cidade.”<sup>100</sup> Aposta-se sempre na construção de uma cidade a mais sustentável, mais qualificada, a dita ‘alter cidade’ em relação à cidade-mãe onde vai estar tudo aquilo que esta última não tem, com todos os requisitos tecnológicos e conforto ambiental que esta não alberga. “Depois, na verdade, resultam cidades que parecem todas iguais! O que é que Xangai 2010 é diferente da Expo 98? Tornam-se franchisings, repetições de soluções construídas em eventos anteriores.*

(...)

*Pensa que todas estas transformações da frente ribeirinha são mais no sentido de ‘vamos construir para aqui porque queremos fazer um ícone para aquele sítio’ e que tecnicamente agora o que se está a ver é que são só transformações momentâneas, e em vez de cozer a frente da linha do rio, constroem-se apenas momentos. Todos os governantes gostam de deixar a sua marca na frente ribeirinha, é uma mania, pronto. E portanto esta é a montra do poder, e como em qualquer montra o que é que sobressai? Nada, porque cada gesto é pensado para competir com o anterior. Ou seja, há uma espécie de competição já dentro do próprio poder urbano, dentro da própria cidade.*

---

<sup>99</sup> GRANDE, Nuno, em entrevista, 08/06/2012, Porto

<sup>100</sup> Ibid.

Lisboa parece sofrer a pressão de ser a capital, e precisar de se afirmar através da construção e de edifícios emblemáticos. É a questão da metrópole, do turismo, da competição. Não há tempo para se delinear uma estratégia de planeamento, como referia Matias Ferreira, acabando por surgir tudo 'à pressão', e não apresentando os resultados uma coesão.

*“O poder é cada vez mais instantâneo. (...) Quanto tempo é que um primeiro-ministro está em estado de graça? Pouquíssimo. E é nesse estado de graça que normalmente resolvem fazer estas loucuras. Cada vez mais o poder é efêmero, e aquilo que ele produz torna-se também efêmero e muito datado, esgotando-se rapidamente. E esse é o problema de Lisboa.”*

De Lisboa e tantas outras metrópoles.

Fica, assim, a ideia de que no futuro tem de se ponderar a hipótese de não se fazer necessariamente uma cidade de raiz, mas operar, por exemplo no coração da cidade, se for este que necessita de investimento. Ao invés de criar uma nova periferia de luxo, de onde depois advêm exemplos como Sevilha, hoje em dia pouco mais que um parque tecnológico meio abandonado, muito pouco frequentado e com escassas capacidades de servir a cidade através da adaptação das suas infraestruturas, porque não apostar em espaços pontuais da cidade que necessitem de pequenas cirurgias urbanas?

Porque não apostar num modelo de reurbanização, voltando a atenção para as cidades consolidadas e utilizando estes grandes eventos para as reurbanizar, e não para fazermos sempre alter cidades novas a achar que aquelas sim vão ser as grandes cidades? Talvez nem todos os casos precisem de intervenções de desenho urbano, nem todos precisem de equipamentos ou de infraestruturas. Cada situação merece uma chamada de atenção própria, e não se devem traçar quaisquer objetos sem se ter a certeza que, primeiro, eles são necessários, que eles são recriados pelas pessoas, e que têm sustentabilidade ao longo do tempo.

---

<sup>101</sup> GRANDE, Nuno, em entrevista, 08/06/2012, Porto

<sup>102</sup> Ibid.

A cidade cresce e vai mudando, respeitando o que existe, e mesmo trabalhando na malha consolidada não se pode tratar de um arrasar de estruturas existentes. Obviamente também não podemos olhar para o problema de uma forma imobilista e estática, “*onde ‘ora se existe não vamos mexer’, nem que seja uma coisa completamente degradada e a cair aos bocados, mas numa visão de articular o passado com o futuro. No fundo é este jogo que tem de estar permanente.*”<sup>103</sup>

Este foi precisamente o olhar com que se tentou analisar o território a trabalhar na vertente projetual, a zona das Amoreiras. Considerando a malha existente procedeu-se a uma leitura com espírito crítico e com o objetivo de delinear uma estratégia de planeamento, como referido pelo professor anteriormente.

Houve, de facto, a necessidade de conseguir articular entre si os espaços já existentes, ao invés de propor algo completamente novo e afastado da realidade presente. Optou-se por tentar resolver aquilo que hoje se nos apresenta, acabando por se criar uma nova forma de observar e percorrer a cidade.

Sendo que os exercícios projetuais e teórico foram sendo desenvolvidos em simultâneo foi impossível não transpor conceitos abordados em ambos entre si, fator que contribuiu para a tomada de decisões e formação de opiniões mais fundamentadas e, espera-se, acertadas. Aprofundando o conhecimento relativamente ao conceito de *genius loci* e de espírito do lugar tornou-se obvio que a perceção da essência de um espaço, de um lugar, aquilo que ele nos diz, nos transmite e nos quer comunicar, anuncia o caminho a seguir, a orientação que as decisões de planeamento e pensamento urbano e arquitetónico devem levar. Se o arquiteto é um pensador e observador, faz parte de si captar as diretrizes enunciadas pelos elementos do espaço, as chamadas de atenção que o território apresenta, como se o projeto pedisse para acontecer, como a referida Casa da Cascata.

Na abordagem individual ao território e ao tema da arquitetura e sociedade nos próximos vinte anos, foi imprescindível o contributo deste estudo sobre o *genius loci*. A reabilitação de edifícios lida com toda uma quantidade de características que têm de se considerar, sob risco de não conseguir uma coesão entre a proposta e a pré-existência, o novo com o antigo.

---

<sup>103</sup> MATIAS FERREIRA, Vítor, em entrevista, 02/07/2012, Lisboa

Se a intenção passa por criar um elemento de arranque que influencie o que está á volta e instigue a regeneração dos espaços e a sua qualidade privada e urbana, através da proliferação e repetição pelo território envolvente, então este tem de ser capaz de transportar tal peso. Tem de ter uma base de suporte suficientemente forte para servir de exemplo adaptável a diversas condições, criar uma articulação com o tecido urbano, regenerando-o e incitando uma evolução, como se verificou com o Complexo das Amoreiras, evitando tornar-se um ‘filho único’, uma parte isolada do território, um espaço de interesse desgarrado da malha envolvente, como resultou o Parque das Nações.

Voltando a este último, fica a dúvida de se esta questão do *genius loci*, embora aqui aplicado até uma certa extensão, não ajudaria a compreender a dificuldade de integração desta reconversão na malha urbana. Analisando bem, as características do espaço e caráter prévios á operação eram bastante diferentes daqueles que foram ‘incutidos’. Um espaço de despojos, industrial, tem as suas características, e tentar introduzir um espaço com uma característica tão diferente, de uma nova cidade, parece difícil conseguir conjugar.

Apesar de se tratar de uma substituição e não de uma integração, não existindo coexistência de funções já que deixou de ser uma zona industrial e de armazenamento, ficam sempre as marcas. No entanto, tal transformação resultou no caso das Amoreiras, e portanto conclui-se que, de facto, cada caso é um caso.

É, assim, importante fazer um estudo destas características, para quando se pretender inserir um edifício ou uma malha com uma característica diferente da pré-existente, perceber se ela vai conseguir comunicar com as envolventes da melhor maneira. Ideia que reforça a importância da análise do espírito do lugar e o equacionamento das transformações que se desejam inserir num determinado local, para se poder previamente avaliar as consequências destas no espaço trabalhado.

Mesmo considerando este conceito, é difícil determinar qual é a característica que um espaço tem ou que o espaço oferece para que as pessoas o queiram frequentar. *“E muitas vezes queremos que isso aconteça e não se consegue. É um enigma, quer dizer, é pela arquitetura, pelos sítios”*.<sup>104</sup>

---

<sup>104</sup> COSTA CABRAL, Bartolomeu, em entrevista, 20/05/2013, Lisboa

Qual a importância e o papel da arquitetura em relação ao espaço urbano? O espaço urbano só por si não é nada, mas a arquitetura se não tiver também uma concessão urbana nada é. E é nesta fusão que reside o dilema e a resolução desta prática, não existem modelos nem regras a seguir para encontrar o caminho para esta coesão, apenas uma leitura e análise cuidadosas dos espaços e das suas características, a atenção a todos os pormenores e um pensamento crítico baseado na memória dos lugares e nas necessidades dos cidadãos usuários da cidade, cujas opiniões e contributos, como se pôde constatar, comportam uma mais-valia para o planeamento urbano.

# BIBLIOGRAFIA

## MONOGRAFIAS

AAP, ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES. *Lisboa a cidade e o rio: Concurso de ideias para a renovação da zona ribeirinha de Lisboa*. Lisboa: AAP, 1988.

BRUTTOMESSO, Rinio. *Waterfronts: A New Frontier for Cities on Water*, Città d'Acqua, Veneza, 1993.

BUSQUETS, Joan. "Planeamiento: pasado reciente y futuro próximo", *Sociedade e Território*, nº22, 1995.

CASTRO, Alexandra. *A Expo'98 de Lisboa : observar enquanto se realiza*. In *Sociologia - Problemas e Práticas* / dir. Eduardo de Freitas Nº15, 1994.

COLLINS, Peter, *Changing Ideals in Modern Architecture 1750-1950*. Londres: Faber and Faber, 1965

FERNANDES, José Manuel. *Lisboa em Obra (s)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1997.

FIGUEIRA, Jorge, *Agora que está tudo a mudar: Arquitectura em Portugal*, 2005

GADANHO, Pedro, *Arquitectura e mediatização generalista, 1990-2005*, 2007

GRANDE, Nuno. *Arquitectura & Não*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2005.

HEIDEGGER, "Language", in Albert Hofstadter (org.), *Poetry, Language, Thought*. Nova York: 1971

HERITAGE CONSERVATION AND RECREATION SERVICE, *Urban Waterfront Revitalization: the Role of Recreation and Heritage*. Washington, D.C.: U.S Department of the interior, 1980.

HOYLE, B.S.; D.A. PINDER; and M.S. HUSAIN, *Revitalizing the Waterfront: International Dimensions of Docklands Development*. New York: Belhaven Press, 1988.

LANGER, S., *Feeling and Form*. Nova Iorque: 1953.

LISBOA. Câmara Municipal. Arquivo Municipal; Sociedade Lisboa 94. Departamento de Intervenção Urbana, co-autor; Martins, Miguel Gomes, 1965-, co-autor; Santos, Maria do Rosário, org. expos. *Lisboa Ribeirinha*. Lisboa : Expo 98 : Lisboa 94 : Livros Horizonte, 1994

MATIAS FERREIRA, Vítor. *A cidade da EXPO 98'*. Lisboa: Editorial Bizâncio

- MATIAS FERREIRA, Vítor. *A Expo'98 e a Metrópole de Lisboa*. In *Lisboa Expo 98: observar enquanto se realiza*. Lisboa : CET, 1996.
- MATIAS FERREIRA, Vítor. *Cidades de água : A u-topia de Lisboa?*. In *Mediterrâneo*. - Nº10/11.
- MATIAS FERREIRA, Vítor. *Lisboa, a metrópole e o rio : centralidade e requalificação das frentes de água*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 1997.
- MORGADO, Abílio. *Exposição mundial de Lisboa de 1998 : relatório*. Lisboa: Parque Expo'98, S.A., 1999.
- NESBITT, Kate (org.). *Uma nova agenda para a arquitectura*. São Paulo: Cosac Naify, 2008
- NETTO, J. Teixeira Coelho, *Moderno pós moderno: modos & versões*, São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2005
- NORBERG-SCHULZ, *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Londres, Academy Editions: 1980
- NORBERG-SCHULZ, *Meaning in Western Architecture*. Londres e Nova Iorque: 1975
- NORBERG-SCHULZ, *O pensamento de Heidegger sobre arquitectura*, Perspecta 20, 1983
- NORBERG-SCHULZ, "Symbolization", in *Intentions in Architecture*. Oslo e Londres: 1963
- PEREZ-GOMES, "Architectural Representation in the Age of Simulacra," *Skala* 20, 1990
- PORTAS, Nuno, *A Cidade como Arquitectura*, 2007
- PORTAS, Nuno. *Água: cidades e frentes de água | cities & waterfront*. APL, Administração do Porto de Lisboa, 1998.
- PORTAS, Nuno. *Os tempos das formas, vol 1, A cidade feita e refeita*, Guimarães: Departamento Autónomo de Arquitectura, 2005.
- RAMOS, Rui Jorge Garcia. *Ideias para um lugar: concurso de ideias para o recinto da EXPO'98*. Lisboa: Expo-98, D.L., 1993.
- RICHARDSON, W. J., *Heidegger, Through Phenomenology of Thought*. The Hague: 1974
- SULLIVAN, Louis H. *The Tall Office Building Artistically Considered*. Lippincott's Magazine: 1896
- TRIGUEIROS, Luiz. *Lisbon Expo 98: Projects*. Lisboa: Blau Monographs, 1996.
- TOSTÕES, Ana. *Arquitetura Portuguesa Contemporânea*, 2008
- VENTURI, Robert. *Complexity and Contradiction in Architecture*. Nova York: 1967

VIEIRA DA SILVA, A. *Iconografia de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal, 1947

## ARTIGOS

COELHO, Alexandra Prado, “*Passaram trinta anos. Já digerimos Tomás Taveira e as Amoreiras?*”

COELHO, Carlos Francisco Lucas Dias; COSTA, João Pedro Teixeira de Abreu. 2006. *A renovação urbana de frentes de água: infraestrutura, espaço público e estratégia de cidade como dimensões urbanísticas de um território pós-industrial*. Artitexto. Lisboa: CEFA

FERNANDES, José Manuel, *O TRIÂNGULO DAS AMOREIRAS*, in *Arquitectura Portuguesa n°4*, 1985

GARCIA, Pedro. 2010. *Exploring Lisbon's Waterfront: New Gates to the Ocean Front*, *Portus* 1

GARCIA, Pedro. 2004. *Life and death of Lisbon's waterfront*, in 10th International Conference Planning and History Society, (IPHS), In *Planning Models and the Culture of Cities*. Barcelona

GARCIA, Pedro. 2006. *Lisbon: what future at the heart's of city waterfront?*, in 10th International Conference Cities and Ports, Association International Villes and Ports. Sidney

<http://www.arquitectura.pt/forum/topic/11275-lisboa-centro-comercial-das-amoreiras-tomas-taveira>

## ENTREVISTAS

COSTA CABRAL, Bartolomeu, em entrevista, 20/05/2013, Lisboa

GRANDE, Nuno, em entrevista, 08/06/2012, Porto

MATIAS FERREIRA, Vítor, em entrevista, 02/07/2012, Lisboa



# **ANEXOS**

**FICHA DE UNIDADE CURRICULAR****Unidade curricular:** Projeto Final de Arquitetura**Código:****Tipo:** letivo; Trabalho de Projeto**Nível:** 2ºciclo**Ano curricular:** 2012/2013**Semestre:** Anual**N.º de créditos:** 45 ECTS

Horas de trabalho total:

Horas de contacto:

**Língua (s) de ensino:** Português**Pré-requisitos:** precedências requeridas: Projeto de Arquitetura II**Área científica:** Arquitetura**Departamento:** Departamento de Arquitetura e Urbanismo**Docentes:** Paulo Tormenta Pinto (coordenador), José Luís Saldanha, Ana Vaz Milheiro (Lab. Teoria e História da Arquitetura e do Urb.), Sandra Marques Pereira (Lab. Sociologia), Sara Eloy (Lab. Tecnologias da Arquitetura), Pedro Costa (Lab. Economia);**Objetivos (conhecimentos a adquirir e competências a desenvolver):**

Projeto Final de Arquitetura é a Unidade Curricular que encerra a formação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura, adquirindo, por isso, um papel de síntese na consolidação e aprofundamento das competências alcançadas pelos estudantes ao longo dos 4 anos anteriores.

Preconiza-se, nesta UC, o incentivo a cada vez maior autonomia, por parte dos estudantes, na resolução dos exercícios propostos e nas decisões de ordem conceptual que venham a adotar.

Outro objetivo é a clarificação de um entendimento crítico da expressão da arquitetura definida e enquadrada na transversalidade dos vários saberes.

**Programa:**

Como base programática utilizaremos uma temática de fundo, que suportará a orientação dos diversos trabalhos a desenvolver ao longo do ano letivo. Será o “Mundo Novo” (Título inspirado em Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley, 1932) o tema central que desenvolveremos em 2012/2013.

O programa da UC de Projeto Final em Arquitetura consiste na elaboração de um Trabalho de Projeto, requisito obrigatório para a obtenção do grau de mestre. O Trabalho de Projeto é composto por duas vertentes: uma de âmbito projectual e outra de âmbito teórico.

A intenção genérica que será trabalhada junto dos alunos finalista do Mestrado Integrado sustenta-se sobre o paradoxo da impossibilidade de construir um otimismo panfletário no momento contemporâneo, considerando-se que ao inverso de Aldous Huxley. Este tema procura enquadrar o conflito entre os herdeiros da cultura moderna e industrial que confiam no modelo da inovação e da tecnologia, por oposição a outros que crêem numa organização “neo-ruralista” ambicionando uma maior ligação a um romantismo ligado à ideia da “mãe natureza”.

Uma outra vertente que surge agregada a este tema, consiste numa possível revisão da ideia de manifesto. Através dos manifestos ligados às artes e à arquitetura, é possível entender um pressuposto idealista de futuro, associado a uma visão de organização social sempre assente numa ideia de rutura e de edificação de um novo paradigma. Desde Ornamento e Delito (1908) ao Manifesto de De Stijl (1918), da carta de Atenas (1933), ao manifesto de Doorn (1958), do manifesto Situacionista (1960), a Delirious New York (1978). Será a partir da compilação Programs and Manifestos on 20th-century architecture de Ulrich Conrads que se irão estruturar os debates relacionados com esta Unidade Curricular.

### **Vertente Projectual**

Serão desenvolvidos como arranque desta UC um conjunto de trabalhos de carácter abstrato, procurando-se fixar ferramentas compositivas úteis aos exercícios de fundo que serão desenvolvidos. Posteriormente serão delineados os objetivos concretos da vertente projectual que passam por uma intervenção abrangente que terá como área de estudo o eixo entre o Largo do Rato e a colina das Amoreiras (através da Rua das Amoreiras). Este eixo permite reconhecer diversos momentos urbanos e arquitetónicos que, ao longo do tempo ali se implantaram. Estes extratos temporais serão analisados, não só do ponto de vista morfológico, mas também a partir do pressuposto ético que enquadrou a sua implementação.

A marcar um dos extremos deste percurso pode reconhecer-se a cidade do século XVIII, com uma forte referência no Largo do Rato, quer seja através do seu carácter prévio de terreiro periférico de acesso ao centro da cidade, quer seja como lugar referenciado nas grandes construções infraestruturais, como a mãe de água do aqueduto da águas livres que pontua o ingresso no festo da sétima colina – manifestação fundamental da cidade iluminista.

Na outra extremidade desta área de estudo pode observar-se a centralidade contemporânea promovida no entorno do complexo das Amoreiras, de Tomás Taveira, que a partir do final dos anos 80 se somou a intervenções de grande escala já existentes naquele local, tais como os imóveis habitacionais e de escritórios promovidos por arquitetos como Fernando Silva ou Conceição Silva.

O eixo urbano em estudo permitirá ainda estabelecer relações com a uma parte da cidade dos anos 30 e 40 na encosta voltada para o Parque Eduardo VII, possibilitando também compreender o início da expansão da periferia urbana e do impacto das vias rodoviárias urbanas. Todas estas layers temporais serão debatidas em função do idealismo lhes está associado. Deste modo pretende estabelecer-se linhas interpretativas que permitam relacionar estes pensamentos prospetivos, com os modelos urbanos associados.

A meio do primeiro semestre será também realizado, em período de tempo limitado de 2 a 3 semanas, um workshop na cidade guineense de Bafatá, tendo como base a elaboração de um memorial/centro de estudos, em torno da figura de Amílcar Cabral.

Os respetivos enunciados de cada um dos exercícios serão fornecidos aos alunos em formulários distribuídos na sala de aula.

### **Vertente Teórica**

A vertente teórica da UC de Projeto Final de Arquitetura será desenvolvida, de acordo com a regulamentação expressa no REACC do DAU. Ao início do ano letivo serão propostos 4 laboratórios de investigação, que colocarão linhas de pesquisa autónomas nas áreas científicas de História e Teoria da Arquitetura e do Urbanismo, da Economia, da Sociologia e das Tecnologias de Arquitetura, cada uma destas áreas terá um docente responsável. Os diversos programas de investigação serão lançados na primeira semana letiva, cabendo aos estudantes a escolha de uma das linhas de investigação.

### **Exercício de Arranque e Aquecimento**

**Título:** marca, texto e espaço:

O exercício de arranque tem como objetivo enquadrar os estudantes nos pressupostos gerais da Unidade Curricular, funcionando como revisão sumária da formação adquirida nos 4 anos anteriores, para tal será desenvolvido um projeto de carácter abstrato.

#### **Materiais necessários**

- Objeto de uso comum;
- Papel cavalinho A2;
- Tinta-da-china;
- Materiais para maquete a definir em cada caso específico;

#### **Metodologia e tarefas a desenvolver:**

Os alunos constituem-se em grupos de 5 elementos, no seio de cada grupo deverão ser selecionados objeto (s) de uso comum - algo tão inesperado e acessível que possa ser adquirido numa grande superfície, achado na rua ou comprado na loja do chinês....

O objeto selecionado deverá ser embebido (total ou parcialmente) em tinta-da-china, funcionando como carimbo que irá produzir marca(s) no papel cavalinho.

O processo deverá ser repetido por diversas vezes, procurando selecionar-se uma marca gráfica que possa ser considerada mais estimulante para o desenvolvimento do exercício.

Seguidamente, no contexto do grupo, deverá realizar-se a apropriação de um excerto literário que possa ser ilustrado com a marca anteriormente selecionada (o excerto literário não deverá ser maior que uma folha A4). A preocupação fundamental desta seleção deverá residir numa tentativa de conversão da mancha representada no papel cavalinho, em unidade espacial.

Posteriormente, considerando-se um volume de 30 cm<sup>3</sup> como limite, será realizada 1 maqueta que fixe a espacialidade, previamente invocada pela marca gráfica e ilustrada pelo texto. Para a elaboração da maqueta deverá definir-se a escala esta irá ser representada.

A materialização da maqueta deverá contemplar um dos seguintes sistemas compositivos baseados em:

- Planos;
- Subtrações;
- Adições

#### **A entregar:**

Marca gráfica em A2, que deverá ser afixada na parede da sala de aula;

Caderno com formato 21x21 cm onde se inclui:

- Impressão digitalizada da marca selecionada
- O texto ilustrativo;
- Imagens fotográficas da maqueta;
- Plantas, cortes e alçados, a escala conveniente da maqueta;
- Digitalização de uma sequência de pelo menos 5 esboços relativos às espacialidades representadas pela maqueta. Estes esboços deverão ser elaborados por cada elemento do grupo (devidamente identificado);
- Deverá ainda ser reservada uma área do caderno para a demonstração do processo de realização de todo o processo em forma de story board, para tal deverá utilizar-se o recurso fotográfico;

#### **Apresentação:**

Digital tipo PowerPoint, com exibição da maqueta e marca na sala de aula.

#### **Calendário do Exercício**

Início – dia 18 de Setembro

Entrega e apresentação – dia 4 de Outubro

## **TEMA I - Trabalho Individual, 1º Semestre**

Tendo por base a área de intervenção estipulada na ficha de unidade curricular, localizada em Lisboa, no eixo entre o Largo do Rato e a colina das Amoreiras, propõe-se a elaboração de um exercício que permita o estabelecimento da relação entre a macro escala (análise estratégica do território) e a micro escala (intervenção arquitetónica detalhada).

Pretende-se que este exercício possa desencadear um debate centrado em leituras prospetivas em relação à sociedade. Como tal, em paralelo com a elaboração dos projetos de arquitetura deverá realizar-se, no contexto de cada grupo de trabalho, a definição de um perfil social que se preveja possível num futuro a médio prazo (2 décadas). Para tal algumas perguntas poderão colocadas, como por exemplo:

- Como a organização económica e política poderá influenciar os modos de vida e a relação do indivíduo com a sua comunidade;
- Em que medida a tecnologia poderá influenciar a organização social;
- De que modo os recursos naturais poderão influenciar as ações sobre o território e localização e organização do espaço doméstico;

O objetivo final do exercício consiste na elaboração de projetos para quatro habitações. Estas habitações serão encaradas como tipologia associadas ao universo social definido pelo debate atrás mencionado. Caberá a cada estudante a decisão de onde implantar as habitações e de que modo estas se organizam, não só em função do espaço doméstico, mas também na sua relação como a envolvente urbana que suporta o exercício. Neste sentido, deverá o estudante ser capaz de estabelecer um discurso que lhe permita relacionar a proposta tipológica e habitacional com o trecho urbano que caracteriza a sua envolvente próxima.

### **Área de Intervenção:**

Percurso urbano entre o Largo do Rato e a Colina das Amoreiras

### **Metodologia:**

1. Num primeiro momento, serão constituídos grupos de aproximadamente 5 estudantes;
2. A área de intervenção será parcelada, pela docência da Unidade Curricular, de acordo com planta anexa, tendo como critério os diversos extratos temporais referidos na FUC;
3. Cada um dos elementos, de cada grupo, ficará individualmente afeto a uma das parcelas, anteriormente designadas.

4. Os projetos das habitações serão desenvolvidos individualmente dando seguimento ao âmbito do exercício;
5. Ao mesmo tempo que são desenvolvidas as propostas individuais, deverá ser mantido um debate, no seio de cada um dos grupos, que permita desenvolver uma estratégia de harmonização das várias intervenções.

### **Entregas e Avaliação:**

**1ª Entrega intermédia:** 25 de Outubro 2012 (caderno em formato A3) + maquete esc. 1:5000/1:2000 da área de intervenção e sua relação com as habitações;

**2ª Entrega intermédia:** 13 de Dezembro 2012 (caderno em formato A3)

**Entrega Final:** 28 de Janeiro de 2013 (desenhos e maquetas de escala a determinar pelo aluno, sugerindo-se a 1/1000 e 1/200 ou 1/50; simulações gráficas da proposta; e caderno síntese em formato 21 x 21 cm)

**Apresentação e Avaliação:** de 29 Janeiro a 1 de Fevereiro de 2013

### **Modelo de Apresentação**

As apresentações finais das propostas individuais de cada um dos alunos serão realizadas por Grupo, sendo que deverá apresentar-se a definição do perfil social pedido, associando-se a este a estratégia geral para a área de intervenção.

### **TEMA II - Trabalho de Grupo, 1º Semestre.**

Numa das extremidades da área de intervenção, a Colina das Amoreiras, assumiu, maioritariamente a partir da década de 1980, um protagonismo urbano muito assinalável perspetivando-se para aquele local a implementação de um centro de negócios, à semelhança de outros modelos internacionais que potenciavam, na época, novas centralidades urbanas a partir do conceito de CBD (Central Business Centre). Esta convicção urbanística permitiu desenvolver, naquele local um conjunto de novas inserções rodoviárias na cidade de Lisboa, atraindo para outros investimentos que ampliaram aos programas comércio e serviços, à habitação e hotelaria. Com o final do milénio os investimentos na área oriental da cidade, após a Expo 98, vieram retirar protagonismo urbano a este tecido urbano, sobretudo no que se refere à especialização com que se pretendia afirmar.

Passadas cerca de 3 décadas desde a construção do complexo das Amoreiras, é possível lançar sobre aquela envolvente local um olhar mais distanciado, dada a estabilização urbanística que atualmente se verifica, associada a uma perda de expectativa económica daquele tecido.

O objetivo do Tema II, passa pela definição de um conceito síntese caracterizador de leitura e interpretação da área de estudo, neste caso, a colina das Amoreiras na sua relação com a inserção urbana ao centro de Lisboa a partir Largo do Rato.

Este estudo permitirá também um reconhecimento da área de estudo e de suas potencialidades, pretendendo-se com isto criar bases para a elaboração de um projeto a desenvolver no 2º semestre ao abrigo do Tema III

### **1ª Fase - Reconhecimento do Território**

Numa etapa preliminar de aprofundamento da estratégia de intervenção de um determinado território torna-se imprescindível o seu conhecimento.

Para esse efeito dever-se-á possuir a informação necessária para avaliar a potencialidade dos sítios e os conflitos existentes de modo a formular propostas.

#### **O trabalho de grupo deverá proceder à recolha de informação, nomeadamente em áreas como:**

- Caracterização biofísica da área de intervenção:- topografia, estrutura de espaços verdes, orografia e sistemas de drenagem natural; geologia - hidrologia; orientação e exposição solar.
- Evolução histórica da área de estudo:- caracterização do processo de formação do tecido edificado; recolha de plantas de várias épocas; monografias e descrições.
- Caracterização da mobilidade, potencialidades e estrangulamentos: caracterização de acessos, da rede viária; Percursos pedonais, etc.
- Caracterização da estrutura edificada, da distribuição de funções e dos espaços públicos: - Tipologias de espaços públicos; Estruturas urbanas existentes; Edificado com valor histórico e arquitetónico; Edificado recente consolidado; Estado de conservação; Espaços vazios; Espaços públicos; Equipamentos públicos e privado, etc.
- Planos Urbanísticos condicionantes, projetos mais relevantes para a área de intervenção:- P.D.M.; P.P.; Condicionantes Urbanísticas; Loteamentos; projetos mais relevantes para a área de intervenção.

### **2 Fase - Programa/Conceito/Proposta**

Na posse dos dados anteriormente recolhidos proceder-se-á à designação de um conceito síntese caracterizador de leitura e interpretação da área de estudo.

Elementos a entregarem:

- Explicitação de um argumento de transformação. Memorando, máximo 6 páginas A4.
- Planta de enquadramento à escala 1/5000 e ou 1/2000
- Planta da estrutura urbana à escala 1/1000
- Cortes significativos à escala 1/1000
- Esquemas gráficos e ou esquiços que explicitem a proposta e a sua integração na área envolvente.
- Simulações gráficas da proposta (esquissos, 3ds, fotomontagens)

**Entrega intermédia:** 25 de Outubro de 2012 (1ª fase)

**Formato:** caderno A3 e CD com o mesmo conteúdo.

**Entrega Final:** 28 de Janeiro de 2012

**Formato:** Caderno A3 (incluindo o memorando) e CD com Power Point.

**Discussão e Apresentação do Trabalho:** Semana de 29 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 2011, em Power Point.

### **TEMA III - Trabalho de Grupo, 1º Semestre.**

Tendo como base os resultados dos exercícios dos Tema I e II, é lançado um novo exercício que tem como objetivo reforçar a estratégia urbana na área de intervenção em estudo, definida pelo eixo entre o Largo do Rato e a colina das Amoreiras.

O exercício do Tema III incide na vertente do espaço público, ou seja o espaço de mediação entre as diversas propostas individuais realizadas no 1º semestre. Neste exercício pressupõe-se uma ação concertada, ao nível dos grupos de trabalhos, no sentido da clarificação das intenções de transformação preconizadas para o local. Através deste exercício deverão também intensificar-se os desejos (narrativos), definidos pelos grupos de trabalho, relativos ao perfil social dominante que habitará a colina das Amoreiras num futuro a médio prazo, de duas décadas.

Durante o espaço temporal em que decorrerá o Tema III deverão ser realizadas revisões de projeto, tendo em vista a melhoria das propostas individuais realizadas ao abrigo do Tema I, procurando-se o melhor ajustamento dos projetos às estratégias deste novo exercício.

**Os objetivos do Tema III passam pelos seguintes pontos:**

#### **1. Definição de um plano de estrutura da área de intervenção.**

Neste ponto deverão ser repensados, num primeiro momento, os argumentos que estão na base das escolhas dos locais de intervenção individuais, refletindo sobre os pontos em comum que podem caracterizar as várias propostas. Num segundo momento deverá ponderar-se sobre uma possível centralidade [ou possíveis centralidades] que possam emergir no tecido urbano. Num terceiro momento deve ser definida uma estratégia de mobilidade e de utilização do espaço público;

## **2. Definição de um projeto detalhado de caracterização do espaço público.**

Neste ponto serão realizadas propostas concretas de projeto, com detalhes, definindo materiais, mobiliário urbano, espécies vegetais e todos os parâmetros julgados convenientes para o projeto de espaço público.

## **3. Enquadramento dos projetos individuais, realizados no Tema I, na estratégia projectual para o espaço público.**

Prevê-se que a estratégia de projeto, concertada em grupo, seja validada em projetos de pormenor na envolvente dos projetos individuais.

### **Área de Intervenção:**

Percurso urbano entre o Largo do Rato e a Colina das Amoreiras

### **Metodologia:**

1. Serão mantidos os grupos de trabalhos definidos no 1º semestre com aproximadamente 5 estudantes;
2. O exercício abrange toda a área de intervenção, devendo o grupo definir os momentos mais particulares onde as ações de projeto sobre o espaço público possam ser mais relevantes, agindo nesses locais com maior detalhe.
3. Individualmente, deverá ser detalhada a envolvente dos projetos realizados no Tema I

### **Entregas e Avaliação:**

**1ª Entrega intermédia:** 21 de Março, (PowerPoint e maquetas esc. 1:1000/1:200 da área de intervenção e sua relação com as habitações);

**Entrega Final:** 23 de Abril de 2013 (desenhos e maquetas de escala a determinar pelo grupo, sugerindo-se a 1/1000 e 1/200 ou 1/50; caracterizações dos ambientes propostos; e caderno síntese em formato 21 x 21 cm)

**Apresentação e Avaliação:** 23 de Abril 2013

### **Modelo de Apresentação**

As apresentações finais das propostas serão realizadas em Grupo, sendo montado um júri para comentar os projetos.

## **TEMA IV - Trabalho Individual, 2º Semestre.**

Como conclusão do ano letivo será realizado um trabalho individual que visa o estabelecimento de uma síntese em relação ao percurso de cada um dos estudantes. Este trabalho, pensado para ser desenvolvido no espaço do último mês de aulas, pressupõe a realização de um tema livre a enquadrar pelo próprio estudante. Condiciona-se apenas o

desenvolvimento deste último Tema ao estabelecimento de uma relação em torno dos exercícios elaborados no curso do ano letivo.

**Como linhas orientadoras são lançadas algumas pistas:**

1. Aplicação direta de um ensaio extraído a partir do trabalho desenvolvido nos laboratórios;
2. Elaboração de projetos de extensão em relação ao programa lançados ao longo escolar;
3. Exercício específico de representação ou performativo em torno do projeto das habitações.

**Os objetivos do Tema IV passam pelos seguintes pontos:**

1. Desenvolvimento de competências ao nível da problematização em torno da arquitetura produzida por cada estudante. Este exercício será uma oportunidade para construir um enredo discursivo em torno do trabalho de projeto, enriquecendo os pressupostos de base com que cada proposta foi realizada
2. Consolidação da autonomia dos estudantes em relação aos temas desenvolvidos durante o ano letivo. Ao solicitar-se que cada estudante construa o seu próprio enunciado, procura estimular-se a autonomia em relação ao acompanhamento e orientação dos docentes da UC de PFA.
3. Melhoria e credibilização das propostas individuais iniciadas no 1º semestre. Este exercício deve ser visto como oportunidade para retomar e solidificar as decisões de projeto inicialmente lançadas no âmbito dos exercícios anteriores, nomeadamente do exercício do Tema I.

**Área de Intervenção:**

Área de intervenção atribuída em contexto de grupo a cada um dos estudantes;

**Metodologia:**

1. O trabalho deverá ser realizado individualmente;
2. Cada estudante deverá socorrer-se dos meios que julgar conveniente para o desenvolvimento deste exercício;
3. O trabalho deverá evidenciar quer a autonomia, quer a capacidade de problematização de cada estudante.

**Entregas e Avaliação:**

O resultado deste exercício deverá ser integrado no contexto da entrega final de PFA

**Modelo de Apresentação**

A decisão do suporte em que o exercício é desenvolvido fica a cargo de cada estudante, devendo contudo ser realizado relatório a integrar o caderno de formato 21x21 cm.

## LABORATÓRIO DE CULTURA ARQUITECTÓNICA CONTEMPORÂNEA

Docente: Ana Vaz Milheiro

Ano lectivo: 2012/2013

### **Tema:**

*Mundos Ficcionalados*

*Seis cidades africanas – planos urbanos entre 1940 e 1974*

### **Apresentação:**

O Estado Novo “inventou” um território urbano capaz de homogeneizar algumas paisagens construídas. É esse território que vamos analisar a partir de seis cidades, uma no continente europeu e as restantes em África. Os desenhos – ou os planos directores – funcionam como um “guião” que se vai transformando à medida que princípios deterministas começam a apresentar lacunas. Os desenhos mais geométricos e positivistas, de uma primeira fase, dão progressivamente lugar a esquemas mais adaptáveis e moldáveis, de uma segunda e terceira investida estado-novista, e à medida que os arquitectos descobrem as culturas locais. Paradoxalmente, também são os “planos amáveis”, aqueles que menos sobrevivem ao tempo, enquanto as geometrias rígidas prevalecem. Com o tema deste ano pretende-se promover leituras sobre a construção do território como um lugar ficcionado e por isso expressão de diversas narrativas que se sobrepõem, completam ou anulam.

### **Metodologia:**

Os trabalhos decorrem em duas fases.

1º semestre: os alunos organizam-se em três grupos de trabalho, distribuindo entre si as seis cidades. Fase de pesquisa em arquivos (Arquivo Histórico Ultramarino e Centro de Documentação do IPAD, etc.), bibliográfica e entrevistas. Abordagem inicial aos casos de estudo. São produzidos

um relatório e três recensões de grupo. A primeira recensão parte da análise comparativa dos filmes **A Costa dos Murmúrios**, de Margarida Cardoso (2004) e **20, 13**, de Joaquim Leitão (2006) numa tentativa em identificar esquemas de representação do território africano, através do cinema, no imaginário português recente. Pretende-se que cada grupo produza não um documento escrito, mas ilustrado, a partir do visionamento sugerido pelos dois filmes. As recensões seguintes inscrevem-se numa metodologia mais convencional, analisando os livros dos arquitectos Francisco Castro Rodrigues, **Um Cesto de Cerejas, Conversas, Memórias, uma vida** (organização e introdução de Eduarda Dionísio, Lisboa: Casa da Achada, 2009); e Pancho Guedes, **Manifestos Ensaio Falas Publicações** (Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2007).

2º semestre: cada aluno encontra a sua linha individual de pesquisa dentro do tema geral. A pesquisa bibliográfica torna-se mais específica. A análise é individual e pretende-se original.

É produzido um trabalho final com cerca de 26 páginas dactilografadas. Documentação fotográfica, imagens, entrevistas, etc., são incluídos em anexo e não são contabilizados nas 26 páginas finais.

Cada aluno deverá juntar ao trabalho de projecto final o relatório produzido em grupo (facultativo) e o trabalho final individual.

## **CIDADES**

1. Lisboa;
2. Praia;
3. Bissau;
4. São Tomé;
5. Luanda;
6. Maputo.